ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

COMO ESTÁ SOLITÁRIA!

LAMENTAÇÕES NA PESQUISA CIENTÍFICA

MARCOS CALOVI

MESTRADO EM TEOLOGIA

Área de Concentração: Bíblia

São Leopoldo, janeiro de 2006

COMO ESTÁ SOLITÁRIA!

LAMENTAÇÕES

NA PESQUISA CIENTÍFICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

por

Marcos Calovi

em cumprimento parcial das exigências

do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia

para a obtenção do grau de

Mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia
São Leopoldo, RS, Brasil
Janeiro de 2006

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador:

_____

Prof. Dr. Nelson Kilpp (Presidente)

2º Examinador:

_____

Prof. Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero (EST-IEPG)

3º Examinador:

_____

Prof. Dr. Renatus Porath (FLT)

CALOVI, Marcos. *Como está solitária!*: Lamentações na Pesquisa Científica. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006.

SINOPSE

Esta é uma pesquisa sobre o livro de Lamentações no horizonte do método histórico-crítico. O primeiro capítulo explora o título do livro e sua posição no Cânon hebraico. No segundo capítulo são apresentadas as principais concepções quanto à autoria de Lamentações, relacionando-as ao contexto interpretativo da obra. O terceiro capítulo considera a influência de tendências da pesquisa veterotestamentária na análise e restauração do Texto Massorético de Lamentações, indicando propensões da atualidade. O quarto capítulo discorre sobre o modo de composição do livro. Considera se foi concebido como uma unidade ou se os seus capítulos foram surgindo ao longo de décadas e séculos, se é obra de uma pessoa, de várias ou de grupos, delineando, no caso de supor-se uma composição paulatina, as possíveis seqüências do seu surgimento. Também se considera em que período e lugar se deu a composição do livro como um todo. O quinto capítulo trata de dois recursos poéticos presentes em Lamentações e buscam-se sinais de estruturação poética do livro como um todo. As diversas referências ao alfabeto hebraico em diferentes modalidades e as interpretações derivadas deste recurso são submetidas a análise. Aborda-se também a assim chamada métrica em quiná, as particularidades sintáticas características do enjambement e as implicações deste fenômeno na concepção da poesia hebraica. O sexto capítulo aborda a influência dos lamentos sumérios por cidades e de gêneros relacionados nos lamentos por cidades e em Lamentações. Por fim, o sétimo capítulo apresenta o modo como a questão de gênero do livro de Lamentações é discutida na atualidade.

CALOVI, Marcos. *Como está solitária!*: Lamentações na Pesquisa Científica. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006.

ABSTRACT

This is a presentation of the research into the book of Lamentations under the perspective of the historical critical method. The first chapter informs about the title of the book and its position within the hebrew Canon. In the second chapter the chief propositions concerning the authorship of Lamentations are presented, relating them to the interpretative context of the book. The third chapter considers the influence of tendencies in Old Testament studies in the analysis and restoration of the Massoretic Text of Lamentations, pointing to the present trends. The fourth chapter states the ways in which the composition of this book is supposed to have taken place. It considers whether it was conceived as a whole or its chapters came out in decades or centuries, whether it was the work of a person, of several persons or of various groups, and appointing, in case a gradual composition is supposed, the possible sequencies of its emergence. It also ponders in which period the composition of the book as a whole took place, and where it came into being. The fifth chapter deals with two poetic devices present in Lamentations and inquires for structuring poetic markers of the book as a whole. The reference to the hebrew alphabet in different modalities is examined as well as the deriving interpretations of this device. The so called qinah-metric and the syntactic particularities of the enjambment are exposed as well as the implications of that phenomenon in the conception of hebrew poetry. The sixth chapter explores the discussion about the characteristics and influence of the Sumerian city-laments and related genres on the city-laments and Lamentations. The seventh chapter presents the way the question of genre is dealt with specially in the present time.

Agradeço a tantas pessoas que colaboraram
para a realização desta pesquisa e que, direta ou indiretamente,
contribuíram para que me tornasse um Mestre.
Sou grato pela inspiração que recebi de grandes mestres e amantes da Bíblia,
como o Prof. Dr. Milton Schwantes e o estimado Prof. Dr. Tércio Machado Siqueira,
pelo apoio recebido da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista,
pela oportunidade de estudar Antigo Testamento na Alemanha,
pela acolhida e acompanhamento do Prof. Dr. Erhard S. Gerstenberger,
pelo apoio do Behörde für Weltmission da Evangelisch-methodistische Kirche alemã,
pela oportunidade de aprender com o Prof. Dr. Otto Kaiser
e pela convivência na Philipps-Universität Marburg.

No período em que estive cursando o Mestrado
no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
me foram fundamentais o custeio dos estudos
pela CAPES e pelo Centro Universitário Metodista IPA.
Agradeço a solidariedade da colega Revda. Me. Jussara Rotter Cavalheiro,
do Instituto Teológico João Wesley e seu Conselho Diretor,
da Igreja Metodista na 2ª Região e seu Bispo Me. Luiz Vergílio Batista da Rosa.
A Martin-Luther-Bund auxiliou-me com a doação de livros importantes,
e não poderia deixar de mencionar valiosíssiomo empenho do Prof. Dr. Uwe Wegner e
de Ediana Kumm Kipper na obenção de boa parte da bibliografia utilizada.

De modo muito especial quero expressar meu reconhecimento
ao caríssimo Prof. Dr. Nelson Kilpp, meu Orientador,
que apoiou e soube direcionar com sabedoria e percepção meus intentos de estudo,
por sua constante disposição, tantas vezes abrindo novos espaços em sua agenda.
A sua companheira Prof.ª Me. Sônia Gomes Mota sou grato pela amizade e generosidade.

A Leonira, que, além de pastora luterana dedicada, é companheira e mulher amada,
afirmo que somente por seu apoio, trabalho, paciência, abnegação, amor e inspiração
esta pesquisa e esta dissertação puderam se realizar.
Agradeço-lhe imensamente esta vitória, desejando com ela compartilhar suas alegrias.

Dedico esta pesquisa aos que sofrem,
aos que buscam a Deus em meio às angústias da vida,
aos que amam e choram pela vida em meio à morte,
aos que brigam com tudo e com Deus por uma vida digna e plena,
aos que têm coragem de ver e exorcisar os horrores do mundo,
reformulando as tradições, a vida e a fé.

SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA 3
SINOPSE 4
ABSTRACT 5
AGRADECIMENTOS 6
DEDICAÇÃO 6
INTRODUÇÃO 10
1. TÍTULO E POSIÇÃO NO CÂNON 13
1.1. Título 13
1.2. Posição no Cânon 14
2. AUTORIA 15
2.1. Situação e atribuição inicial do texto 15
2.2. Questionamento da autoria jeremiânica 15
2.3. Análise terminológica 16
2.4. Defesa da autoria jeremiânica 17
2.5. As hipóteses de autoria não-múltipla 18
2.6. As hipóteses de autoria fundamentadas no padrão da quiná 21
2.7. As hipóteses de compilação e composição de poemas pré-existentes 24
2.8. As hipóteses de autoria coletiva 26
2.8.1. A proximidade do extinto culto em Jerusalém. 26
2.8.2. A proximidade de círculos proféticos. 28
2.8.3. A proximidade do ideário monárquico e/ou sionista. 30
2.8.4. A proximidade de círculos da sabedoria tradicional 32
2.9. A consciência de não saber 33
2.10. As mulheres e a composição de Lamentações 34
2.11. Lamentações como expressão própria de sobreviventes traumatizados 36

3. TENDÊNCIAS NA CRÍTICA TEXTUAL DE LAMENTAÇÕES 38
3.1. Observações iniciais 38
3.2. Budde – alterações metri causa 39
3.3. A fase do estabelecimento crítico do Texto Massorético 41
3.4. A revalorização do Texto Massorético frente às versões 42
3.5. A influência do Panorientalismo e do Pan-ugaritismo 42
3.6. Tendências atuais na Crítica Textual de Lamentações 44
4. ASPECTOS COMPOSICIONAIS, OCASIÃO E LOCALIZAÇÃO 48
4.1. O processo de surgimento ou composição de Lamentações 48
4.1.1. Hipóteses de composição simultânea sob a mesma orientação 48
4.1.2. Hipótese de composição simultânea a partir do trabalho de vários grupos 50
4.1.3. Hipóteses de composição mormente simultânea com acréscimo(s) 51
4.1.4. Hipóteses de composição ligeiramente diacrônica sob a mesma orientação 52
4.1.5. Hipóteses de composição diacrônica parcialmente independente 54
4.1.6. Hipóteses de composição diacrônica independente 55
4.2. A época ou as épocas do processo composicional 58
4.3. A localização provável 60
5. ASPECTOS DA ESTRUTURA POÉTICA 62
5.1. O recurso ao Acrosticismo Alfabético e "Alfabetizante". 62
5.1.1. Definições de acrosticismo e características das ocorrências em Lamentações 62
5.1.2. Correlação com outros textos acrósticos, alfabéticos e "alfabetizantes" 63
5.1.3. A razão e o sentido do acrsoticismo alfabético e "alfabetizante" 64
5.2. A métrica e sintaxe em Lamentações - "Quiná" e "Enjambement". 66
5.2.1. Karl Budde e a métrica em quiná 66
5.2.2. Avaliação mais recente da chamada métrica em quiná 67
5.2.3. Enjambement e a métrica em quiná 69
5.3. As macroestruturas poéticas em Lamentações 71
6. A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO VÉTERO-ORIENTAL 74
6.1. Os gêneros mesopotâmicos relacionados ao lamento por uma cidade 74
6.1.1. Os lamentos sumérios por uma cidade destruída 74
6.1.2. Gêneros precursores: maldições, etc. 89
6.1.3. Gêneros contemporâneos: hinos reais, inscrições reais, etc. 91
6.1.4. Gêneros derivados: cânticos rituais para restaurar templos e santuários 91
6.2. A influência no profetismo e em Lamentações 92
6.2.1. A personificação de Sião/Jerusalém no profetismo e em Lamentações 94
7. O GÊNERO DE LAMENTAÇÕES 98
8. OUTROS ASPECTOS DA PESQUISA RECENTE 102
CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESAFIOS DA PESQUISA ATUAL 105
OBRAS CITADAS E OBRAS CONSULTADAS 107

INTRODUÇÃO

As leituras e análises que alimentam esta pesquisa sobre o livro de Lamentações e seu diálogo com o mundo científico já perfazem décadas. Desejando aprofundar-me na produção teológica e litúrgica do período exílico palestinense, escolhi como ponto de partida esta obra pouco conhecida e que, além disso, tratava do sofrimento humano e parecia ter alguma relação com o profetismo de fins do período pré-exílico. A busca de literatura especializada no Brasil e na Argentina, na década de 1980, não me satisfez. À medida que trabalhava nos detalhes da tradução e na resenha das obras disponíveis, maiores ficavam as dúvidas quanto a questões fundamentais deste tão pequeno livro bíblico. Uma oportunidade de estudos na área de Antigo Testamento junto ao Prof. Dr. Erhard S. Gerstenberger em Marburg, Alemanha, deu-me melhor acesso à produção deste pesquisador e à de seu colega Prof. Dr. Otto Kaiser. Também ali tive o privilégio de freqüentar disciplinas e de obter acesso à área da Orientalística Antiga, inclusive ao precioso acervo bibliográfico ali disponível. A monografia da graduação em Teologia reflete já algo desta caminhada com Lamentações[1]. Ao revisar o andamento da pesquisa em Lamentações após o retorno ao Brasil e vários anos de trabalho pastoral percebi, a partir dos recursos bibliográficos e tecnológicos disponibilizados pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (EST), que muitas das percepções que tive se concretizavam em publicações de fôlego, artigos e teses doutorais. Foi então que, sob a orientação do Prof. Dr. Nelson Kilpp, retomei este trabalho, com o objetivo de trazer a quem estuda teologia

[1] CALOVI, Marcos. *Lamentações Capítulo Dois*: Clamor, memória e resistência se transformam em canção no Exílio Palestinense. São Bernardo do Campo: Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. 1990. 120p. (monografia de graduação)

no Brasil e na América Latina um panorama atualizado[2] da pesquisa sobre este livro bíblico e desejoso de avançar na percepção da influência profética em Lamentações.

A presente dissertação apresenta, portanto, os principais temas da pesquisa sobre o livro de Lamentações, buscando discutir as posições existentes e apresentar novas proposições e tendências. A disposição dos capítulos tenta abordar separadamente alguns temas que, por uma parte, não carecem de tantos esclarecimentos e, por outra parte, em sua complexidade, comunicam-se com outros temas de modo bastante profundo.

Inicialmente há um brevíssimo capítulo incial retomando sucintamente questões básicas, relacionadas ao título e posição no Cânon. Trata-se aqui de estabelecer algumas informações básicas, a muitas das quais há referência posterior no corpo da obra.

O segundo capítulo trata da autoria de Lamentações, expondo as principais atribuições e discutindo influências postuladas para o livro. Associado a Jeremias pela LXX, esta atribuição começou a ser questionada na Era Moderna, recebendo defesas e contestações com muitas variantes. Discute-se, por exemplo, se o livro teve autoria individual ou coletiva, se surgiu a partir de porções textuais pré-existentes à composição final, se a composição do todo seguiu por um padrão inspirado em uma relação entre as partes das linhas poéticas, denominadas "quiná", e se houve influênica de mulheres, de pessoas traumatizadas, de círculos proféticos, monárquicos ou ainda sapienciais.

No terceiro capítulo busca-se expor algo das tendências percebidas no que tange à Crítica Textual de Lamentações. Por mais que se proponha ser uma atividade prioritariamente técnica, o estabelecimento do texto hebraico "original" inclui elementos de subjtividade. Exegetas são pessoas humanas, e, em algum momento isto acaba influenciando a visão que têm do mundo, da Antigüidade, do contexto envolvido no texto em questão. No caso de Lamentações, as tendências da própria pesquisa científica deixarão suas marcas, algumas das quais são identificadas neste capítulo.

Intimamente relacionadas à questão da autoria, já tratada no segundo capítulo, estão as perguntas pela composição, ocasião e localização de Lamentações, que são objeto do

[2] As traduções no interior desta pesquisa são de responsabilidade própria.

quarto capítulo. No que tange à composição há uma grande variedade de concepções. Esta pesquisa as agrupa de acordo com critérios próprios: grosso modo, se a composição é sincrônica ou diacrônica, se ela foi concebida por uma ou mais pessoas. O leitor ou a leitora são convidados a retomarem abordagens relativas à autoria, já tratadas no segundo capítulo, devido às diversas imbricações que há entre estas questões, o que vale também para temas relacionados à época ou épocas de composição e a provável localização geográfica de seu surgimento.

O quinto capítulo aborda alguns aspectos mais discutidos da estrutura poética de Lamentações. O recurso ao acrosticismo alfabético, presente em quatro dos capítulos e suposto para o quinto, é descrito com a exposição das diferentes interpretações oferecidas pelos estudiosos. A métrica em quiná, postulada por Karl Budde e que ainda tem influência nas abordagens deste texto, é apresentada em sua formulação e em suas novas percepções a respeito. O recurso ao enjambement e suas implicações são outro objeto de atenção. Algumas considerações sobre uma macroestrutura poética em Lamentações e eventuais "marcadores" apontam ainda para uma leitura prevalentemente simultânea do texto em algumas correntes contemporâneas de interpretação do texto bíblico.

O sexto capítulo traz alguns aspectos da influência do contexto vétero-oriental em Lamentações e no profetismo, tendo como foco principal os gêneros sumérios de lamento por cidades destruídas, os gêneros precursores e aqueles que deles se derivaram. Fruto de uma extensa pesquisa anterior, este capítulo detalha aspectos da configuração do gênero do lamento por cidades no âmbito mesopotâmico cuja discussão atual é pouco conhecida no contexto latinoamericano. O capítulo explora esta influência no contexto hebraico, especialmente no profetismo, onde o fenômeno da personificação de cidades e de Sião recebe um destaque especial.

No sétimo capítulo há uma sucinta abordagem do gênero literário de lamentações, um problema bastante complexo e que recebe aqui basicamente algo do frescor atual das ponderações a respeito. Bastante relacionado ao capítulo anterior, que já trata de influências mesopotâmicas no contexto palestino, estas páginas voltam-se para a discussão no contexto específico da exegese bíblica recente, focalizando mais, portanto, as fontes bíblicas. Por fim, aponta-se para questões em aberto na pesquisa.

1. TÍTULO E POSIÇÃO NO CÂNON

1.1. Título

O conjunto de textos a que nos referimos aqui como "Lamentações" deve esta denominação à expressão latina "lamentationes", que aparece no acréscimo introdutório da Vulgata ampliando o sentido do título original: "Threni". Este é reflexo do correspondente "Θρηνοι", utilizado pela LXX ao traduzir a expressão hebraica "קינות", que significa "elegias, cantos fúnebres". Em ambos os casos há uma breve frase introdutória anteposta pelas citadas versões[3], cuja finalidade é situar melhor o Texto Massorético (TM), atribuindo-o também a Jeremias. Também a versão siríaca, a Peschitta, procura apresentar e definir melhor o texto bíblico precedendo-o por uma frase em que o denomina de "קינות" e o refere a Jeremias. O Talmud Babilônico, no tratado Baba Bathra, introduz Lamentações nas folhas 14b e 15a, referindo-o como "קינות" atribuídas ao profeta e sumo sacerdote Jeremias, assim como também lhe atribui o livro de Reis e aquele com seu nome. Em 2 Cr 35.25 já temos esta expressão hebraica com artigo ligada a Jeremias, ainda que ali não deveria tratar-se de uma referência ao livro de Lamentações mas a lamentos compostos para Josias. Embora não ocorra uma única vez no livro de Lamentações, קינות parece ter sido uma denominação bastante antiga usada para referir-se ao livro. Ela foi traduzida ao grego, ao latim, e ao siríaco, passando a denominar, nos dois primeiros casos, a tradução da obra. Renkema, entre outros, considera que esta tenha sido a denominação mais antiga do

[3] A LXX antepõe ao TM a frase: "καὶ ἐγένετο μετὰ τὸ αἰχμαλωτισθῆναι τὸν Ισραηλ καὶ Ιερουσαλημ ἐρημωθῆναι ἐκάθισεν Ιερεμιας κλαίων καὶ ἐθρήνησεν τὸν θρῆνον τοῦτον ἐπὶ Ιερουσαλημ καὶ εἶπεν...". A Vulgata, por sua vez, amplia esta nota introdutória como segue: "Threni i.e. lamentationes Jeremiae prophetae: Et factum est, postquam in captivitatem redactus est Israel et Jerusalem deserta est, sedit Jeremias propheta flens et planxit lamentatione hac in Jerusalem et amaro animo suspirans et eiulans dixit".

conjunto de cânticos: "O fato de que o nome foi utilizado pelas mais antigas tradições judaicas para os cinco cânticos que designa é evidente por seu uso na Septuaginta..." [4]. No judaísmo o livro é denominado ספר קינות (livro de lamentos [fúnebres]) ou מגלת קינות (rolo de lamentos [fúnebres]). Ora, esta denominação, que parece não confluir plenamente com o conteúdo do livro como um todo, reflete os traços, em certos pontos bastante fortes, do gênero do lamento fúnebre presentes no texto. Um destes traços é a expressão hebraica que abre os capítulos 1, 2 e 4, e que, como expressão inicial do livro, é também utilizada para indicá-lo nos manuscritos hebraicos: "אֵיכָה". Esta expressão de dor parece característica específica do canto fúnebre, e é traduzida como "Ah!" ou "Ah! Como...", e se encontra normalmente no início de frases, funcionando como uma interjeição que introduz uma justificativa ou motivação para o pesar.

1.2. Posição no Cânon

O livro de Lamentações teve inicialmente várias posições no interior do grupo dos Escritos. No Talmud Babilônico ocupa a sétima posição entre os Escritos, aparentemente seguindo uma cronologia dos supostos autores. Com a organização do grupo dos "rolos" de utilização litúrgica, os Megillot (מגלת), Lamentações foi incluído dentro da ordem cronológica dos supostos autores, ou na seqüência de utilização anual dos cinco rolos. Apenas excepcionalmente, manuscritos hebraicos dos séculos XV e XVI colocam os Megillot intercalados entre o Pentateuco e o bloco dos Profetas, enquanto que outros manuscritos intercalam estes livros individualmente entre os livros do Pentateuco. Note-se que, nos manuscritos hebraicos, este livro situa-se, normalmente, entre os Escritos. Esta posição contrasta, mas não conflita com a sua posição junto ao livro de Jeremias, adotada pela LXX, Vulgata e posteriormente pela tradição cristã.

[4] RENKEMA, Johan, *Lamentations*. Leuven: Peeters, 1998, p. 33. No original: "The fact that the name was employed by the oldest Jewish traditions for the five songs it designates is evident from its use in the Septuagint...".

2. AUTORIA

2.1. Situação e atribuição inicial do texto

Embora o texto hebraico silencie absolutamente quanto à autoria de Lamentações, se pode observar que, partindo dos preâmbulos das versões grega e latina, surgiu muito cedo, na história traditiva do texto, a idéia de que Jeremias pudesse ter sido o autor de Lamentações. Como acima indicado, também a versão siríaca e o Talmud Babilônico adotam esta posição, já partilhada pelo historiador Flavio Josefo[5]. Talvez essa idéia pairasse no ar quando da formulação de 2 Cr 35.25, que, no entanto, apresenta um indício muito fraco para postular uma tradição mais antiga sobre a autoria jeremiânica de Lamentações. Seja lá de quando esta datar, o fato é que não há indícios crítico-textuais convincentes de sua originalidade. Apesar disso, a autoria jeremiânica se difundiu amplamente até o final da idade moderna.

2.2. Questionamento da autoria jeremiânica

Data de 1712 a primeira notícia que se tem de um questionamento da autoria jeremiânica. No entanto, a mesma caiu no esquecimento logo após levantar uma alternativa consensualmente desconsiderada: Hermann von der Hardt[6] propôs atribuir os cânticos individualmente a cinco personagens exílicos[7]: Daniel, Sadraque (Hananias), Mesaque (Misael), Abede-Nego (Azarias)[8] e o rei Jeconias. Foi apenas um século após que se

---

[5] Cf. Antiguidades Judaicas X, 78s.

[6] VON DER HARDT, Hermann. *Threnos, quos vulgus Jeremiae tribuit, in academia Julia in gemini jubilaei celebritate in utriusque honorem et memoriam publice recensendos inicit a. MDCCXII pridie calend. Novembris*. Helmstad: [s.n.], 1712.

[7] Cf. BERGES, Ulrich. *Klagelieder*. Freiburg im Breisgau etc.: Herder. 2002, p. 34.

[8] Quanto aos três nomes menos conhecidos, trata-se de personagens bíblicos aparentemente fictícios situados na época exílica , cf. Dn 1.4-7.

iniciou um efetivo debate acadêmico sobre o tema. Em 1819, um anônimo recensionista[9] de W. M. L. de Wette questiona a pressuposta autoria jeremiânica de Lamentações. Pelo estilo demasiado artificioso do texto, dificilmente seria reputável a um sério "homem de dores" como Jeremias[10]. Em 1855, Thenius publica o primeiro comentário de nosso conhecimento no qual se questiona e se rejeita tal autoria[11]. Em 1872 Keil[12] insere-se na discussão, colocando-se a favor da tese tradicional. Na mesma época, em 1877, Flöckner[13] publica um texto de quase cem páginas sobre o tema em que defende apaixonadamente o envolvimento emocional do profeta, claramente perceptível nos cânticos de Lamentações.

2.3. Análise terminológica

Uma nova fase em que conta a terminologia é prenunciada em 1868, quando Naegelsbach[14] rejeita a autoria jeremiânica de todo o livro com base em argumentos de cunho lingüístico. Em 1888 Pick[15] afirma que apenas o cap. 3 é jeremiânico. Mas só em 1894 Löhr[16] irá iniciar sua detalhada exposição sobre a terminologia de Lamentações. Comparando-a com a de Jeremias, ele observa que o vocabulário comum aos dois livros é quatro vezes maior do que o não-comum, mas considera que esta porção menor exclusiva de cada livro é especialmente importante para Lamentações. Sua conclusão é que traços de terminologia jeremiânica são perceptíveis, mas em grau insuficiente para que se postule uma autoria jeremiânica de Lamentações. Pois, em primeiro lugar haveria importantes afinidades desta ordem também com Ezequiel, Salmos, Deuteronômio e o Dêutero-Isaías. Além disso, ele assinala várias e importantes diferenças de conteúdo entre Jeremias e Lamentações[17], tais como de ponto de vista, postura diante da realidade e experiências vividas. Estas diferenças conferem um alto grau de improbabilidade à autoria jeremiânica deste livro, e ele as considera conhecidas no âmbito científico de então. Tomados, entre

---

[9] A referência citada por Wiesman (comentário, p. 56 cf. abaixo) estaria em: *Theologische Zeitschrift*. Tübingen: [s.n.], 1819, vol. 1, p. 69.
[10] Cf. Ibidem, p. 69.
[11] THENIUS, O. *Die Klagelieder*. Leipzig: Hirzel. 1855, apud C. W. Miller, *CBR*, 2002, vol. 1, p.10 e 28.

[12] KEIL, C. F. *Biblischer Commentar über den Propheten Jeremia und die Klagelieder*. Leipzig: [s.n.], 1872, p. 548ss. Tradução ao inglês: Idem. The Lamentations of Jeremiah. In: Idem. *The Prophecies of Jeremiah.* Grand Rapids: Eerdmanns, 1950, vol.2, p.333-455. Traduzido ao inglês por J. Kennedy. (BCOT).
[13] FLÖCKNER, C. Über den Verfasser der Klagelieder. In: *Theologische Quartalschrift*. Tübingen: [s.n.], 1877, vol. 59, p. 187-280 apud WIESMANN, Hermann. Der Verfasser des Büchleins der Klagelieder – ein Augenzeuge der behandelten Ereignisse? In: *Biblica*, [s.l.: s.n.], 1936, vol. 17, p. 77.
[14] NAEGELSBACH, C. W. E. *Die Klagelieder*. Bielefeld e Leipzig: [s.n.], 1868.
[15] PICK, S. *Das dritte Capitel der Klagelieder in seinem sprachlichen Verhältnis zu den Weissagungen Jeremias. Inaugural-Dissertation (phil. Fac. Leipzig).* Breslau: [s.n.]. 1888.
[16] LÖHR, Max. Der Sprachgebrauch des Buches der Klagelieder. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaf*. [s.l.: s.n.], 1894, vol. 14, p. 31-50.

outros, de Löhr, Rudolph[18] e Berges[19], eis aqui alguns questionamentos relativos ao conteúdo, de acordo com a apresentação deste último.

> Será que Jeremias teria composto cinco poemas sobre o mesmo assunto em uma composição poética? Será que ele se teria colocado em tanto destaque quanto o homem de Lm 3.1? Em contraste com tal homem, Jeremias não parecia sentir-se sob juízo divino cf. Jr 15.16; 17.16. Estando Jeremias em tanto conflito com profetas hierosolimitanos (Jr 27-28), teria ele se queixado de que não havia mais revelação aos profetas (Lm 2.9)? Também soam estranhas as palavras sobre a vã espera de ajuda [do Egito] e sua decepção pelo frustrado resgate do rei ungido (Lm 4,17.20; vide Jr 2,18; 37,5-10.17-19). Também para Jeremias a catástrofe não veio como surpresa, mas foi por ele anunciada (Jr 26,4-6). Será que o curto tempo que Jeremias permaneceu na terra após a catástrofe (Jr 41-42) teria sido suficiente para que descrevesse a situação local como se encontra descrita em Lm 5. Se Jeremias fosse mesmo o autor desta composição, ela teria sido integrada ao livro profético à semelhança do que foi feito com textos como Jr 52 e Is 36-39.[20]

Esta análise e argumentação vieram à consciência na fase de desenvolvimento do método histórico-crítico, no início da idade contemporânea, e formam os parâmetros da discussão sobre o assunto até os dias de hoje.

2.4. Defesa da autoria jeremiânica

Na seqüência de Cannon[21], o jesuíta Wiesmann foi o último grande defensor da autoria jeremiânica de Lamentações, especialmente em um artigo[22] e no seu comentário[23]. Nesta última obra, escrita até 1948 mas publicada somente após sua morte em 1954, ele defende ardentemente a autoria jeremiânica, mas considera-se isolado entre os eruditos. "Hoje não se encontra mais entre os críticos quem defenda [a autoria de Lamentações] para Jeremias"[24]. Ele se esforça por levantar uma vasta lista de afinidades entre Jr e Lm e

---

[17] LÖHR, Max. *Die Klagelieder des Jeremias übersetzt und erklärt*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1906, p. xiii-xiv. (HAT 3, vol.2, parte 2.)
[18] RUDOLPH, Wilhelm. Die Klagelieder. In: *Das Buch Ruth. Das Hohe Lied. Die Klagelieder.* Gütersloher: Gütersloh, 1962, p. 196s.
[19] BERGES, op. cit. p. 35. O texto que segue reproduz em linhas gerais uma porção do texto citado.
[20] Vide nota anterior.
[21] CANNON, W. W. The Authorship of Lamentations. In: *Bibliotheca Sacra. A theological quarterly*, Washington: [s.n.], 1924, vol. 81, pp. 42-58.
[22] WIESMANN, Hermann. Der Verfasser des Büchleins der Klagelieder – ein Augenzeuge der behandelten Ereignisse? In: *Biblica*, 1936, vol. 17, p. 71-84.
[23] Idem. *Die Klagelieder übersetzt und erklärt*. Frankfurt: Philosophisch-theologische Hochschule Sankt Georgen. 1954, p. 54-84. (datilografado)
[24] Ibid., p. 57. Glossa interpretativa própria. No original: "Heute findet sich unter den Kritikern wohl niemand mehr, der für Jeremias einträte".

retoma depois, um a um, os argumentos contrários para tentar relativizá-los. Harrison[25] pensa também que Jeremias seja o melhor candidato à autoria de Lamentações, mas reconhece as dificuldades de defender sua posição. O comentarista explica que a afinidade maior do texto de Lamentações com Ezequiel, certos salmos e a última parte de Isaías do que com Jeremias tem sido usada como argumento contra a consideração deste profeta como autor de Lm, mas afirma não haver evidências para a datação de partes do texto de Isaías após o 8º século a.C., o que enfraqueceria a posição dos que rejeitam a autoria jeremiânica de Lamentações. Se não pode sustentar a autoria jeremiânica, Harrison certifica o leitor de que Lamentações foi obra de um único autor, testemunha ocular dos fatos. Segundo Miller[26], na atualidade ainda Guest[27], Huey[28], Dennison[29] e Lee[30] são defensores (aparentemente de pouca expressão na pesquisa) desta posição.

2.5. As hipóteses de autoria não-múltipla

Mesmo descartando-se Jeremias como autor, a defesa da composição de todos os cinco capítulos por uma mesma pessoa ou grupo ainda encontra adeptos e adeptas. Rudolph[31] pensa que não há como postular uma autoria jeremiânica, mas não deixa de considerar as grandes afinidades internas entre os cantos de Lamentações apontadas por Wiesmann[32], e entende que apenas a hipótese de uma autoria única poderia explicar este quadro de coerências e "ressonâncias" intratextuais. Ele postula o surgimento de Lm 1 durante o primeiro cerco a Jerusalém, em 597 a.C., e relaciona os demais capítulos como desenvolvimentos de Lm 1. Isso inclui Lm 3, que teria sido formulado como se fora expressão de Jeremias, de acordo com uma visão de profeta corrente na época de sua composição, a qual também se fez presente em porções não-jeremiânicas incorporadas

---

[25] HARRISON, R. K. Lamentações. In: *Jeremias e Lamentações. Introdução e Comentário.* Tradução de Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, [1973] 1980, p. 153-189. Aqui, especialmente p. 157-158.

[26] MILLER, C. W. The Book of Lamentations in Recent Research. In: *Currents in Biblical Research*, Londres e New York: Continuum, 2002, vol. 1, p. 9-29.

[27] GUEST, D. *Jeremiah, Lamentations*.Waco:Word Books,1988..(ComC,17). Cf. p.349.

[28] HUEY Jr, F. B. *Jeremiah, Lamentations*. 1993. Nashville: Broadman. (NAC, 16)

[29] DENNISON, J. T. The Lament and the Lamenter: Lamentations 3.1-23. In: *Kerux*. 1997, vol. 12, p. 30-34. Disponível em <http://www.kerux.com/documents/keruxv12n3a2.asp> Acesso em 10.09.2004.

[30] LEE, N. C. *The Singers of Lamentations: Cities under Siege, from Ur to Jerusalem to Sarajevo*. Richmond: Presbyterian School of Christian Education, 2000. (tese doutoral não publicada) apud: C. W. Miller, op. cit., 2002, p. 10 e 25. Berges cita uma obra com nome quase idêntico, publicada em Leiden: Brill, 2002. (BIS, 60).

[31] RUDOLPH, Ibid., passim.

[32] WIESMANN, Ibid., p. 45ss.

àquele livro profético. Também Plöger[33] considera as afinidades internas indícios -não evidências- de uma autoria única, sobre cuja identidade ou mesmo lugar social os textos apenas deixam entrever alguma proximidade ao extinto aparato estatal. Segundo Miller[34], também Guinan[35] não vê razão para postular diversos autores.

Uma curiosa hipótese atribui ao maior inimigo público de Jeremias a autoria dos quatro primeiros capítulos de Lamentações. Brunet[36] constrói, a partir da ocorrência de dois vocábulos subseqüentes com o sentido de "inimigo", em Lm 4.12, duas acepções bastante específicas para os termos no livro de Lamentações: uma (צַר) seria o inimigo externo ou estrangeiro, e a outra (אוֹיֵב) seria o inimigo interno, ou a oposição nacional às posturas do poder vigente. Ele diz ter chegado ao acaso a esta distinção, observando o texto, e ter encontrado em Marco Treves[37] apoio às conclusões de sua leitura. Ele vê no sumo-sacerdote e arquiinimigo de Jeremias, Seraías, o autor de Lm 1-4, mesmo divergindo da conclusão de Treves quanto à datação de Lamentações. Brunet reivindica para Lm 4 a primazia entre os cânticos, e destaca, nas imagens contrastantes de passado e presente especialmente no início deste capítulo, sinais da perspectiva da nobreza de Jerusalém que se considera aviltada pela nova dominação. O autor de Lm 1-4, o sumo-sacerdote Seraías, expressaria ali sua contrariedade com o que aconteceu à elite da nação. Contraditoriamente, no entanto, Brunet pensa que o autor percebeu os próprios erros de seu "partido", e assume uma parcela de culpa, mesmo sem mudar radicalmente de perspectiva. Culpados mesmos teriam sido, por fim, os falsos profetas, que teriam desservido à elite sacerdotal. Através deste artifício, ele viabiliza que até Javé assuma a figura de inimigo, mesmo permanecendo justo em sua atuação. Seria de se esperar, no entanto, que alguma responsabilização ou crítica contra um tal "inimigo interno" se externasse. Outro ponto fraco desta hipótese é a suposição de que Lm 3 teria sido composto mentalmente pelo sumo-sacerdote na própria cisterna na qual outrora Jeremias fora jogado. Brunet chega a argumentar com casos de presos que teriam formulado textos de memória na prisão, que

---

[33] PLÖGER, Otto. Die Klagelieder. In: *Die Fünf Megilloth.* 2. ed. reformulada. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1969, p. 129s.
[34] Loc. cit.
[35] GUINAN, M. D. Lamentations. In: R. E. Murphy, J. A. Fitzmyer e R. E. Brown (eds.), *New Jerome Biblical Commentary*. London: Geoffrey Chapman, 1990, p. 558-562.
[36] BRUNET, Gilbert. Jérémie et les Qînôt de son adversaire. In: P.-M. Bogaert (ed.), *Le livre de Jérémie. Le prophète et son milieu. Les oracles et leur transmision.* Leuven: Univ. Pr., 1997[2] (BETL, 54). Cf. tb. Idem. *Les Lamentations contre Jérémie: Réinterprétation des quartre premiéres Lamentations*. Paris: Presses Universitaires de France. 1968.

apenas mais tarde puderam chegar ao papel. Segundo Brunet, Lm 1-4 teria se completado, no máximo, até a vinda de Nebuzaradã, que trouxe a condenação do suposto autor e o fim de Jerusalém. Também aqui as falhas da hipótese tão artificialmente construída vêm à tona: a destruição do templo e da cidade, como expressa, por exemplo, em Lm 2, não condiz com o período anterior à destruição, quando supostamente teriam sido compostos os cânticos.

Moore[38] afirma a existência de uma coesão interna que, no entanto, não seria teológica mas temática. Não haveria uma perspectiva norteadora das partes, mas uma situação-limite humana, a qual, na diversidade de suas manifestações nos grupos sociais, seria o ponto de confluência que teria dado origem ao livreto. Ele percebe Lamentações como uma espécie de subsídio coerente para toda uma população que busca, como povo e como nação, trabalhar o luto, suas perdas e sofrimentos humanos. O autor rejeita a busca de outros comentaristas por uma vertente ou "chave" teológica predominante ou de uma mensagem teológica no livro, entendendo que este não é o objetivo principal da obra. Ele identifica como central a temática do sofrimento humano presente em todo o livro, a qual se expressa aí de formas variadas. Sua posição sugere um trabalho de compilação de expressões de grupos particulares, tingidas, talvez, com as ideologias próprias, mas voltada a uma outra finalidade. Para este trabalho de síntese, Moore prefere apostar na unidade do todo, seguindo argumentos de Wiesmann[39], supondo uma pessoa, mas deixa entender que a autoria de Lamentações deve permanecer incógnita.

Dobbs-Allsopp publicou recentemente um comentário[40] valioso para a pesquisa em Lamentações, como indicam seus recenseadores Moore[41] e Mandolfo[42], além de um

---

[37] TREVES, Marco. Conjectures sur les dates & les sujets des Lamentations. In: *Bulletin du Cercle Ern. Renan*, Paris: s.n., 1953, vol. 95, p. 1-4.

[38] MOORE, M. S. Human Suffering in Lamentations. In: *Revue Biblique*. Paris: [s.n.], 1983, vol. 90, p. 534-555.

[39] WIESMANN, Hermann Der Planmaessige Aufbau der Klagelieder Jeremias. In: *Biblica*, [s.l.: s.n.], 1926, vol. 7, p.146-161. Note-se que Moore distancia-se claramente da postura mais tarde expressa no comentário póstumo daquele exegeta, mas enaltece a qualidade de seu posicionamento no artigo citado. Cf. MOORE, M.S. op. cit., esp. p.542-544.

[40] DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Lamentations*. Louisville: John Knox. 2002. (Interpretation) xiv+159p.

[41] MOORE, Michael S. F. W. Dobbs-Allsopp, Lamentations (Interpretation; Louisville: John Knox, 2002), p. xiv + 159. $21.95. ISBN: 0-8042-3141-9. In: *Journal of Hebrew Scriptures*. [s.l.: s.n.], 2002 - 2003, vol. 4. Disponível em <http://www.arts.ualberta.ca/JHS/reviews/review037.htm> Acesso em 28.8.2004.

[42] MANDOLFO, Carleen. F. W. DOBBS-ALLSOPP, Lamentations (IBC; Louisville: Westminster John Knox, 2002). Pp. xiv + 159. $21.95. In: *The Catholic Biblical Quarterly*. [s.l: s.n.], 2003, vol. 65, p. 255-256.

verbete[43] sobre o mesmo tema. Neste último e mais sucinto texto a que esta pesquisa teve acesso, o exegeta é bastante direto quanto à autoria: "...enquanto o autor ou autores são desconhecidos, não há razão forte para supor que mais de uma pessoa teve responsabilidade por estes poemas"[44]. Ele dá grande ênfase ao aspecto lírico de Lamentações, e advoga uma cuidadosa elaboração do livro como um todo. Segundo ele, "respostas conflitantes... permeiam-se e modulam-se mutuamente"[45] formando uma unidade como uma obra de arte. Dobbs-Allsopp verifica no texto bíblico um tom trágico, sem final feliz ou esperança, o que reforçaria a noção de abandono divino, assinalado por Dobbs-Allsopp mesmo em passagens geralmente interpretadas de modo mais otimista, como Lm 3 e 5. Até o esvaziamento, em Lm 5, das características prevalentes em Lm 1-4 é por ele entendido como uma espécie de encaminhamento para o final da composição. Mas este exegeta é menos complexo em sua noção da integração dos diversos poemas do que o é Renkema[46].

2.6. As hipóteses de autoria fundamentadas no padrão da quiná.

A proposta de Budde[47], de que os versos em quiná[48] estariam na base da composição de todo o livro de Lamentações, tem sido retomada na pesquisa, ampliando a noção desta influência da seqüência métrica 3:2 para a estruturação do livro como um todo. Por via de regra, os autores que enfatizam a composição do todo como uma grande quiná também não vêem motivo forte para que se postulem autores diferentes para os capítulos ou lamentos individuais. Ainda assim, alguns atribuem a composição do todo a uma coletividade, o que permite reconhecer as diferenças entre os capítulos sem a necessidade de abrir mão da conexão suposta. Mencionem-se aqui Shea, Johnson e Renkema.

Shea[49] é o primeiro a sugerir claramente que a composição do conjunto de Lamentações se tenha feito inspirada de modo mais amplo na seqüência métrica 3:2[50],

---

[43] DOBBS-ALLSOPP, F. W. Lamentations, Book of. In: D. N. Freedman (ed.), *Eerdmans Dictionary of the Bible*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 785-787.
[44] Ibid., p. 785. No original: "...while the author or authors are unknown, there is no strong reason to suppose that more than one person was responsible for these poems".
[45] Ibid., p. 786. No original: "...images evoke conflicting responses which then permeate and modulate one another".
[46] Dobbs-Allsopp não fala de um paralelismo "horizontal" entre os poemas, como Renkema. Veja-se abaixo em detalhe a posição deste exeteta.
[47] BUDDE, Karl. Das hebräische Klagelied. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. [s.l.]: Walter de Gruyter, 1882, p. 1-52.
[48] Quanto ao estilo de verso em quiná, associado por Budde à lamentação fúnebre, veja-se abaixo 5.2.1.
[49] SHEA, William H. The *qinah* Structure of the Book of Lamentations. In: *Biblica* 1979, vol. 60, p. 103-107.
[50] Também 4:2 ou 2:1 ou ainda a primeira parte maior que a segunda

considerada característica aos versos em quiná. Trata-se, portanto, de uma métrica em que há uma propositada desigualdade entre os dois hemistíquios de cada verso. No caso de Lamentações, ele vê esta relação desigual entre as partes do verso expressa também na relação entre os versos dos três primeiros capítulos e dos dois últimos. Os três primeiros capítulos são formados por 22 tripletes de versos[51]. Os dois últimos capítulos são formados por 22 pares de versos no quarto capítulo e por 22 versos no quinto capítulo. Segundo seu raciocínio, haveria uma relação de quiná também entre os capítulos que compõem cada uma destas duas subdivisões. Os primeiros três capítulos formariam entre si uma relação 2:1 na expressão de seu acrosticismo alfabético: os dois primeiros capítulos formam seu acrosticismo alfabético apenas com o primeiro de cada três versos; já Lm 3 intensifica este recurso, formando o alfabeto pela consoante que se repete no início de cada um de três versos, completando 22 grupos de três versos iniciados respectivamente pela mesma consoante. Igualmente os dois últimos capítulos (Lm 4 e 5) revelariam esta relação 2:1 no número de versos: o capítulo 4 contendo 22 versículos, cada qual com dois versos, e o capítulo 5 com 22 versos-versículos. Enquanto o cap. 4 é acróstico alfabético, o cap.5 apenas tem o número de versos e versículos idêntico ao do número de letras do alfabeto hebraico. Com este argumento, ele defende uma autoria individual ou fruto de uma ação coordenada por um grupo.

Johnson[52], mesmo não tratando diretamente da autoria, igualmente dá ênfase à composição do conjunto, que ele também entende estar relacionado à forma de quiná. O livro teria seu centro enfático no capítulo 3, e a temática desta porção definiria melhor a mensagem do livro como um todo. Esta visão demanda uma autoria unificada ou uma composição final integrada.

Renkema[53] segue a análise de Shea, identificando na quiná o padrão subjacente não só aos versos, mas também ao livro como um todo e também aos capítulos individuais e às subdivisões dos capítulos por ele supostas. Ele visualiza também uma estrutura concêntrica

[51] Cada um dos capítulos contendo cerca de 66 versos.
[52] JOHNSON, Bo. Form and Message in Lamentations. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlim e New York: Walter de Gruyter, 1985, p. 58-73.
[53] RENKEMA, Johan. The Literary Structure of Lamentations (IV). The Literary Structure of the Booklet. In: W. van der Meer e J. C. de Moor (eds.), *The Structural Analysis of Biblical and Canaanite Poetry*, Sheffield Academic Press: Sheffield, 1988, p. 361-396.

entre os capítulos e dentro dos capítulos de Lamentações. Salters[54] assinala que Renkema exige demais da credulidade quanto aos elos supostos para o estabelecimento desta concentricidade dos capítulos, afirmando que o leitor logo se convence da superficialidade das observações do exegeta: "A natureza subjetiva do trabalho de Renkema é muito óbvia. Ele encontra coisas que não estão ali, e ignora coisas que estão". Mais ousado ainda, Renkema tenta demonstrar que os diversos capítulos possuem uma certa correspondência intertextual "horizontal" ou "paralela", no sentido de que os diversos capítulos dispostos lado a lado trariam palavras ou expressões correspondentes ou relacionadas na mesma "altura" dos diversos capítulos. Para tanto ele oferece em seu comentário uma tabela em que os capítulos são subdivididos em seções ou grupos de versos, e onde os "equivalentes" são assinalados e identificados. Há uma margem de imprecisão, pois os versos de um capítulo estão apenas aproximadamente na posição correspondente de outro capítulo. Estas supostas similaridades horizontais estariam associadas, conforme Renkema, ao acrosticismo alfabético. Em seu comentário[55], ele exemplifica estas relações horizontais com os primeiros versos dos capítulos, que teriam uma relação entre si. Segundo Renkema, Lm 1.1 fala de Jerusalém como viúva, situação incompatível com a posse de jóias, o que ligaria este verso a Lm 2.1, onde o Senhor retira a jóia de Israel, equivalente ao templo de Jerusalém. Ali, a escura ira divina se expressaria em seu afastamento de Sião. Tal escuridão seria o elo com Lm 3.1, em que a escuridão própria do Dia do Juízo de Javé reflete-se na expressão do homem que está na escuridão e não na luz. Este obscurecimento também se manifestaria no próprio ouro em Lm 4.1. O opróbrio sofrido em Lm 5.1 seria o resultado desta obscura ira divina. Estas relações, nem sempre convincentes, perfazem o ponto fraco de toda a construção deste exegeta. Ao resenhar o comentário de Renkema, Miller mostra os limites de algumas das equivalências supostas, e, mesmo considerando alguns nexos pertinentes, ele conclui:

> A idéia de que há paralelismos externos que conectam estrofes perpassando os diferentes poemas em Lamentações é intrigante. Renkema, no entanto, é demasiado pretensioso ao querer conectar, desta forma, todas as estrofes correspondentes. Sem nexos comprovados ou ao menos prováveis entre os diversos responsos do canto, torna-se problemático usá-los para solucionar problemas textuais, iluminar

[54] SALTERS, Robert B. Searching for pattern in Lamentations. In: *Old Testament Essays*, [s.l.]: [s.n.], 1998, vol. 11, p. 97-98. Passagens referidas no original, à p. 98: "Renkema stretches credulity too far here", "…one is soon convinced that the observations are superficial", "The subjective nature of the work of Renkema is very obvious. He finds things which are not there; and he ignores things which are".
[55] RENKEMA, 1998 p. 39.

> passagens difíceis ou, mais relevante até, propor a unidade do livro como um todo. [56]

Esta avaliação particular do papel do acrosticismo em Lamentações[57] é, ainda assim, fundamental para a interpretação do livro oferecida. Renkema considera que tais efeitos jamais teriam sido obtidos por diferentes poetas em épocas diversas, deduzindo de sua análise uma autoria conjunta ou compartilhada para o livro e suas partes. Renkema rejeita a idéia de uma composição orientada por uma única pessoa. Ele pensa na composição do todo a partir do trabalho coletivo de uma guilda de cantores, para a qual ele supõe um *modus operandi* particular: os membros da guilda prestariam assistência através de suas críticas, instruções e contribuições para alcançar a forma e conteúdo finais[58]. Isso explicaria as semelhanças e diferenças entre os cânticos.

2.7. As hipóteses de compilação e composição de poemas pré-existentes

Renate Brandscheidt[59] ocupa uma posição intermediária. Ela se inclina a pensar em um trabalho redacional que criou o todo; este, no entanto, teria partido de alguns poemas já existentes. A autora supõe que Lm 2 surgiu pouco depois da catástrofe, seguido logo após por Lm 1 e, mais adiante, expressando um desgaste do modelo hermenêutico deuteronomista, por Lm 5. Estes textos individualmente teriam tido seu primeiro lugar vivencial em eventos cúlticos de lamento pela destruição, sendo mais adiante arranjados de forma concêntrica. Lm 1 corresponderia a Lm 5. Lm 4 teria sido composto para corresponder a Lm 2, ao mesmo tempo em que se teria formulado Lm 3 como centro e expressão maior do conjunto que surge. Para Brandscheidt, Lamentações como um todo assume a destruição como cumprimento da palavra profética, mas apresenta-se como expressão de uma re-orientação do ensino deuteronomístico semelhante à encontrada nas chamadas Confissões de Jeremias e em Jó, em que o personagem identifica seu sofrimento

---

[56] MILLER, Charles William. Renkema, Johan. Lamentations Historical Commentary on the Old Testament. Leuven: Peeters, 1998. Pp. 641, Cloth, No Price Available, ISBN 9042906774. RENKEMA. Johan.Lamentations. Leuven: Peeters, 1998. 641p. (Historical Commentary on the Old Testament). [In: *RBL* 07.10.2000.] No original: "The idea that there are external parallelisms that connect strophes across the different poems in Lamentations is intriguing. Renkema, however, attempts too much in linking all corresponding strophes in this way. Without proven, or at least probable, links among the various song responses, it becomes problematic to use them to solve textual problems, clarify difficult passages, or, more importantly, posit the unity of the book as a whole."

[57] RENKEMA, Johan. The Meaning of Parallel Acrostics in Lamentations. In: *Vetus Testamentum*, Leiden: Brill, 1995, vol. 45, p. 379-383, trata de modo mais específico deste tema.

[58] Cf. RENKEMA, 1998, p. 53.

[59] BRANDSCHEIDT, Renate. *Gotteszorn und Menschenleid. Die Gerichtsklage des leidenden Gerechten in Klgl 3.* Trier: Paulinus-Verlag. 1983, p. 202s.

como humanamente difícil e pouco compreensível, mas importante e "justo" aos olhos e propósitos de Deus.

Hunter[60] identifica uma marcante unidade conceitual e de ponto de partida teológico[61]. Ela diz seguir Renkema[62] em termos de sua visão da estruturação temática de Lamentações, descrevendo sua pesquisa como um refinamento das observações do exegeta holandês sobre Lm 1[63]. Hunter considera que Renkema, ao tratar do texto, já haveria demonstrado implicitamente que o resto de Lamentações decorre de temas presentes em Lm 1.1-11, sem se aperceber disso.

> *Alguns* dos elos intertextuais identificados por Hunter são suficientemente claros, mas *muitos* envolvem variações e transformações semânticas que sugerem arbitrariedade em agrupá-los como tematicamente aparentados.[64] [grifos meus]

Ela inova, portanto, ao sugerir que os temas e motivos presentes na primeira metade de Lm 1 seriam a base a partir da qual teriam se desenvolvido os demais textos do livro. Mas, como Gottwald[65] observou, as supostas conexões temáticas igualmente poderiam ter-se estabelecido de forma inversa: como uma espécie de sumário ou introdução dos temas principais que se antepõe à obra já composta.

Hunter se distingue também ao propor uma composição simultânea e coordenada por diversos grupos de pessoas, como se uma tarefa fosse dividida e delegada a comissões orientadas, cujas produções teriam sido reunidas:

> ... parece que várias pessoas ou grupos podem ter trabalhado juntas para produzir o livro a partir de um núcleo básico de idéias encontrado nos primeiros 11 versos do livro. Um entendimento artístico deve ter sido

---

[60] HUNTER, Jannie. *Faces of a Lamenting City. The Development and Coherence of the Book of Lamentations.* Frankfurt am Main: Peter Lang. 1996. (BEATAJ, 39)
[61] Cf. Ibid., p. 49. Ali a autora menciona: "This study points away from various independent authors for each of the songs, since the book seems to form such a unity of idea and theological point of departure…".
[62] Vide acima.
[63] Cf. Ibid., p. 86.
[64] GOTTWALD, Norman K. Faces of a lamenting city: The development and coherence of the Book of Lamentations, by Jannie Hunter. Beiträge zur Erforschung des Alten Testaments und des antiken Judentums, 39. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1996. 155pp. $35.95. In: *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*. Nebraska: University of Nebraska Press, 2000, vol. 18, p. 136. Grifo meu. No original: "Some of the intertextual links identified by Hunter are clear enough, but many involve semantic variations and transformations that suggest arbitrariness in grouping them as thematically akin.".
[65] Ibid., p. 137.

> alcançado entre eles quanto à forma do livro e como deveriam dar expressão à unidade maior e à variação no livro.[66]

Embora bastante criativo, o modelo explicativo de Hunter para o surgimento de Lamentações não encontra indícios que o possam fazer derivar da leitura do texto mesmo, sendo talvez desnecessariamente complexo e especulativo.

2.8. As hipóteses de autoria coletiva

A autoria coletiva de Lamentações tem sido proposta mais recentemente, de formas variadas, pela ampla maioria dos pesquisadores atuais. De um lado, a hipótese da autoria coletiva permite acomodar melhor as diferenças de tradições, horizontes e posturas diante da mesma realidade. De outro, ela também torna plausíveis as relações entre os capítulos e o surgimento paulatino dos diversos poemas ao longo de algumas décadas, por um grupo cujos integrantes vão sendo substituídos e cujas experiências e perspectivas podem ser variadas.

2.8.1. A proximidade do extinto culto em Jerusalém.

Alguns pensam que os poemas de Lamentações surgiram no contexto do extinto culto de Jerusalém, mais especificamente de poetas de círculos próximos deste culto e das tradições escritas do povo. Predomina amplamente a atribuição de Lamentações a poetas ligados aos cantores do templo ou ao sacerdócio. Kraus[67] oscila entre círculos do profetismo cúltico ou do sacerdócio oficial do templo destruído. Albrektson[68] dedica o terceiro capítulo de seu trabalho sobre Lamentações a definir melhor a caracterização da autoria deste livro. Albrektson questiona a acepção de Gottwald[69], de que Lamentações expressaria uma tensão interna ao deuteronomismo[70], visão que Gottwald mais tarde abandonará. Albrektson advoga uma grande proximidade dos círculos de ideologia sionista, de onde a nostalgia e o inconformismo estariam presentes nos poemas. Albrektson

---

[66] HUNTER, p. 143. No original: "…it seems that various persons or groups could have worked together to produce the book from a basic core of ideas found in the first 11 verses of the book. An artistic arrangement might have been made between them concerning the form of the book and how they were to give expression to the overall unity and variation in the book.".

[67] KRAUS, H.-J. *Klagelieder*. 4. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 1983.

[68] ALBREKTSON, Bertil. *Studies in the Text and Theology of the Book of Lamentations. With a critical edition of the Peshitta Text*. C.W.K.Gieerup: Lund. 1963. (STL, 21)

[69] GOTTWALD, Norman K. *Studies in the Text of Lamentations*. London: S.C.M.Press. 1954. (Studies in Biblical Theology). 122p.

[70] Esta tensão ou insatisfação com o deuteronomismo se daria, entre outros fatores, por ter o povo retomado sua aliança com Deus e reformado profundamente a sociedade e o culto, com Josias, para, logo após, ser vítima da maior catástrofe de sua história antiga. Gottwald pensa que a teologia da retribuição teria entrado em crise com o evento da catástrofe.

assinala também a expressão de um reconhecimento de erro em algumas das concepções anteriormente adotadas pelos autores de Lamentações, influenciados exatamente pela influência da leitura deuteronomista dos acontecimentos após a catástrofe. Portanto, Albrektson entende que Lamentações não é fruto de deuteronomistas que se sentem injustiçados por Deus, por Ele os ter abandonado quando se propuseram a seguí-lo à moda da reforma deuteronomista. Lamentações seria, antes, produção de sionistas que, tendo percebido a duras penas a pertinência da pregação de vertente deuteronomista - por exemplo em Jeremias, a quem outrora combateram – expressam agora sua dor pela catástrofe com um misto de nostalgia e consciência de culpa e de estarem sendo castigados por Deus justamente. Kaiser[71] inclina-se a ver nos círculos levíticos os autores de Lamentações, por seu conhecimento da poesia dos Salmos, mas também porque teriam assumido a teologia deuteronomística. Westermann[72] considera várias possibilidades, mas entende que a autoria múltipla é mais coerente com as inconsistências entre os capítulos. Pensa num processo de elaboração bastante complexo: Os textos respirariam expressões originárias do lamento nas circunstâncias das celebrações de pesar pela destruição, mas não seriam mera reprodução das mesmas. Assim, ele reduz a proporção de criatividade pessoal de cada um dos autores ou grupos autorais para manter a noção de que houve inserção de material (expressões, frases, versos, imagens, contrastes, associações) oriundo de tais celebrações em Lamentações, ainda que este tenha sido re-elaborado. No entanto, ele é bastante vago quanto às questões de autoria, inclusive sugerindo que a autoria poderia localizar-se no exílio babilônico. Semelhante é a posição de Gerstenberger[73], que pensa em círculos ligados à elaboração de cânticos sem, no entanto, querer situá-los na Palestina ou no exílio. Renkema também advoga uma composição coletiva, como já foi abordado acima[74], mas sua proposta é bastante influenciada pelo modelo da quiná. Finalmente, Berges[75] pensa que Lamentações é obra de poetas próximos ao extinto culto jerosolimita. Embora valorize muitas observações de Renkema quanto à estruturação interna dos capítulos, rejeita a idéia de uma composição do livro como uma obra planejada. Ele pensa antes em uma compilação, entendendo que os diferentes capítulos preservam perspectivas próprias. Ele identifica a presença de um amplo espectro de posições no livro, citando

---

[71] KAISER, Otto, Klagelieder. In: H.-P. Müller et.al. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester*. 4. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992 (ATD, 16/2), p. 91-198.
[72] WESTERMANN, Claus. *Die Klagelieder. Forschungsgeschichte und Auslegung*. Neukirchener Verlag: Neukirchen-Vluyn. 1990.
[73] GERSTENBERGER, E. S. *Psalms, Part 2 and Lamentations*. Eerdmans: Grand Rapids. 2001. (FOTL,15).
[74] Vide 1.3.6. acima.

influências proféticas, sapienciais, afinidades com passagens dos Salmos e com a perspectiva deuteronomista e de centralização em Sião. Citem-se aqui também Brunet[76] e, parcialmente, Salters[77].

2.8.2. A proximidade de círculos proféticos.

Há os que postulam mais claramente que a autoria de Lamentações deve ser buscada na proximidade de círculos proféticos. Este é o caso de Boecker[78], que assinala essa influência em Lamentações porque, de modo geral, o livro compreende a catástrofe, teologicamente, como expressão do juízo divino anunciado pelos profetas[79]. Boecker vê no teor de Lm 1 o claro reconhecimento da atuação efetiva do juízo divino como "fruto da pregação profética"[80]. Na forma de descrever a destruição como atuação planejada de Javé em Lm 2, ele identifica ecos do anúncio profético pré-exílico e das ameaças e maldições do Deuteronômio[81]. Mesmo em Lm 4 ele percebe algum estilo profético[82]. Também Gross[83] refere-se ao enquadramento de Lamentações "na ampla tradição profética e hínica do Antigo Testamento"[84], considerando que o autor "é conhecedor da pregação jeremiânica, situa-se na tradição profética e, além disso, relaciona-se com o sacerdócio do templo"[85]. Ele considera o autor identificado com a pregação jeremiânica, e pensa que Lm 3 reflete a situação do justo sofredor (seguindo aqui, em parte, Brandscheidt), sendo que a composição de tal capítulo teria se dado no contexto do processo de integração dos capítulos já existentes em um todo. Gross considera que as chamadas Confissões de Jeremias foram produção do profeta antes da catástrofe, e que o autor de Lamentações identificar-se-ia com elas, sobretudo na referida terceira lamentação[86]. Helberg[87] chega a ver em Lamentações certa confirmação do cumprimento do *Dia do Senhor* anunciado pelos profetas, no entanto, não como um evento de salvação divina, mas como uma ocasião de

---

[75] BERGES, Ulrich. *Klagelieder*. Freiburg im Breisgau et.al.: Herder. 2002, p. 36.
[76] BRUNET, G. *Les Lamentations contre Jérémie: Réinterprétation des quartre premiéres Lamentations*. Paris: Presses Universitaires de France. 1968.
[77] SALTERS, R. B. Lamentations. In: idem, *Jonah & Lamentations*, JSOT Press: Sheffield, 1994, pp. 63-120.
[78] BOECKER, Hans-Jochen. *Klagelieder*. Zürich: Theologischer Verlag. 1985. (ZBK: AT, 21).
[79] Ibid., p. 16.
[80] Ibid., p. 37. No original: "Frucht prophetischer Predigt".
[81] Ibid., p. 52-53.
[82] Ibid., p. 86.
[83] GROSS, Heinrich. *Klagelieder*. 1986. Würzburg: Echter Verlag, 1986. (NEB-KAT, 14)
[84] Ibid., p. 6. No original: "in die breite prophetische und hymnische Tradition des AT".
[85] Ibid., p. 7. No original: "mit der Verkündigung des Jeremia vertraut ist, in der prophetischen Überlieferung steht und zudem Beziehungen zur Tempelpriesterschaft unterhält".
[86] Ibid., p. 8.

juízo de Deus. Miller[88] considera que Helberg, ao apresentar tal ênfase do Dia do Senhor em Lamentações, estaria argumentando a favor da hipótese de Lm ter sofrido influência profética. Mas o artigo de Helberg, por si mesmo, não caracteriza claramente esta posição. Ainda assim, a forma de Helberg conceber a leitura teológica deste livreto aproxima Lamentações, em suas afinidades teológicas, do profetismo, especialmente ao focalizar a esperança ali entrevista em uma conversão ao Senhor, livre agora das frágeis muletas teológicas do sionismo, do davidismo e da aliança, e alicerçada tão somente na busca da graciosa e imerecida ação salvadora de Deus. Hunter[89] considera que Lamentações foi escrito anonimamente por poetas profundamente relacionados, em pensamento e linguagem, aos profetas, e que a autoria "deveria ser buscada nos círculos proféticos ou em suas relações"[90]. Ao final de sua análise, ela conclui que "sua ´escola de pensamento` parece ter sido consistente com os profetas tardios"[91]. Considerando os textos bíblicos que servem de referência a Lamentações, ela reforça este ponto de vista, mesmo chegando a conclusões inesperadas:

> A íntima associação especialmente a textos proféticos do exílio não pode ser ignorada, e poderia muito bem ser que os poetas de Lamentações pertencessem às mesmas escolas [sic] que profetas como Jeremias, Deutero-Isaías e Ezequiel.[92]

Ainda que Hunter derive seu trabalho da abordagem de Renkema, o qual considerava uma influência profética em círculos ligados originalmente ao templo, ela entende que as suas próprias observações sobre uma influência profética tão concreta deveriam levar a pesquisa a minorar o peso de outros referenciais[93].

Também Dobbs-Allsopp[94], que supõe uma influência do gênero sumério da lamentação pela cidade[95], deixa bem claro que esta influência se deu alguns séculos antes

---

[87] HELBERG, J. H. Land in the Book of Lamentations. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlim e Nova Yorque: Walter de Gruyter, 1990, vol. 102, p. 372-385.
[88] MILLER, *CBR*, loc. cit.
[89] Cf. exposição sobre a autora acima, em 1.3.7.
[90] HUNTER, p. 49. No original: "should be sought in the prophetic circles or their relations".
[91] Ibid., p. 143. No original: "Their ´school of thought` seems to have been consistent with the later prophets".
[92] Ibid., p. 141. No original: "The close association with especially the prophetic texts of the exile cannot be ignored and it could very well be that the poets of Lamentations belonged to the same schools as prophets such as Jeremiah, Deutero-Isaiah and Ezekiel".
[93] Ibid., p. 141.
[94] Veja-se o comentário e o verbete sobre Lamentações, citado acima.
[95] Sua visão sobre o tema será explicitada abaixo, no capítulo 5.

da catástrofe, gerando uma variante israelita, que já se expressara amplamente na literatura profética de que se nutre, segundo ele, Lamentações. Ainda que seu destaque às suas virtudes poéticas favoreça uma associação aos grupos ligados ao templo e à corte, a influência deste gênero no profetismo destaca a força das tradições proféticas em Lamentações, que seria o único texto com todas as características deste gênero em sua variante israelita.

Mais recentemente Wischnowsky[96] vem acrescentar, com sua dissertação, importante peso a esta perspectiva de influência profética em Lamentações. Ele infere, sobretudo a partir do uso da personificação de Sião, mas também por outras importantes características, uma forte influência do profetismo sobre Lamentações, especialmente de origem jeremiânica, e chega a supor que tal contágio se tenha dado através da leitura de escritos proféticos nas cerimônias de lamento pela destruição do templo e da cidade no período exílico[97]. Note-se que, como Boecker, ele não pensa que a autoria seja de círculos proféticos, mas proceda de autores sob sua influência.

2.8.3. A proximidade do ideário monárquico e/ou sionista.

Miller[98] cita alguns exegetas que atribuem ao autor de Lamentações um ideário palaciano ou monárquico (royal background): Re´emi[99] e Gous[100]. Não é possível fazer juízo da posição de Re´emi, à qual não temos acesso até o momento; quanto a Gous é possível que Miller não esteja caracterizando corretamente a posição do exegeta, o qual entende que o autor de Lamentações seja uma pessoa ou grupo sinonista e não propriamente monárquico. A confusão talvez se origine da expressão "davidismo", da qual Gous faz uso em sentido aparentemente não idêntico ao referido por Miller. Gous segue Brueggemann[101] ao bipolarizar as posturas teológicas entre mosaicas e davídicas. A última postura ou "trajetória" - como ele a denomina - estaria ligada à aceitação da ordem divina e

---

[96] WISCHNOWSKY, Marc, *Tochter Zion. Aufnahme und Überwindung der Stadtklage in den Prophetenschriften des Alten Testaments*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 2001. (WMANT, 89)
[97] Ibid., p.90-100, mais especialmente p.99-100.
[98] MILLER, op. cit., passim.
[99] RE´EMI, S. P., The Theology of Hope: A Commentary on the Book of Lamentations. In: R. Martin-Achard e S. P. Re´emi (eds.), *A Commentary on the Book of Amos and a Commentary on the Book of Lamentations*. Edinburgh: [s.n.], 1984, p. 73-134.
[100] GOUS, I. G. P. A Survey of Research on the Book of Lamentations. In: *Old Testament Essays*. Pretoria: [s.n.], 1992, vol. 5, p. 184-205.
[101] BRUEGGEMANN, W. Trajectories in Old Testament Literature and the Sociology of Ancient Israel. In: *Journal of Biblical Literature* vol. 98, 1979, p. 161-185.

social, e Gous a identifica em Lamentações. A postura mosaica ou profética ressaltaria a responsabilidade pessoal para alcançar a ordem na vida e na sociedade. Em suas palavras:

> ...o princípio básico da trajetória davídica é que a ordem é dada por Deus, e as pessoas devem submeter-se à ordem divina. De acordo com a trajetória mosaica, as pessoas podem contribuir para a ordem, e têm a responsabilidade de dar forma à realidade.[102]

Quanto à autoria de Lamentações, ele faz um rápido apanhado das soluções ao problema em seu artigo, e ordena os exegetas em três grandes categorias: aqueles que supõem para o autor ou autores o ideário profético, com a maioria dos adeptos, especialmente os mais recentes; uma segunda categoria representa os exegetas que não se posicionam a respeito; e a terceira categoria, na qual ele mesmo se enquadra solitariamente, supõe um ideário sionista para Lamentações. Embora o próprio Gous se entenda como único a assumir sua postura particular, sua visão não se distingue tão fundamentalmente da de outros exegetas recentes como ele quer supor em seu artigo. Outros exegetas – entre os quais Renkema - entendem que a autoria de Lamentações estaria nas mãos de ex-sionistas influenciados ou mesmo convencidos pela crítica profética à qual teriam se oposto anteriormente. Gous pensa que os autores de Lamentações teriam sido sionistas que apenas assumiram a forma de expressão e o modelo explicativo dos círculos proféticos, meramente adaptando o discurso sionista à nova realidade, mas que continuariam a ser sionistas convictos tentando recompor sua ideologia: "Os poemas pretendiam reafirmar a validade da visão de mundo e ethos davídicos"[103]. Um dos argumentos de que se vale é que Lamentações não incluiria uma confissão ou indicação de culpa, nem teria por objetivo incitar a algum tipo de atitude que pudesse encaminhar à resolução dos problemas. Gous oferece uma imagem de como poderia ter-se dado o surgimento de Lamentações:

> Uma pessoa pertencente ao culto em Jerusalém redigiu um poema sobre a catástrofe e seus resultados – provavelmente Lamentações 2. O uso da forma acróstica neste poema iniciou um movimento e preparou o caminho para a composição dos outros poemas no mesmo estilo. Pessoas diferentes participaram do planejamento e redação dos cantos e os combinaram para formar o livro de Lamentações. Eles procuraram,

[102] GOUS, op. cit., p. 191. No original: "…the basic tenet of the Davidic trajectory is that order is God-given, and people should adhere to God´s order. According to the mosaic trajectory, people can contibute to order, and they have the responsibility to shape reality".
[103] Ibid., Lit.: "The poems thus were intended to reaffirm the validity of the Davidic worldview and ethos".

> através de seus cânticos, referir-se aos problemas e questões que surgiram em suas próprias vidas assim como haviam surgido no coração da nação, e tentaram encontrar uma resposta a estes problemas. Ao mesmo tempo, estes poemas podem ter sido escritos para serem usados em cerimônias religiosas.[104]

Neste contexto seria importante retomar a posição singular de Brunet[105] na pesquisa. Ele pensa que, ao menos em seus quatro primeiros capítulos, Lamentações tenha sido obra não de Jeremias ou de pessoas afinadas com seu discurso, mas de seus oponentes. Aqui fica evidente a afinidade com a referida leitura de Gous, especialmente porque a autoria seria de percepção sionista.

2.8.4. A proximidade de círculos da sabedoria tradicional.

Há quem pense também que Lamentações tenha se originado de círculos versados na sabedoria tradicional. Kaiser, em seu penúltimo comentário ao livro[106], também parecia inclinado a esta posição, chegando a considerar Lamentações (especialmente Lm 2) como uma espécie de precursor da poesia antológica e assinalando a afinidade de Lm 3 com Jó. Bransdscheidt[107] supõe que a confluência dos poemas já existentes de Lamentações se efetivou simultaneamente à composição de Lm 3 e 4, com o que toda a coleção estaria influenciada por essa percepção da realidade. Ora, ali a questão do sofrimento é tratada de modo muito peculiar à sabedoria. Gottwald, mais recentemente[108], também tem entendido que os círculos ligados à sabedoria tradicional poderiam estar na base da autoria de Lamentações. Miller[109] inclui Glatt-Gilad[110] neste grupo.

---

[104] GOUS, 1992, p. 198. No original: "A person belonging to the cult in Jerusalem wrote a poem about the catastrophe and its results – probably Lamentations 2. The use of the acrostic form in this poem started a movement and paved the way for the writing of the other poems in the same style. Different people had a hand in planning and writing the songs and combining them to form the book of Lamentations. They aimed, by means of their songs, to address the problems and questions that had arisen in their own lives as well as in the heart of the nation, and to try to find an answer to these problems. At the same time these poems may have been written to be used at religious gatherings".

[105] Para detalhes de sua posição, confira-se 1.3.5. acima.

[106] KAISER, Otto. Klagelieder. In: O. Kaiser e L. Perlitt. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester.* 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981 (ATD, 16/2), p. 300-302.

[107] BRANDSCHEIDT, op. cit., passim.

[108] Gottwald, ao resenhar Hunter (cf. acima, em *Shofar* 18, 2000), menciona sua nova abordagem da autoria de Lamentações. Ele refere-se ali ao procedimento de dúvida [doubting mode], o qual, encontrado na tradição sapiencial, falha em encontrar respostas para as injustiças da vida. Tal posição transparece no seu verbete sobre Lamentações do *Harper´s Bible Commentary*, rev. ed., San Francisco: Harper & Row, 1988, p. 646-651.

[109] MILLER, op. cit., p. 9-29.

[110] GLATT-GILAD, D. A. Lamentations of Jeremiah. In: P. J. Achtemeier et al. (eds.), *Harper Collins Bible Dictionary*. San Francisco: Harper San Francisco, 1996, p. 587-588.

2.9. A consciência de não saber

Há um grupo importante de exegetas que afirma não haver base para fundamentar quaisquer suposições quanto à autoria. Hillers merece destaque, pois, parece ser dele o primeiro comentário[111] a expor de maneira tão explícita o caráter especulativo das conjecturas autorais de Lamentações. Ali ele observa ser impossível saber se houve um ou mais autores, e ele mesmo opta sem compromisso pela unidade do livro, e por uma autoria individual, e apenas considera possível que o autor tenha sido um leigo eventualmente ligado à corte. Mais recentemente ele voltou a escrever sobre Lamentações, sendo de nosso conhecimento duas publicações de 1992: um verbete[112] e a edição atualizada de seu comentário[113], inacessível a esta pesquisa. No verbete, Hillers deixa de mencionar suas preferências anteriores quanto à autoria. Ele apenas assinala que quem compôs Lamentações provavelmente vivenciou a catástrofe.

Provan[114] contrasta as diversas propostas de solução aos problemas de autoria e chega à conclusão de que "nada pode ser dito", defendendo o "agnosticismo" como a resposta mais apropriada a tais questões em Lamentações[115]. Este exegeta lança também um importante alerta contra rápidas conclusões a partir de afinidades literárias com documentos atribuídos à época:

> Não há, por um lado, meio de dizer se os elos com outros materiais veterotestamentários que existam são literários (Kaiser, 300-2) e não simplesmente tradicionais, e certamente não há uma indicação, no caso de se confirmar uma influência, quanto à direção de tal influência. (...) Assumir que todos os indivíduos ou grupos de um dado período partilharam da mesma visão de mundo é um erro óbvio...[116]

---

[111] HILLERS, Delbert R. *Lamentations: A New Translation with Introduction and Commentary*, 2. ed. New York: Doubleday. 1972. (Anchor Bible, 7a)
[112] HILLERS, Delbert R. Lamentations, Book of. In: D. N. Freedman (ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, New York et .: Doubleday, 1992, vol. 4, p. 137-141.
[113] HILLERS, Delbert R. *Lamentations: A New Translation with Introduction and Commentary*, 2. ed. rev., New York etc.: Doubleday. 1992. (Anchor Bible, 7a)
[114] PROVAN, Iain W. *Lamentations*. Collins: Marshall Pickering. 1990. (New Century Bible Commentary)
[115] Ibid., p. 11. No original: "nothing can be said" e "Agnosticism seems a more apropriate response to the facts". Cf. tb. p. 19: "…we simply have insuficient evidence … to decide questions of authorship and place of composition".
[116] Ibid., p. 12. No original: "There is, on the one hand, no way of telling wether the links with other OT material which exist are literary (Kaiser, 300-2) rather than simply traditional, and certainly no indication, if literary influence were to be granted, of the direction of that influence. (…) To assume that all the individuals or groups of any given period shared the same outlook is an obvious error…".

Na passagem acima Provan se mostra cético quanto à possibilidade de determinar se uma suposta "influência literária" acontece em um ou em outro sentido (se de cá para lá ou de lá para cá), anulando assim a força das considerações da chamada *Tendezkritik* na solução de tais questões.

Salters[117] considera que não há entre os poemas grandes diferenças em termos de idéias e teologia. Ele percebe em Lamentações uma continuidade com a voz profética pré-exílica, especialmente Isaias, Jeremias, Miquéias e outros, mas também não lhe escapa nos textos uma afinidade com o templo, altar e festivais que poderia revelar alguém ligado aos círculos sacerdotais. Da mesma forma ele considera a hipótese de uma autoria leiga relacionada à corte. Finalmente, ele é evasivo quanto a uma determinação mais clara da autoria em seu comentário. Em dois artigos posteriores ele retoma a questão de um parâmetro ou padrão[118] e da unidade[119] do livro, em ambas as empreitadas não podendo apresentar senão informações sobre as limitações de uma resposta à questão na atualidade. No primeiro artigo ele reitera a importância da referência aos traços de gêneros literários na busca por um *pattern.* No segundo, insinua que a unidade decorreria da gênese do livro, em que ele supõe, com base no vocabulário recorrente, um processo de imitação e retomada dos textos anteriormente compostos[120].

Também Radday[121] e Bracke[122] são mencionados[123] entre os que não vêem como se possa fundamentar adequadamente qualquer sugestão de autoria.

2.10. As mulheres e a composição de Lamentações

Considerações recentes sugerem, se não uma participação direta (co-autoria), no mínimo uma forte presença feminina e a relevância de seu horizonte no contexto de sua composição. No entanto, há também vozes que deploram a imagem feminina veiculada em

---

[117] SALTERS, R. B. Part II: Lamentations. In: *Jonah & Lamentations*. Sheffield: JSOT Press, 1994, p. 63-125.
[118] SALTERS, Robert B. Searching for pattern in Lamentations. In: *Old Testament Essays*, Pretoria: [s.n.], 1998, vol. 11, p. 93-104.
[119] SALTERS, R. B. The unity of Lamentations. In: *Irish Biblical Studies*, [s.l.: s.n.], 2001, vol. 23, p. 102-110.
[120] Lamentações 1, 2 e 4 teriam sido compostos num primeiro momento, assemelhando-se, e Lm 5 teria sido redigido mais tarde, retomando as composições já existentes. Apenas Lm 3, escrito possivelmente após a reconstrução do templo, voltaria sua atenção para o sofrimento numa perspectiva mais filosófica, buscando redimensionar a coletânea.
[121] RADDAY, Y. T. Über Worthäufigkeiten in den Klageliedern. In: *Trumah*, 1992, vol. 3, p. 15-38.
[122] BRACKE, J. M. *Jeremiah 30-52 and Lamentations*. Louisville e Westminster: John Knox Press, 2000.
[123] Cf. MILLER, C. W., op. cit., p. 11.

Lmentações. Häusl[124] aborda o livro a partir das numerosas imagens femininas presentes no texto, tentando deslindar a voz das mulheres e sua posição na sociedade da época, mas especialmente perceber o modo como as mulheres por trás da redação do texto de Lamentações colocam-se diante da realidade de dor e sofrimento. Ela observa que não há grande ênfase na culpa. Nota também que a imagem de mulher não é, majoritariamente, de uma adúltera que é castigada, mas de uma mulher que sofre violência, e que confronta o "marido" com seu sofrimento. A mulher, em Lamentações, não é mera causa da catástrofe nem apenas ilustra silenciosamente a desgraça ocorrida, mas sua voz ecoa e clama a Deus com dignidade. Van Dijk-Hemmes[125] aborda, especialmente nas páginas voltadas ao lamento e a Lamentações, o papel da mulher nos rituais de lamento, especialmente naqueles de lamento fúnebre. Neste sentido, a imagem da população através da personificação de Sião parece corresponder ao papel preponderante da mulher na administração de situações de pesar como as que eram vivenciadas por ocasião da catástrofe de 586 a.C. O´Connor[126] aborda Lamentações como um todo, não pensando num surgimento paulatino dos capítulos. Sua análise concentra-se nos dois primeiros capítulos. Ela considera: "uma vez que mulheres atuaram como carpideiras oficiais em Israel, uma mulher poderia ter estado entre os autores do livro, mas não há evidência para dar suporte a esta hipótese"[127]. O´Connor alerta para a ambiguidade das imagens de mulher presentes neste livro, uma vez que elas manifestam preconceitos contra as mulheres. Sião, figura tão prominente, é filha, está em posição subordinada, e é objeto claro de escárnio e abuso. O livro fala de sua "impureza" nas vestes, e O´Connor interpreta Lm 1.12-13 como um relato figurado de abuso, talvez mesmo familiar, uma vez que ela associa Lm 1.18 com a expressão de auto-condenação de vítimas de abuso familiar: "A filha Sião recrimina-se pelos excessos de seu agressor e, como vítimas contemporâneas de violência doméstica, parece não ter mais auto-estima"[128]. O´Connor pensa que mulheres da época podem ter partilhado desta compreensão degradante da mulher. Mas ela avalia o grito desta mulher contra a agressão divina em Lm 2 como sinal de amadurecimento da consciência feminina.

---

[124] HÄUSL, Maria. Die Klagelieder. Zions Stimme in der Not. In: L. Schottroff e M.-T. Wacker (eds.), *Kompendium Feministische Bibelauslegung*. 2.ed.corr., Gütersloh: Kaiser e Gütersloher, 1999, p.270-277.

[125] VAN DIJK-HEMMES, Fokkelien. Traces of Women`s Texts in the Hebrew Bible. In: A. Brenner e F. van Dijk-Hemmes (eds.), *On Gendering Texts. Female & Male Voices in the Hebrew Bible*. Leiden etc.: Brill, 1996, p. 17-109, especialmente p. 83-90.

[126] O´CONNOR, Kathleen M. Lamentations. In: *The Women`s Bible Commentary*, London e Louisville: SPCK e John Knox Press, [s.d.], p.178-182.

[127] Ibid., p. 178. No original: "Since women acted as official mourners in Israel, a woman may have been among the book´s authors, but there is no evidence to support this suggestion".

[128] Ibid., cf. p. 180. No original: "Daughter Zion blames herself for the excesses of her abuser and, like contemporary victims of domestic violence, appears to have no self-esteem left.".

O´Connor publicou recentemente um texto de maior monta sobre Lamentações[129], mas que não recebeu bom parecer na avaliação de Clifford[130], que parece ver no texto um ensaio em prosa elegante muitas vezes em estilo pessoal. Em certo sentido tal abordagem assemelha-se à de Guest[131], que vê em Lamentações um texto que desfaz das mulheres para encobrir a vergonha dos homens diante da derrota e destruição de Jerusalém, e coloca-se abertamente contra o teor do texto bíblico. Assim, dentre as abordagens de gênero, há posições que variam desde uma percepção da autoria como feminina ou influenciada pelo horizonte e valores do feminino até uma visão de autoria oposta à dignidade da mulher e a seus interesses. Considere-se, no entanto, que, se as mulheres protagonizavam as cerimônias fúnebres, conforme vários indícios apontam, seria bastante provável que elas tenham tido influência na composição de Lamentações, que se vale de tantas imagens femininas.

2.11. Lamentações como expressão própria de sobreviventes traumatizados

A aproximação de Lamentações à "literatura de sobreviventes", como se a tem chamado, acrescenta aspectos relevantes à questão da autoria, ainda que não importe a esta abordagem a identidade do autor, mas o tipo de experiência humana por trás de sua composição, e as características específicas que a situação de sobrevivente de uma grande tragédia humana pode ter conferido à composição de Lamentações. Sobre o tema, especialmente Linafelt[132] tem dado uma grande contribuição. Sua abordagem permite entender melhor os meandros da mente humana em situações como as que viveram, talvez, os compositores de Lamentações. Um aspecto interessante abordado por Linafelt entre sobreviventes de uma catástrofe é o da culpa de sobreviver enquanto outras pessoas pereceram. A alegria da vida quase que não pode ser sentida por sobreviventes traumatizados. A alegria de não ter partilhado da morte com os amigos e queridos é um semi-tabu, pois por fim a pessoa se alegraria por terem outros morrido, e não ela mesma. Neste sentido, a busca de um futuro, de esperança, pode ser sentida como uma fuga, como um abandonar dos mortos em sua morte, e, portanto, como uma renovação de sua sentença de morte, agora por aqueles que os resolveram esquecer. Ora, já apenas esta idéia é

---

[129] O´CONNOR, Kathleen M. *Lamentations na the Tears of God*, Maryknoll: Orbis, 2002, xvi+156p.
[130] CLIFFORD, Richard J. LAMENTATIONS AND THE TEARS OF GOD. By Kathleen M. O´Connor. Maryknoll: Orbis, 2002. Pp. xvi + 156. $14. In: *Theological Studies*, [s.l.: s.n.], 2003, vol. 64, p. 875-876.
[131] GUEST, Deryn. Hiding behind the naked women in Lamentations: A recriminative response. In: *Biblical Interpretation*, Leiden: Brill, 1999, vol. 7, p.413-448.
[132] LINAFELT, Tod. *Surviving Lamentations. Catastrophe, Lament and Protest in the Afterlife of a Biblical Book.* Chicago e Londres: The University of Chicago Press. 2000.

bastante fecunda para a leitura de Lamentações. É possível que a resistência em se falar de esperança não derive de uma situação que, décadas após a tragédia, teimaria em continuar trágica e dramática. Talvez ela se origine da condição psicológica de pessoas que, mesmo no processo de reconstrução de suas vidas, formulam um texto que lhes ajuda a lutar contra a própria sensação de culpa e em favor da memória daqueles que não sobreviveram. Talvez isso se derive do receio de que os mortos só podem "sobreviver", na mente dos remanescentes, pelo grito renovado de angústia plena que estes entoam, revivendo as dores e conscientizando os vivos do risco constante da morte. Embora outros exegetas relacionem Lamentações com a chamada literatura de sobreviventes, Dobbs-Allsopp, em um artigo[133], retoma a noção importante de tragédia para a interpretação correta de Lamentações. Este livro difere dos lamentos sumérios principalmente por não ser uma teodicéia, onde tudo acaba bem, mas por ser uma tragédia, em que restam o mal e o sofrimento sem que se estabeleça para eles um sentido ou sem que possam ser superados. Linafelt também argumenta que a falta de um horizonte, de uma palavra divina, de uma saída para esta dor é uma característica importante para viabilizar o trabalho de luto envolvido. Se é verdade que o texto de Linafelt não ajuda a definir sociologica- ou teologicamente a autoria de Lamentações, seu trabalho é importante para caracterizar melhor o horizonte psicológico dos possíveis autores e as motivações subjacentes às particularidades estilísticas desta obra. Afinal, a busca por determinar a autoria de um texto em boa medida decorre do interesse de entender melhor a lógica do próprio texto e suas motivações, seus porquês. Lamentações é um texto denso, fecundo, que não foi esquecido com o passar dos anos, mas continua provocando reações vitais: dando voz aos enlutados e ajudando pessoas a sobreviver a tragédias e horrores da vida exatamente por ajudar as pessoas a manterem-se fiéis às suas memórias e às suas raízes, sem encobrir a dor sofrida com um manto de esperança.

[133] DOBBS-ALLSOP, F. W. Tragedy, Tradition and Theology in the Book of Lamentations. In:*Journal for the Study of the Old Testament* [s.l.:s.n.],1997,vol.74,p.29-60.

3. TENDÊNCIAS NA CRÍTICA TEXTUAL DE LAMENTAÇÕES

3.1. Observações iniciais

O texto massorético de Lamentações apresenta dificuldades superiores às geralmente encontradas em outros livros do Antigo Testamento. Com uma grande concentração de *hapax legomena*[134], além disso repleto de formas raras, arcaísmos, palavras cuja raiz não se determina com facilidade ou cujo sentido não se estabelece com precisão, o texto massorético de Lamentações deu ocasião a calorosas controvérsias crítico-textuais, em que a competência argumentativa do investigador era posta à prova. Por ser um texto poético de maior dificuldade, comparável a passagens tardias do livro de Jó e, ao mesmo tempo, por sua tradução precisa não ser tão decisiva nas discussões bíblico-teológicas mais proeminentes, o exercício da criatividade na etimologia proposta e na crítica textual de Lamentações foi estimulada. Com Ewald, Keil, Naegelsbach, Löhr e outros, Lamentações começou a fazer parte da discussão crítico-textual já no século XIX.

---

[134] Ernst Jenni e Claus Westermann, no "Apéndice Estadístico" de seu *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento,* Madri: Ediciones Cristiandad, 1978, vol. 2, esp. p.684-685, assinalam a presença de 33 ocorrências deste fenômeno no livro, e classificam Lamentações em quarto lugar dentre os livros com maior proporção de *hapax legomena* no AT. Apenas Cantares, Naum e Habacuque, nesta ordem, superam Lamentações neste aspecto. Outra avaliação, baseada no conceito diferenciado de *hapax* parciais e absolutos, oferece GREENSPAHN, F. E. The Number and Distribution of ´Hapax Legomena´ in Biblical Hebrew. In: *Vetus Testamentum* Leiden: Brill, 1980, vol. 30, p. 8-19.

3.2. Budde – alterações *metri causa*

Pouco antes da entrada do século XX, Karl Budde[135] expressa seu entendimento de que a métrica predominante em Lamentações seria aquela que ele identificou com a expressão quiná. O que Budde chamou de métrica em quiná seria o conjunto de três acentos na primeira metade da linha poética e dois acentos na segunda metade, ou seja, a relação 3:2 entre as metades de uma linha poética ou variações próximas, sempre resguardando uma extensão maior do primeiro hemistíquio em relação ao segundo. Ele entendeu que a quiná representava uma métrica característica do lamento fúnebre, mesmo que a mesma métrica também se faça presente em outros gêneros literários[136].

Budde estava tão convencido da validade de sua própria hipótese que, especialmente nas primeiras décadas do século passado, passou a considerar a "correção" do texto massorético como justificada quando esta pudesse "restabelecer" a suposta métrica em quiná que ele supunha como original ao gênero de Lamentações. No clássico artigo de 1882, inicialmente mencionado, em que defende claramente sua posição quanto à métrica em quiná, Budde quer apenas demonstrar que a métrica em quiná originalmente predominou no texto dos quatro primeiros capítulos de Lamentações, mas, afora algumas anotações textuais, inicialmente declina de entrar em detalhes ou de propor alterações crítico-textuais concretas. Mas em vários artigos subseqüentes sobre o tema[137], Budde resolve detalhar as alterações que julga convenientes para "restabelecer" o texto e - especialmente - a métrica dos supostos textos originais. Destaque-se aqui seu texto de 1892, em que relaciona as modificações que julga pertinentes para Lamentações[138]. Esta justificativa para alterar o texto massorético denominou-se *metri causa,* e ganhou adeptos no mundo científico. Budde refere-se com alegria à recepção de sua proposta por Duhm[139], Löhr[140] e Dyserinck[141]. Também Bickell[142] irá aplicar este recurso com exagero[143].

---

[135] BUDDE, Karl. Das hebräische Klagelied. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. [s.l.]: Walter de Gruyter, 1882, vol. 2, p. 1-52. Embora refira-se a um artigo de 1874, onde a idéia já teria sido mencionada, foi neste artigo que apresentou sua tese.

[136] Quanto à sua proposição aqui mencionada, ver abaixo o ítem 5.2 sobre a questão da métrica de Lamentações e mais especialmente o subitem 5.2.1 quanto aos termos da abordagem própria de Budde e à literatura aqui referida.

[137] Entre outros, seguiram-se alguns artigos denominados "Zum hebräischen Klagelied" na mesma revista, os quais abordam passagens bíblicas em que Budde identifica a métrica em quiná. Veja-se na Bibliografia os textos referidos desse autor.

[138] BUDDE, Karl. Zum Hebräischen Klagelied (Fortsetzung). In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. [s.l.]: Walter de Gruyter, 1892, vol. 12, p. 261-275.

[139] Cf. BUDDE, Karl, op. cit., p. 261, onde cita um comentário de Duhm sobre Isaías no qual o comentarista concordaria quase amplamente com suas proposições crítico-textuais, apenas não aceitando uma alteração

Ocorre que a circularidade desta argumentação ficou evidente a partir do próprio esforço de Budde em demonstrar a utilidade de sua hipótese de trabalho na crítica textual: Os versos seriam em quiná, e, se não o fossem, seriam restaurados para que assim se tornassem, sendo que a prevalência deste padrão em Lamentações seria o argumento para tal restauração. Além disso, também as incertezas quanto à poética hebraica relativizaram o próprio conceito de quiná[144]. A segunda edição do mencionado comentário de Löhr dedica algumas páginas de sua introdução às mudanças na avaliação de textos poéticos após as obras de Sievers sobre métrica. Löhr considera que a liberdade com que Budde transportava porções de uma linha poética para outra, ou simplesmente retirava ou incluía palavras no texto para ajustá-lo à métrica não mais se justificaria: "Este modo de criar um texto supostamente correto quanto à métrica não é mais possível desde Sievers" [145]. Hölscher exemplifica bem uma subseqüente postura mais cautelosa quanto à utilização da métrica na crítica textual, em seu comentário a Jó:

> ...se as normas métricas no texto transmitido não são amplamente reconhecíveis, isso se deve, por um lado, à muito precária transmissão textual e, por outro, ao nosso deficiente conhecimento da pronúncia hebraica. Neste comentário recusa-se utilizar parâmetros métricos para a crítica textual.[146]

A insatisfação com os exageros no uso de tal modelo explicativo levou posteriormente vários exegetas a questionarem a prevalência deste padrão no livro como

---

para a qual o próprio Budde tinha reservas e mais duas outras. Budde não oferece os dados da bibliografia a que se refere neste caso.

[140] LÖHR, Max. *Die Klagelieder des Jeremias*. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1891. apud BUDDE, Karl, op. cit., p. 264. [2. ed 1906 modificações em sua postura]

[141] DYSERINCK, [s.n.]. [s.n.]. In: *Theol. Tijdschrift*. [s.l.: s.n.], 1892, p. 359ss. apud BUDDE, op. cit., p. 264.

[142] BICKELL, G. Kritische Bearbeitung der Klagelieder. In: *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*, Wien: [s.n.], 1894, vol. 8, p.101-121.

[143] Cf. GOTTLIEB, Hans. *A Study on the Text of Lamentations*. Arhus: Arhus Universitet. 1978, p. 3, n. 6: "We may mention as an awful warning G. Bickell...".

[144] Quanto à discussão sobre o conceito de quiná, veja-se adiante no subítem xx.

[145] LÖHR, Max. *Die Klagelieder des Jeremias*. 2. ed. rev. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1906, p. xii. No original: "Diese Art, einen vermeintlich metrisch korrekten Text zu schaffen, ist seit Sievers unmöglich".

[146] HÖLSCHER, Gustav. *Das Buch Hiob*, 2. ed., Tübingen: J. C. B. Mohr, 1952, p. 8. No original: "… wenn die metrischen Gesetze im überlieferten Text nicht durchweg erkennbar sind, so wird das einerseits an der streckenweise sehr schlechten Textüberlieferung, andererseits an unserer mangelhaften Kenntnis der hebräischen Aussprache liegen. Auf eine Anwendung metrischer Grundsätze für die Textkritik ist im Kommentar verzichtet worden".

um todo, e, por vezes, a adotarem posições demasiado críticas em relação à assim chamada métrica em quiná associada ao lamento.

Excessos à parte, Budde teve razão ao concluir que tal padrão prevalece nos quatro primeiros capítulos de Lamentações; portanto, a métrica pode ser vista como *mais um fator* a se considerar na crítica textual. Mas alterar o texto massorético apenas com base nesta inferência geral seria precipitado. Por este motivo a expressão *metri causa* praticamente desapareceu dos aparatos críticos.

3.3. A fase do estabelecimento crítico do Texto Massorético

Na primeira metade do século XX, muitos exegetas investigaram com cuidado e criatividade o Texto Massorético, comparando as diversas versões e manuscritos. Buscavam-se ali indícios através dos quais se pudesse deduzir o texto original ou o sentido do texto recebido. Pode-se caracterizar este período como a fase áurea da Crítica Textual. Foi neste contexto que se produziram as primeiras grandes edições críticas do cânon hebraico, com ampla referência às variantes e às versões[147]. Tal processo culminou com a edição do mais antigo texto hebraico completo, o Codex Leningradensis[148], na terceira edição da Bíblia Hebraica de Kittel (BH^3 ou BHK^3). Este esforço reflete a intensa discussão pelo estabelecimento do texto hebraico o mais próximo possível de um suposto texto original. O período abrangendo as duas grandes guerras e a primeira década do pós-guerra foi repleto de dificuldades para a publicação de textos hebraicos na Europa. A edição de tais obras monumentais em meio às limitações políticas, financeiras e tecnológicas de então se deu por extraordinária perseverança e constituiu-se em magnífica conquista para a ciência bíblica.

Quanto ao livro de Lamentações, além do trabalho que culminou com as edições e revisões do texto massorético e aparatos críticos para a BHK^3 e BHS por Robinson, sob a supervisão de Rudolph, destacam-se os comentários de Kraus, Plöger e de Rudolph. Os comentaristas ainda se permitem cuidadosas e inteligentes considerações etimológicas e crítico-textuais para expressões e passagens obscuras, propondo leituras alternativas ou mesmo alterações textuais.

---

[147] Sobre a gênese das edições críticas modernas aqui tratadas, veja-se FRANCISCO, Edson de Faria, *Manual da Bíblia Hebraica. Introdução ao Texto Massorético.* São Paulo: Vida Nova, 2003, p.158-160. Sobre edições anteriores e em andamento, ibidem, p.154-161.

[148] Ibid., p. 231-232.

3.4. A revalorização do Texto Massorético frente às versões

O próprio desenvolvimento dos procedimentos e conjecturas da Crítica Textual terminou por comprovar, além do esperado, a confiabilidade do Texto Massorético. O recurso às diferenças em versões e manuscritos demonstrou ser cada vez menos justificável como argumento para fazer alterações textuais. Preferiu-se, antes, buscar uma explicação para estas variações nas características traditivas e interpretativas de cada versão e de cada manuscrito particular. Assim alcançou-se avançar mais na percepção do processo de transcrição e interpretação do texto bíblico do que seria possível através da "restauração" ou recomposição de particularidades do texto original, supostamente corrompidas. Destaca-se o estudo crítico-textual de Bertil Albrektson[149], que analisa minuciosamente as variações das versões gregas, hebraicas e especialmente da versão siríaca de Lamentações. Mais adiante, Gottlieb[150] e Barthélemy[151] publicaram suas análises, em boa medida corroborando os resultados alcançados por Albrektson, o que também se dá com Gross[152], em seu breve comentário.

3.5. A influência do Panorientalismo e do Pan-ugaritismo

O surpreendente desenvolvimento da orientalística, que revelou afinidades linguísticas e culturais em todo o Antigo Oriente Próximo, foi muito favorecido pela descoberta de sítios arqueológicos com inúmeros e importantes textos, especialmente na região da antiga Mesopotâmia. Estes avanços e achados levaram muitas instituições a investirem na pesquisa direta e na formação de especialistas para tratar com propriedade deste vasto e recém-descoberto acervo da humanidade. Na América Latina, José Severino Croatto, com vasta formação arqueológica[153], filológica e lingüística[154], dominou e ministrou muitas destas línguas e dialetos. Na primeira fase de sua produção científica, em

---

[149] ALBREKTSON, Bertil. *Studies in the Text and Theology of the Book of Lamentations. With a critical edition of the Peshitta Text*. Lund: C.W.K.Gieerup, 1963.
[150] GOTTLIEB, Hans, op. cit.
[151] BARTHÉLEMY, Dominique. Lamentations. In: *Critique Textuelle de L´Ancient Testament. 2. Isaïe, Jérémie, Lamentations.* Friburg Suisse e Göttingen: Éditions Universitaires e Vandenhoeck & Ruprecht. 1986, p. 863-914.
[152] GROSS, Heinrich. *Klagelieder*. Würzburg: Echter Verlag, 1986, 42p.
[153] Registre-se aqui apenas algumas das obras mimeografadas deste exegeta e que remontam a cursos que o mesmo ofereceu em Buenos Aires, que atestam sua competência e produção nesta área e às quais tive o privilégio de ter acesso em um período de intercâmbio no ISEDET: CROATTO, José Severino. *Ugarit*. Buenos Aires: ISEDET, [s.d.]. 136p. (mimeografado); Idem. *Mesopotamia*. Buenos Aires: Dep. de Estudios Biblicos – ISEDET, 1961. 177p. (mimeografado); Idem. *Las migraciones de amorreos, arameos y hebreos em el 2.milenio a.C.* Buenos Aires: Dep. de Estudios Biblicos – ISEDET, 1962. 142p. (mimeografado).
[154] Apenas como exemplo de sua capacidade e produção nesta área, cita-se aqui um artigo seu: CROATTO, José Severino. L´article hébreu et les particules emphatiques dans le sémitique de l´ouest. In: *Archiv Orientální*. Praga: [s.n.], 1971, vol. 39, p. 389-400.

que valorizava mais esta perspectiva, destacou-se e fez escola no continente sul-americano, e enriqueceu a formação bíblica e o conhecimento do mundo vétero-oriental, especialmente nos países americanos de língua espanhola.

Este processo gerou, também, a percepção de muitas afinidades entre o horizonte cultural, religioso e social da antiga Palestina (referido no texto bíblico) e o equivalente horizonte vétero-oriental. Até então restritos, pelas características do trabalho de pesquisa intratextual, a um referencial teológico (a Bíblia), muitos exegetas e pesquisadores foram atraídos pela profusão de imagens, esculturas, obeliscos, monumentos e, particularmente, documentos de vários âmbitos da vida civil e religiosa do Antigo Oriente Próximo. Na pesquisa bíblica em geral, a comparação de costumes e instituições sociais e religiosas passou por uma fase de grande aproximação a seus correspondentes vétero-orientais. A fascinação que os lamentos sumérios sobre templos destruídos exerceram em Hans-Joachim Kraus[155], em sua abordagem sobre o gênero do livro de Lamentações, por exemplo, é característica desta fase da pesquisa do livro.

Esta aproximação ganhou um inesperado ápice com as descobertas de Ras Shamra (Ugarit) e Qumran, em meados da primeira metade do século passado[156]. As afinidades entre as línguas semíticas foram mais intensamente pesquisadas a partir de novos textos. Um vasto número de pesquisadores se exercitava em diversos dialetos que iam sendo descobertos, dissolvendo barreiras entre o acádico, o ugarítico e o hebraico. A etimologia e mesmo a lexicografia de muitas expressões hebraicas passou a ser revista, levando em consideração a semelhança de raízes ou palavras de línguas semíticas anteriores ou contemporâneas ao hebraico, e até mesmo com o sumério (de origem não-semítica, esta língua influenciou bastante o acádico). Esta perspectiva caracterizou-se como uma fase da pesquisa bíblica que, em momento de crítica, passou a denominar-se pejorativamente "panbabilonismo"[157] e "panorientalismo" e, depois, "pan-ugaritismo"[158], exatamente por pretender ver em tudo a influência de parâmetros do Antigo Oriente Próximo.

---

[155] KRAUS, Hans-Joachim. *Klagelieder (Threni)*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 4. ed. 1984.[1. ed. 1956]. (Biblischer Kommentar: Altes Testament, 20). 98p.

[156] Quanto a esta fase inicial das pesquisas sobre Ugarit, veja-se recentemente SMITH, Mark S. Beginnings: 1928 to 1945. In: *Untold Stories. The Bible and Ungaritic Studies in the Twentieth Century*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2001, p.13-49.

[157] Kraus aborda a crítica, especialmente da parte de setores mais conservadores ligados à teologia bíblica, a uma exagerada ou menos crítica inferência de práticas, etc, do contexto babilônico ao contexto bíblico, especialmente no início do século XX: KRAUS, Hans-Joachim. *Geschichte der historisch-kritischen*

Neste contexto, houve expressões marcantes na crítica textual de Lamentações. Destacam-se, ao final dos anos 60 e na década de 70 do século passado, Thomas F. McDaniel[159] e Mitchell Dahood[160], ambos com estudos dedicados especialmente a *hapax legomena* e expressões difíceis em Lamentações, e se propuseram a elucidá-los especialmente a partir do ugarítico e do acádico, surgindo, o mais das vezes, novas etimologias ou leituras das palavras e expressões. Os resultados destas pesquisas são, por vezes, surpreendentes, mas pouco sólidos[161], outras vezes têm um vasto embasamento nas línguas semíticas do noroeste, mas não alteram significativamente o sentido da expressão hebraica como já percebida a partir de seu universo lingüístico próprio. Foi peculiar a estes pesquisadores uma excessiva liberdade na solução de problemas textuais e mesmo na ressignificação, com o auxílio das línguas semíticas, de passagens perfeitamente compreensíveis desde o interior do universo lingüístico do hebraico antigo. De forma bastante mais moderada, também Delbert Hillers apresentou afinidades com esta tendência, que ainda prossegue, por exemplo, em Dobbs-Allsopp.

3.6. Tendências atuais na Crítica Textual de Lamentações

Talvez o aspecto mais evidendente na crítica textual contemporânea seja a influência da lingüística, de considerações intertextuais e macrotextuais na interpretação de palavras, raízes e expressões. Uma expressão importante, mas não isolada, é Luis Alonso Schökel e sua vasta escola, especialmente no mundo exegético católico romano. O tratamento do texto bíblico como obra de arte literária e a preocupação com a correspondência das características de estilo do texto original na tradução final[162] encobrem uma menor atenção ao processo de surgimento dos textos bíblicos, com as

---

Erforschung des Alten Testaments. 4. ed. (idêntica à 3. ed. ampliada de 1982), Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1988, p.300-340.

[158] A expressão ocorre, por exemplo, em MOORE, Johannes C. de e LUGT, Pieter van der. The Spectre of Pan-Ugaritism. In: *Biblica et Orientalia*, Roma: [s.n.], 1974, vol. 3, p. 6-23 ou em GORDON, Cyrus. Ugarit in Retrospect and Prospect. In: G. D. Young (ed.), *Ugarit in Retrospect: Fifty Years of Ugarit and Ugaritic*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1981, p. 188: "Now I´ve been reading about pan-Ugaritism...".

[159] McDANIEL, Thomas F. Philological Studies in Lamentations I e II. In: *Biblica*, Roma: [s.n.], 1968, vol. 49, pp. 27-53 e 199-220; Idem. The Alleged Sumerian Influence Upon Lamentations. In: *Vetus Testamentum*. Leiden: E.J.Brill, 1968, vol. 18, p. 198-209.

[160] DAHOOD, Mitchell. New Readings in Lamentations. In: *Biblica*. Roma: [s.n.], 1978, vol. 59, p. 174-197.

[161] Destaquem-se aqui as irreverentes proposições de Dahood, que impunha ao texto massorético consonantal (desconsiderando a vocalização) uma proximidade a fenômenos do ugarítico, muitas vezes em pleno descaso a outros critérios de avaliação do texto bíblico. Quanto a este período de influência de Dahood, ver SMITH, Mark S. *Untold Stories. The Bible and Ugaritic Studies in the Twentieth Century*. Peabody: Hendrickson Publishers, Inc., 2001, especialmente p. 159-165.

circunstâncias que os geraram e com o posicionamento teológico original de sua mensagem. Por outro lado, este exegeta dá bastante atenção às imagens utilizadas, e explicita as expressões e o ideário comuns a outros textos bíblicos em Lamentações[163].

Esta tendência de valorizar – e mesmo forçar – uma leitura do livro de Lamentações como um todo literário se sobressai em Johan Renkema, especialmente em seus quatro artigos intitulados "a estrutura literária de Lamentações"[164]. Ali o autor evidencia sua visão da organização de cada capítulo e do todo de Lamentações, infelizmente sem deixar que seus "argumentos literários" sejam compreendidos pelo público em geral. De fato, a fundamentação de suas unidades e dos supostos paralelismos internos aos poemas e dos externos (entre os poemas) deixa muito a desejar, não passando de palavras ou expressões hebraicas colocadas ao lado de outras supostamente paralelas ou em uma "inclusio". O´Connor descreve com precisão: "Ele identifica corretamente muitas repetições verbais, mas com freqüência os termos são meramente sinônimos, ou menos obviamente relacionados um ao outro"[165].

Possivelmente tais artigos derivam de alguma base teórica e crítico-textual já abordada em sua dissertação[166], a qual infelizmente não estava disponível. Na versão inglesa de seu comentário[167], Renkema diz esforçar-se por fazer jus ao método histórico-crítico, e, portanto, em explicitar amplamente as justificativas crítico-textuais de suas opções, mas percebe-se que o sentido atribuído a cada capítulo ou ao intertexto influencia sua tomada de decisão sobre o texto. O autor inicia sua abordagem de cada capítulo (denominado de "canto") explicitando a estruturação suposta do mesmo, dividido em "sub-cantos" e estes em "cantículos". Após considerações sobre a estrutura literária do capítulo

---

[162] SCHÖKEL, Luis Alonso. El ritmo en las traducciones poeticas: Lamentaciones. In: *Daniel. Baruc. Carta de Jeremias. Lamentaciones.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1976, p. 221-235.
[163] SCHÖKEL, Luis Alonso e OJEDA, José Luz. Lamentaciones. In: *Daniel. Baruc. Carta de Jeremias. Lamentaciones.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1976, p. 179-220. Esp. notas à tradução, p. 190-220.
[164] RENKEMA, Johan. The Literary Structure of Lamentations (I-IV). In: W. van der Meer e J. C. de Moor (eds.), *The Structural Analysis of Biblical and Canaanite Poetry*, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1988, p. 294-396. (JSOT Sup. Series, 74)
[165] O´CONNOR, Kathleen M. Lamentations. Johan Renkema (trans. Brian Doyle; Historical Commentary on the Old Testament; Leuven: Peeters, 1998). Pp. 641. Paper 2100 FB. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, Rome: [s.n.], 2000, p. 334. No original: "He rightly identifies many verbal repetitions, but often the terms are merely synonymous, or even less obviously related to each other".
[166] RENKEMA, Johan. "Misschien is er hoop...". De theologische vooronderstellingen van het boek Klaagliederen. Franeker: [s.n.]. 1983.
[167] RENKEMA, Johan. *Lamentations*. Leuven: Peeters. 1998. 641p. (HCOT). Tradução ao inglês de: Idem. *Klaagliederen*. Kampen: [s.n.]. 1993. (COT). Esta pesquisa não pôde dispôr do texto completo deste comentário, mas tão somente de sua introdução e do capítulo em que trata de Lm 2.

e de cada seção, ele oferece a tradução e, na seqüência, esclarecimentos sobre suas opções de leitura e crítica textual.

Apenas para exemplificar, ele identifica em Lm 2.1a o *hapax legomenon* יָעִיב que é apresentado, bem como as principais hipóteses com a menção de seus apoiadores e as razões e desvantagens de cada proposta, ao que ele acrescenta: "Optamos, portanto, pela interpretação tradicional [do verbo pressuposto como] `encobrir com nuvem´, assinalando que *a análise estrutural provê um argumento a mais a seu favor*"[168] (grifo meu). Expressões semelhantes são freqüentes no referido comentário. Embora a metodologia pareça correta, fica também evidente que tamanha ênfase na estruturação do todo como unidade literária coerente resulta numa coerção inadequada ao trabalho de crítica textual. Brandscheidt e Dobbs-Allsopp, de forma moderada, e Hunter, de forma mais acentuada, se podem incluir nesta tendência.

Mas a ciência bíblica atual não se deixa levar facilmente por modismos, reagindo com espírito crítico também a propostas apressadas de uma visão integralizadora da diversidade e dos acidentes perceptíveis no texto bíblico, testemunho permanente da complexidade de seu processo de formação, o que é bem visível nas recensões de tais tentativas.

Passado mais de um século de trabalho exegético e de proposições variadas, o texto difícil parece não ser mais fundamentalmente questionado em sua compreensão desde a última quarta parte do século passado. Após os trabalhos de Rudolph e Albrektson, confirmados em boa medida por Gottlieb e Barthélemy, a crítica textual alcançou certo equilíbrio, com apenas algumas propostas e observações localizadas ou com a justificativa do exegeta por suas opções de leitura. Tal é o caso, por exemplo, de Kaiser, Emmendörfer e Berges, este último bastante representativo da percepção atual do texto massorético de Lamentações. Algumas expressões continuam e possivelmente permanecerão obscuras até que alguma nova descoberta as ilumine.

A percepção de que a forma de avanço do processo de conhecimento dos textos bíblicos permite-nos reconhecer as influências que exerceram em exegetas do passado é

importante na avaliação de suas proposições crítico-textuais e, ao mesmo tempo, consiste num alerta para aquelas que atualmente temos sem que delas tenhamos consciência.

[168] RENKEMA, 1998, p. 216 (*hapax* p. 215-217). No original: "We opt, therefore, for the traditional interpretation ´to engulf with cloud`, noting that structural analysis provides a further argument in its favour".

4. ASPECTOS COMPOSICIONAIS, OCASIÃO E LOCALIZAÇÃO

4.1. O processo de surgimento ou composição de Lamentações

São várias as hipóteses sobre a gênese ou processo de composição de Lamentações. Talvez sejam quase tão numerosas quanto aqueles e aquelas que se propõem resolver esta questão. Ainda assim, é viável fazer confluir muitos dos modelos explicativos em grupos maiores, para fins de sistematização. Há, evidentemente, uma íntima relação deste tema com as hipóteses de autoria do livro vislumbradas acima[169] e com as hipóteses de datação apresentadas na seqüência, no ítem 4.2.

4.1.1. Hipóteses de composição simultânea sob a mesma orientação

Vários exegetas consideram que Lamentações poderia ter sido indiferentemente obra de um ou mais autores, isentando-se de especulações a respeito, e preferem tratar este livro como um todo, sem entrar no mérito de uma eventual história de sua composição. Entre estes, citem-se Kraus[170], Albrektson[171], Hillers[172], Schwantes[173] e Linafelt[174]. Note-se que a posição deste grupo não difere muito daqueles que supõem uma pequena diacronia entre os capítulos. Note-se que esta também parece ser uma posição "default", ou seja, um posicionamento-padrão adotado quando não se quer justificar outros. Salters, por exemplo,

---

[169] Cf. acima no cap. 2.
[170] KRAUS, Hans-Joachim. *Klagelieder (Threni)*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 4.ed. 1984.[1.ed. 1956].
[171] ALBREKTSON, Bertil. *Studies in the Text and Theology of the Book of Lamentations. With a critical edition of the Peshitta Text*. Lund: C.W.K.Gieerup, 1963. (STL, 21). 258p.
[172] HILLERS, Delbert R. *Lamentations: A New Translation with Introduction and Commentary*. 2. ed. rev., New York etc.: Doubleday, 1992. (Anchor Bible, 7a); Idem. Lamentations, Book of. In: D. N. Freedman (ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, New York etc.: Doubleday, 1992, vol. 4, p. 137-141.
[173] SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e Esperança no Exílio. História e Teologia do povo de Deus no Século VI A.C.*. São Paulo e São Leopoldo: Paulinas e Sinodal, 1987. 134p.
[174] LINAFELT, Tod. *Surviving Lamentations. Catastrophe, Lament and Protest in the Afterlife of a Biblical Book.* Chicago e Londres: The University of Chicago Press. 2000. x+180p.

inicialmente se absteve de considerar uma gênese de Lamentações em seu comentário[175], mas posteriormente decidiu-se por um desenvolvimento subseqüente dos cânticos[176].

Outro grupo de estudiosos prefere abordar Lamentações como uma obra literária, seja por imaginar que sua composição em capítulos buscou assemelhar o todo a uma grande quiná (Shea, Johnson)[177], seja por enfocar seus aspectos retóricos (Mintz[178]), por supor uma poesia de papéis (Miller[179] entre outros) ou para ressaltar o caráter lírico de Lamentações (Dobbs-Allsopp[180], O´Connor[181], Berlin[182]). As posições referidas foram abordadas mais detidamente no ítem 2.5. acima.

Uma variante importante deste último grupo é Hunter[183], que pretende ver em Lamentações uma espécie de "desconstrução" de temas abordados na primeira metade do

---

[175] SALTERS, Robert B. Lamentations. In: *Jonah & Lamentations*, Sheffield: JSOT Press, 1994, p.98-99.
[176] Idem. The unity of Lamentations. In: *Irish Biblical Studies*, [s.l.: s.n.], 2001, vol. 23, p. 108-110.
[177] Quanto a suas posições, veja-se acima em 2.6.
[178] MINTZ, Alan. The Rhetoric of Lamentations and the Representation of Catastrophe. In: *Prooftexts*. [s.l.]: John Hopkins Univ. Press, 1982, vol. 2, p. 1-17. Para Mintz (cf. p.17 n.2), cada capítulo de Lamentações foi obra de um autor distinto, mas o livro é o resultado de uma intenção redacional que lhe interessa avaliar.
[179] MILLER, Charles William. *Poetry and Personae: The Use and Function of the Changing Speaking Voices in the Book of Lamentations*, Denver: Univ. of Denver, 1996. (tese doutoral não publicada); Idem. Reading Voices: Personification, Dialogism, and the Reader of Lamentations 1. In: *Biblical Interpretation*, Leiden: Brill, 2001, vol. 9, p. 393-408.

[180] DOBBS-ALLSOPP, F. W. Lamentations, Book of. In: D. N. Freedman, A. C. Myers e A. B. Beck (eds.), *Eerdmans Dictionary of the Bible*, Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 785-787; Idem. *Lamentations*. Louisville: John Knox. 2002. (Interpretation) xiv+159p., cf. MANDOLFO, Carleen. F. W. DOBBS-ALLSOPP, Lamentations (IBC; Louisville: Westminster John Knox, 2002). In: *The Catholic Biblical Quarterly*. [s.l: s.n.], 2003, vol. 65, p. 255-256; MOORE, M. S. F. W. Dobbs-Allsopp, Lamentations (Interpretation; Louisville: John Knox, 2002), Pp. xiv + 159. In: *Journal of Hebrew Scriptures*. [s.l.: s.n.], 2002 - 2003, vol. 4. Disponível em <http://www.arts.ualberta.ca/JHS/reviews/review037.htm> Acesso em 28.8.2004; e O´CONNOR, Kathleen M., Lamentations, by F. W. Dobbs-Allsopp. Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching. John Knox, Louisville, 2002. 159pp. In: *Interpretation*, [s.l.: s.n.], 2003, Disponível em <http://www.interpretation.org/reviews/Jan-03/minor.htm#3> Acesso em 11.7.2005.
[181] O´CONNOR, Kathleen M. Lamentations. In: *The Women`s Bible Commentary*, London e Louisville: SPCK e John Knox Press, 1992, p.178-182; Idem. *Lamentations na the Tears of God*, Maryknoll: Orbis, 2002, xvi+156p; cf. CLIFFORD, R. J. LAMENTATIONS AND THE TEARS OF GOD. By Kathleen M. O´Connor. Maryknoll: Orbis, 2002. Pp. xvi + 156. In: *Theological Studies*, [s.l.: s.n.], 2003, vol. 64, p. 875-876.
[182] BERLIN, Adele. *Lamentations*, Louisville: Westminster John Knox, 2002. xxvi + 135p. (Old Testament Library), cf. McENTIRE, Mark. Berlin, Adele. Lamentations. Old Testament Library. Louisville: Westminster John Knox, 2002. Pp. xxvi + 135. Hardcover. $39.95. ISBN 0664218490. In: *Review of Biblical Literature*, [s.l.: s.n.], 2003. disponível em <http://www.bookreviews.org/pdf/3003_3174.pdf> em 8.7.2005; e WEST, James E. ADELE BERLIN, Lamentations: A Commentary (OTL; Louisville: Westminster John Knox, 2002). Pp. xxvi + 135. $39.95. In: *The Catholical Biblical Quarterly*, [s.l.: s.n.], 2003, vol. 65, p. 597-599.
[183] HUNTER, Jannie. *Faces of a Lamenting City. The Development and Coherence of the Book of Lamentations.* Frankfurt am Main: Peter Lang. 1996, 155p. (BEATAJ, 39); cf. GOTTWALD, N. K. Faces of a lamenting city: The development and coherence of the Book of Lamentations, by Jannie Hunter. Beiträge zur Erforschung des Alten Testaments und des antiken Judentums, 39. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1996. 155pp. $35.95. In: *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*. Nebraska: University of Nebraska Press, 2000, vol. 18, p. 136-137.

primeiro capítulo do livro, que teriam sido definidos em conjunto e depois elaborados separadamente por diversos grupos. Sua posição é abordada acima em 2.7.

Outro grupo de exegetas de corte mais conservador recusa-se a admitir a hipótese de uma autoria não-jeremiânica[184] e também prefere minimizar as diferenças teológicas e de postura entre os capítulos de Lamentações. Wiesmann[185], Harrison[186], Mesquita[187], Glatt-Gilad[188] e Dennison[189] são alguns dos que assumem esta perspectiva.

4.1.2. Hipótese de composição simultânea a partir do trabalho de vários grupos

Renkema[190] tenta fazer juz às reconhecíveis diferenças entre os capítulos sem abrir mão de uma abordagem que considera Lamentações como um todo literário, percebido preferencialmente como sincrônico. Para tanto, vale-se da imagem da composição de cânticos em uma guilda, à semelhança da literatura de salmos. Segundo seu entendimento, os membros de uma guilda produziriam suas obras em grupos ou individualmente, submetendo o trabalho à apreciação dos demais. Através deste recurso, Renkema tem um quadro teórico viável para conceber as diferenças de estilo e de postura e, ao mesmo tempo, as conexões intratextuais que lhe são tão caras. Outros detalhes sobre seu modelo explicativo foram abordados no ítem 2.6.

---

[184] Cf. acima em 2.4.

[185] WIESMANN, Hermann Der Planmaessige Aufbau der Klagelieder Jeremias. In: *Biblica*, [s.l.: s.n.], 1926, vol. 7, p.146-161; e, sobretudo, Idem. *Die Klagelieder übersetzt und erklärt*. Frankfurt: Philosophisch-theologische Hochschule Sankt Georgen. 1954.

[186] HARRISON, R. K. Lamentações. In: *Jeremias e Lamentações. Introdução e Comentário.* Tradução de Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, [1973] 1980, p. 153-189.

[187] MESQUITA, A. N. Lamentações de Jeremias. In: *Estudos nos livros de Jeremias e Lamentações de Jeremias*, Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p. 231-262.

[188] GLATT-GILAD, D. A. Lamentations of Jeremiah. In: P. J. Achtemeier et al. (eds.), *Harper Collins Bible Dictionary*. San Francisco: Harper San Francisco, 1996, p. 587-588.

[189] DENNISON Jr., James T. The Lament and the Lamenter: Lamentations 3.1-23. In: *Kerux.* Lynnwood: Kerux, 1997, vol.12, p.30-34.

[190] RENKEMA, Johan. *Lamentations*. Leuven: Peeters. 1998. 641p. (HCOT). Tradução ao inglês de: Idem. Klaagliederen. Kampen: [s.n.]. 1993. (COT); cf. MILLER, C. W. Renkema, Johan. Lamentations. Historical Commentary on the Old Testament. Leuven: Peeters, 1998. Pp. 641, Cloth, No Price Available, ISBN 9042906774. RENKEMA. Johan. Lamentations. Leuven: Peeters, 1998. 641p. (HCOT). In: *RBL* 07.10.2000. Disponível em: <http://www.bookreviews.org/pdf/2807_1265.pdf> Acesso em 9.9.2003; O´CONNOR, K. M. Lamentations. Johan Renkema (trans. Brian Doyle; Historical Commentary on the Old Testament; Leuven: Peeters, 1998). Pp. 641. Paper 2100 FB. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, Rome: [s.n.], 2000, vol. 62, p. 334-335; e REDDITT, Paul L. Johan Renkema, Lamentations (Historical Commentary on the Old Testament). Leuven, Peeters, 1998. 641 p. 16 x 24. BF 2.100. In: *Biblica*, [s.l.: s.n.], 2000, vol. 81, p. 282-285..

4.1.3. Hipóteses de composição mormente simultânea com acréscimo(s)

Em 1893 Fries[191] concluiu que a temática da destruição de Jerusalém em 587 a.C. teria sido suficientemente abrangida em Lm 1-3, e, voltando-se para os acontecimentos relacionados à revolta macabaica, considerou que o texto de Lm 4 e 5 seria mais adequado a esse contexto histórico: o período macabeu. No ano seguinte Löhr[192] publicava sua réplica, revelando as fraquezas da argumentação do exegeta nórdico. Budde concorda com Löhr aqui, mas pensa que Lm 3, pelos traços comuns ao Sl 119, poderia bem ter sido composto já às vésperas do período macabeu[193]. Segundo Wiesmann, Beer[194] também teria defendido a composição de Lm 3 no séc. III a.C.. Vários exegetas que defendem o surgimento diacrônico independente de cada capítulo de Lm postulam quase todos estes capítulos para o período exílico, deixando apenas Lm 3 para uma época posterior, ainda que no máximo até o séc. IV a.C.. Treves[195] apresenta uma posição bastante isolada ao propor a datação de todos os capítulos para o período macabaico. Mais de setenta anos após Fries, Lachs[196] considera que a apresentação do primeiro não foi feliz, mas que haveria evidências para localizar Lm 5 no período macabeu. Lachs reconhece não poder apresentar prova alguma, mas apenas indícios que, tomados em conjunto, tornariam plausível tal hipótese. Não há conhecimento de apoio para tais hipóteses de composição na atualidade. Pelo contrário, considerações lingüísticas recentes[197] levam a situar os diversos capítulos de Lamentações numa fase de transição entre o hebraico clássico ou pré-exílico e o hebraico tardio, com influências do período persa, em que as características tardias ainda não se manifestam ou são apenas incipientes, e a descartar as hipóteses aqui apresentadas.

---

[191] FRIES, S. A. Parallele zwischen den Klageliedern Cap. IV, V und der Maccabäerzeit. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, [s.l.: s.n.], 1893, vol. 13, p. 110-124.
[192] LÖHR, Max. Sind Thr. IV und V makkabäisch? In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaf*. [s.l: s.n], 1894, vol. 14, p. 51-59.
[193] BUDDE, K. Die Klagelieder. In: *Das Hohelied und die Klagelieder.* Freiburg i.B. et.al.: J.C.B.Mohr, 1898, p. 77. No original: "... sieht man am besten in Cap. 3 ... am wahrscheinlichsten dem 3. Jahrh., dem vormakkabäischen Abschnitt des griechischen Zeitalters…".
[194] BEER, G. Klagelieder. In: *Kurzes Bibelwörterbuch*, Tübingen: [s.n.], 1903, p. 365-366, apud Wiesmann, 1954, p. 85.
[195] TREVES, Marco. Conjectures sur les dates et les sujets des Lamentations. In: *Bulletin du Cercle Ern. Renan*, Paris: s.n., 1963, vol. 95, p. 1-4.
[196] LACHS, Samuel Tobias. The Date of Lamentations. In: *The Jewish Quarterly Review*, [s.l.: s.n.], 1966, vol. 57, p. 46-56.
[197] DOBBS-ALLSOPP, F. W. Linguistic Evidence for the Date of Lamentations. In: *The Journal of the Ancient Near Eastern Society,* New York: Jewish Theological Seminary, 1998, vol. 26, p. 1-36.

4.1.4. Hipóteses de composição ligeiramente diacrônica sob a mesma orientação

Talvez este grupo pudesse ser agregado ao primeiro aqui apresentado, 4.1.1., mas há uma percepção maior das diferenças entre os capítulos e de que estas diferenças refletem momentos históricos, sociais e religiosos distintos. Os exegetas aqui mencionados, em geral, também não vêem razão suficiente para que se postule diversos autores, preferindo atribuir os diferentes textos a momentos distintos para o mesmo autor. Vários dos comentadores mais antigos tentam identificar os capítulos com momentos da vida de Jeremias, eventualmente atribuindo alguns deles à situação do exílio no Egito, por exemplo (Thenius[198] e Kautsch[199], entre outros), ou apenas indicam o espaço de tempo em que supõem provável sua composição (especialmente Orelli[200], Monet[201] e Gunkel[202]).

Note-se que domina entre os exegetas deste grupo a noção de que Lm 2 e 4 foram compostos quase ao mesmo tempo e bem próximos de 587 a.C. Um pouco depois teria surgido Lm 1 e, após, Lm 5. Rudolph[203] acrescenta um ítem novo às possibilidades de datação ao considerar que Lm 1 não menciona a destruição do templo ou da cidade, e poderia referir-se apenas às conseqüências do primeiro cerco, em 597 a.C. Mesmo que hoje se tenha uma percepção diferenciada das conseqüências do primeiro cerco[204], ainda há exegetas que vêem plausibilidade nesta hipótese. É o caso de Haller[205] e Weiser[206], entre os antigos, e Gross[207] e Gottwald[208], entre os mais novos. Plöger[209] valoriza a tese de Rudolph e o reconhecimento por ela alcançado, mas considera que sua observação sobre o

---

[198] THENIUS, O. *Die Klagelieder*. Leipzig: Hirzel, 1855, apud Wiesmann, 1954, p. 85.
[199] KAUTZSCH, E. *Die Poesie und die poetischen Bücher des Alten Testaments*. Tübingen e Leipzig: [s.n.], 1902, apud Wiesmann, 1954, p. 85.
[200] OETTLI, Sam. *Das Hohelied und die Klagelieder*, Nördlingen: [s.n.], 1889, apud Wiesmann, 1954, p. 85.
[201] MONET, F. *Étude littéraire et critique sur le livre des Lamentations*. Genève: [s.n.], 1875, apud Wiesmann, 1954, p. 85.
[202] GUNKEL, Hermann e BEGRICH, Joachim, *Einleitung in die Psalmen,* 4. ed. com índice remissivo, Göttingen: Vandenhoeck und Rupprecht, [1933] 1985, p. 396, mesmo considerando Lm 3 com indícios de ser literatura tardia, o atribui ainda ao período exílico.
[203] RUDOLPH, Wilhelm. Die Klagelieder. In: *Das Buch Ruth. Das Hohe Lied. Die Klagelieder.* Leipzig: [s.n.], 1939, atualizado em 1962.
[204] A descoberta de textos da Crônica Babilônica relatando sobre o primeiro cerco tornam claro que não chegou a haver muito mais danos à cidade e à população do que a imposição de tributos, o exílio e a substituição do rei. Cf. WISEMAN, D. J. *Chronicles of Chaldean Kings (626-556 BC) in the British Museum*, London: British Museum, 1956, p. 66-75, e DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. São Leopoldo e Petrópolis: Sinodal e Vozes, 1997, vol. 2, p. 424-426.
[205] HALLER, Max. Die Klagelieder. In: M. Haller e K. Galling, *Die fünf Megilloth*, Tübingen: J.C.B.Mohr (Paul Siebeck), 1940, p. 91-113. (HAT, 18,3)
[206] WEISER, Arthur. Klagelieder. In: O. Ringgren e A. Weiser (eds.), *Das Hohe Lied, Klagelieder, Das Buch Esther.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1958, p. 39-111.
[207] GROSS, Heinrich. *Klagelieder*. Würzburg: Echter Verlag, 1986.
[208] GOTTWALD, N. K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas. 1988 [original inglês 1985], p. 501-506.

conteúdo de Lm 1 também se explicaria supondo um certo distanciamento da época da derrocada de 587 a.C., podendo abranger ambas as redições de Jerusalém com a vantagem de ficar mais próximo à época suposta para as demais lamentações[210].

Dentre os exegetas que pensam em uma maior diacronia entre os poemas (vide abaixo em 4.1.6), dois são mencinados aqui por pensarem que Lm 1 foi composto antes dos demais capítulos. Westermann[211] restringe-se a mencionar a proposta de Rudolph, mas considera que todos os capítulos, exceto Lm 3, foram compostos entre 587 e a pregação de Dêutero-Isaías, estimada por volta de 550 a.C. Ele pensa que os cânticos tiveram uma origem em tradições orais das celebrações de pesar pela derrocada, e que Lm 1, 2 e 4 foram os primeiros capítulos a serem compostos. A eles se acresceu Lm 5, até a época da pregação dêutero-isaiana, formando uma unidade textual e litúrgica, e apenas bem mais tarde Lm 3 passou a integrar o livro. Também Salters menciona o valor da proposta de Rudolph em seu comentário[212], mas ali considera que por trás de Lm 1 há mais do que os acontecimentos de 597 a.C., e, mais recentemente[213], supõe a origem deste capítulo somente após 587 a.C. Ainda assim, os dois últimos exegetas pensam em Lm 1 como o primeiro da série de capítulos.

As observações de Plöger[214] também são importantes por sugerirem importantes afinidades entre Lm 2, 3 e 4. Tendo em conta que as afinidades entre Lm 2 e 3 ou entre Lm 2 e 4 já tinham sido percebidas anteriormente, ele destaca a relação importante entre Lm 3 e 4, indicando afinidades entre este dois capítulos que têm levado exegetas mais recentes a repensar a composição de ambos, considerando a possibilidade de provirem da mesma mão (cf. abaixo 4.1.5). A seu tempo, ele supôs que a composição de Lamentações iniciou-se com o conjunto Lm 2, 3 e 4, tendo sido complementado por Lm 5 e, mais tarde, por Lm 1. Plöger inverte, portanto, a colocação de Rudolph, deslocando a composição de Lm 1 de

---

[209] PLÖGER, Otto. Die Klagelieder. In: *Handbuch zum Alten Testament.* Tübingen: J.C.B.Mohr, 1969, vol. 18 - Die Fünf Megilloth, cf. p. 130, mas especialmente p.163-164.
[210] Ibid., p. 130. No original: "Doch wird man seiner Beweisführung auch damit gerecht werden könen, dass man Kap. 1 in leichtem Abstand von der Zerstörung des Jahres 587 und in Zusammenfassung der beiden Katastrophen von 598 und 587 wenistens ungefähr den gleichen Zeitraum zuweist, der auch für die übrigen Lieder geltend gemacht werden kann".
[211] WESTERMANN, C. *Die Klagelieder. Forschungsgeschichte und Auslegung*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 1990, p. 95.
[212] SALTERS, Robert B. Lamentations. In: *Jonah & Lamentations*, Sheffield: JSOT Press, 1994, p. 99.
[213] Idem. The unity of Lamentations. In: *Irish Biblical Studies*, [s.l.: s.n.], 2001, vol. 23, p. 108
[214] PLÖGER, p. 163-164.

antes da queda de Jerusalém para a última posição, entre outras coisas por seu caráter de "sumário".

4.1.5. Hipóteses de composição diacrônica parcialmente independente

É mérito de Brandscheidt[215] conceber a composição de Lamentações a partir de Lm 1, 2 e 5, que seriam cânticos pré-existentes, configurando sua parcial independência. Eles seriam oriundos de celebrações cúlticas e teriam sido em parte adaptados a um novo *Sitz im Leben* literário, passando a compor a estrutura final. Bastante criativa é sua noção, desenvolvida a partir de observações encontradas em Plöger, de que Lm 4 foi composto pelo mesmo autor de Lm 3. Ela tenta demonstrar que Lamentações foi organizado, tanto em seus capítulos individuais como no seu conjunto, numa estruturação concêntrica ou quiástica. Ela parece indicar a composição de Lamentações para um período anterior ao fim de uma já longa ocupação babilônica, ou seja, antes de 539 a.C., ou mesmo antes de 550 a.C.:

> Que Lm 3 situa-se a alguma distância dos acontecimentos do ano 586, pode-se deduzir das circunstâncias mencionadas em Lm 3,34-36, que apontam para as distorções geradas pelo longo tempo de ocupação babilônica. [216]

Albertz[217] também parece seguir Brandscheit em ambos os aspectos, supondo um redator final que compôs tanto Lm 4 como Lm 3, ou ao menos pensa que a redação de Lm 4 se deu no mesmo espaço de tempo em que, com a composição de Lm 3, se teria efetivado a integração final dos capítulos – entre 562 e 539 a.C.[218]:

> Se R. Brandtscheidt 1983, p. 228-231, tiver razão, todo o livro de Lamentações foi compilado pelo autor de Lm 3, que também redigiu Lm 4 a partir dos textos mais antigos Lm 2, 1 e 5, formando uma composição estruturada oriunda provavelmente do mesmo período, o final da época exílica.[219]

---

[215] BRANDSCHEIDT, Renate. *Gotteszorn und Menschenleid. Die Gerichtsklage des leidenden Gerechten in Klgl 3.* Trier: Paulinus-Verlag. 1983, especialmente p. 204-235.

[216] Ibid., p. 222. No original: "Dass Klgl 3 in einiger Ferne zu den Erignissen des Jahres 586 steht, lässt sich aus den in Klgl 3,34-36 angeführten Begebenheiten entnehmen, die auf die durch die lange babylonische Besatzungszeit entstandenen Wirren hinweisen".

[217] ALBERTZ, R. *Die Exilszeit. 6. Jahrhundert v.Chr*. Stuttgart et.al.: Kohlhammer, 2001, esp. p. 117-135.

[218] Albertz indica o período de composição em uma tabela à página 130 da obra citada.

[219] ALBERTZ., p. 129. No original: "Das ganze Threnibuch, das, wenn R. Brandtscheidt 1983, 228-231, recht hat, vom Autor von Thr 3, der auch Thr 4 verfasst habe, aus den älteren Texten Thr 2; 1 und 5 zu einer

4.1.6. Hipóteses de composição diacrônica independente

Um grande número de exegetas mais antigos e da atualidade prefere pensar em um surgimento independente dos diversos poemas que compõem Lamentações. Incluem-se neste grupo, entre outros, Beer[220], Cornill[221], Meinhold[222], Steuernagel[223], Budde[224], Löhr[225], Robinson[226], Boecker[227], Westermann[228], Kaiser[229], Berges[230], Häusl[231], Gous[232], Salters[233] e Wischnowsky[234]. Explícita ou implicitamente, o motivo mais determinante para supor autores diversos e épocas diferentes para o surgimento dos capítulos parece ser a diversidade tanto formal como de perspectiva entre os vários capítulos, que parecem relacionar-se a momentos distintos do pensamento teológico mormente posterior à queda de Jerusalém. Pesam, nesta discussão, aspectos lingüísticos, literários e traditivos. Observa-se o tipo de hebraico utilizado. o relacionamento do texto de Lamentações com posturas e expressões de outros textos exílicos e pós-exílicos, e informações sobre eventos ou grandezas históricas referidas pelos textos.

Há várias seqüências supostas para o surgimento dos diversos capítulos, ainda que duas constantes se coloquem: a anterioridade de Lm 2, em geral com sua composição imaginada bastante próxima aos eventos de 587 a.C., e a posterioridade de Lm 3, cuja origem chega a ser datada até no século III a.C. Note-se que apenas Boecker entende que

---

planvollen Komposition zusammengestellt worden sei, gehört wahrscheinlich in die gleiche spätere Exilszeit. (p.129)".

[220] BEER, G. Klagelieder. In: *Kurzes Bibelwörterbuch*, Tübingen: [s.n.], 1903, p. 365-366.
[221] CORNILL, C. H. *Jeremia und seine Zeit*, Heidelberg: [s.n.], 1880, apud Wiesmann, 1954, p. 85.
[222] MEINHOLD, J. *Einführung in das Alte Testament*, 3.ed., Giessen: [s.n.], 1932, apud. Wiesmann,1954, p.85.
[223] STEUERNAGEL, C. *Einleitung in das Alte Testament*, [s.l.: s.n.], 1912, apud Wiesmann, 1954, p. 85.
[224] BUDDE, op. cit., idem.
[225] LÖHR, op. cit., idem.
[226] ROBINSON, T. H. Lamentations. In: *The Poetry of the Old Testament*, [s.l.: s.n.], 1947, p. 205-216.
[227] BOECKER, Hans-Jochen. *Klagelieder*. Zürich: Theologischer Verlag, 1985.
[228] WESTERMANN, op. cit., idem.
[229] KAISER, Otto. Klagelieder. In: H.-P. Müller et.al. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester.* 4. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, p. 91-198.
[230] BERGES, Ulrich, *Klagelieder*, Freiburg etc.: Herder, 2002.
[231] HÄUSL, Maria. Die Klagelieder – Zions Stimme in der Not. In: Luise Schottrff e Marie-Theres Wacker (eds.), *Kompendium Feministische Bibelauslegung*. 2. ed. corrigida. Gütersloh: Kaiser, Gütersloher Verlagshaus, 1999, p. 270-277.
[232] GOUS, I. G. P. A Survey of Research on the Book of Lamentations. In: *Old Testament Essays*. Pretoria: [s.n.], 1992, vol. 5, p. 184-205.
[233] SALTERS, op. cit., idem.
[234] WISCHNOWSKY, Marc, *Tochter Zion. Aufnahme und Überwindung der Stadtklage in den Prophetenschriften des Alten Testaments.* Neukirchen-Vluyn: Neukirchener. 2001.

os capítulos "...foram todos compostos sob influência direta destes acontecimentos"[235] (de 587 a.C.), ou seja, ainda no período exílico. Dentre os exegetas que postulam o surgimento paulatino e independente dos diversos cânticos, os mais antigos (Beer, Cornill, Meinhold, Steuernagel, Budde e Löhr), mas também alguns mais recentes (Robinson e Boecker), consideram o teor de Lm 4 bastante semelhante ao de Lm 2, e pensam que ambos os capítulos surgiram em seqüência. Esta tendência já foi observada entre exegetas que postulam uma pequena diacronia e autoria única (cf. acima 4.1.4). O maior argumento em favor da anterioridade de Lm 4 é a suposta referência mais direta a questões contemporâneas à destruição de Jerusalém. A isso se somaria o tom profano do texto. Também a proximidade do gênero do lamento pela cidade pesa nesta consideração. Para estes exegetas, Lm 1, com seu tom mais refletido teologicamente, deveria ser posterior a Lm 4 (Beer, Steuernagel, Robinson) e, em muitos casos, também a Lm 5 (Cornill, Meinhold, Budde, Löhr e Boecker).

4.1.6.1. A seqüência 2-1-4-5-3 retomada por Otto Kaiser

Embora com variações em termos da fundamentação ou da época em que se supõe cada um dos capítulos, a hipótese mais consensual sobre a seqüência em que os diversos capítulos foram sendo compostos é a que supõe o surgimento consecutivo dos poemas na ordem 2-1-4-5-3. Segundo Wiesmann[236], ela foi proposta inicialmente por Monet[237], que pensava em Jeremias como autor (e pertence, portanto, ao grupo de exegetas abordado em 4.1.4) e supunha que Lm 2, 1 e 4 teriam sido compostos na Judéia, Lm 5 durante a fuga para o Egito e Lm 3 no exílio egípcio. Infelizmente não temos acesso a esta obra, mas seria interessante averiguar a fundamentação que Monet ofereceu – se é que o fez - para esta seqüência. Um século mais tarde, Kaiser[238] – sem explicitar conhecimento das idéias de seu antecessor - desenvolverá com cuidado a fundamentação desta cronologia relativa. Em 1979, na primeira edição de seu comentário que, com uma atualização em 1992, permanece obra de referência na pesquisa de Lamentações, ele instaura uma nova tendência exegética no que tange à seqüência do surgimento dos capítulos. Kaiser pergunta-se - muito mais do que pela vivacidade ou força das imagens - pelos conceitos

---

[235] Ibid., p. 15. Lit.: "...alle im direkten Auswirkungsbereich dieser Geschehenisse gedichtet worden sind".
[236] WIESMANN, 1954, p. 86: No original: "Monet, der zuerst Kapitel 2, 1 und 4, (in Judäa), dann Kapitel 5 (auf der Flucht nach Ägypten), endlich Kap. 3 (im Anfang des dortigen Aufenthaltes) entstehen lässt".
[237] MONET, F. *Étude littéraire et critique sur le livre des Lamentations*. Genève: [s.n.], 1875, apud Wiesmann, 1954, p. 86.
[238] KAISER, Otto. Klagelieder. In: O. Kaiser et al. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester*. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979, p. 291-386. [= 3. ed. 1981].

presentes em cada um dos cânticos. É a *Tendenzforschung*[239] adentrando o estudo de Lamentações. Deixando de lado a questão de uma seqüência mais antiga do alfabeto[240], ele identifica em Lm 2 noções com menor grau de elaboração teológica, e questões em aberto que receberão um tratamento mais refletido em Lm 1**.** Em Lm 4 ele vê um conhecimento dos temas e questões levantadas em Lm 1 e 2, ainda que com outra pespectiva. Sobre este fundamento Kaiser estabelecerá a seqüência que tem sido amplamente adotada[241] na pesquisa mais recente entre aqueles que consideram uma composição sucessiva dos capítulos.

Quanto à datação dos cânticos individuais, Kaiser revê a posição expressa na edição de 1979 (e na reimpressão de 1981) na nova edição de seu comentário sobre Lamentações em 1992[242]. As alterações de sua posição levam em consideração especialmente aspectos da contribuição de Renate Brandscheit[243] em termos da identificação de uma tendência em Lm 5, ainda que discordando amplamente da datação por ela proposta. Ele considera o surgimento dos cinco lamentos de forma independente e em épocas distintas, apenas com diferenças na datação de cada capítulo. Se em 1979 (e 1981) Kaiser advogava um surgimento dos primeiros capítulos de Lamentações entre a segunda metade do século 5 a.C. e o 4º século a.C., a partir de 1989[244] ele começa a pensar num surgimento anterior destes capítulos, referindo-se a 587 a.C. como *terminus a quo* para Lm 2 e, em 1992, considerando seu surgimento na metade do século 6 a.C., ou na última terça parte daquele século. Curiosamente, Kaiser reduz em 1989 sua estimativa da composição final de Lm como um todo do 4º século para um *terminus ad quem* anterior à devastação de Edom (estimada por Weippert[245] entre 500-450 a.C.), mas em 1992 retoma sua apreciação anterior, entendendo que Lm encerrou-se apenas no decorrer do século 4º.

---

[239] KAISER, Otto. Literary Criticism and *Tendenz*-Criticism: Methodological Reflections on the Exegesis of Isaiah. In: Robert P. Gordon (ed.), *"The Place Is Too Small for Us". The Israelite Prophets in Recent Scholarship*, Winona Lake: Eisenbrauns, 1995, p. 495 - 512. (Sources for Biblical and Theological Study, 5)

[240] Cf. suas considerações sobre o tema, op. cit., p. 297.

[241] À exceção de Brandscheidt e Albertz, que pensam em um surgimento concomitante de Lm 3 e 4, além de suporem a conclusão do livro ainda sob domínio babilônico (cf. acima em 4.1.5).

[242] KAISER, Otto. Klagelieder. In: H.-P. Müller et.al. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester.* 4. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992 (ATD, 16/2), p. 91-198.

[243] Trata-se de sua dissertação, datada de 1983, citada e comentada acima em 4.1.5.

[244] KAISER, Otto. Klagelieder Jeremias (Threni). In: E. Fahlbusch et al. (eds.) *Evangelisches Kirchenlexikon. Internationale theologische Enzyklopädie*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, (1986-1996) 1989, vol. 2, cols. 1295-1297.

[245] WEIPPERT, Manfred. Edom und Israel. In: *Theologische Realenzyklopädie*, Berlin etc.: Walter de Gruyer, 1982, tomo 9, p. 296 (cf. p. 291-299).

Berges[246] apresenta uma postura semelhante com esta seqüência, porém mais enxuta, consensual e muito bem fundamentada. Semelhante à datação que fora apresentada por Kaiser em seu verbete de 1989, sem maiores detalhes, mas que foi posteriormente re-expandida no comentário de 1992, Berges supõe a conclusão de Lm 1, 2, 4 e 5 para um período de aproximadamente 80 anos, deixando apenas Lm 3 para algumas décadas mais tarde (por volta de mados do século 5º). Berges reconhece as afinidades lingüísticas de Lm 2 com o Sl 89.39-46[247] sem dependência literária e o elemento comum do acrosticismo como indícios de *milieu* semelhante de surgimento, algo mais tardio, mas também observa que neste salmo faltam alguns elementos muito caros a Lm 2, como Sião, o templo e o culto[248], com o que Lm 2 parece precedê-lo. Lm 1 estaria elaborando temas de Lm 2 (cf. já Kaiser). Berges destaca o papel de Sião como representante da comunidade exílica e pós-exílica, que alcançará seu clímax em Is 40-55 e 60-62, mas ressalta não haver ainda qualquer esperança de mudança de situação, com o que uma datação anterior a 550 é tida como provável. Como Kaiser, também Berges apóia muitas de suas considerações na análise e datação de partes do livro de Isaías[249]. Lm 3 teria afinidades com o Jó sofredor, tendo sido composto como centro do conjunto. A diferenciação entre justos e ímpios dentro da comunidade judaica já se faz perceber, mas ainda não é tão desenvolvida como em Is 65-66. Por outro lado, outros capítulos do final de Isaías estariam bastante afinados e temporalmente próximos de Lm 4 (Is 63.1-6) e Lm 5 (Is 63.7-64.11).

4.2. A época ou as épocas do processo composicional

Ligado à questão da autoria e do modo como foi composto está também o tempo ou os tempos em que este conjunto de capítulos se estabeleceu como tal. Como visto acima, a maioria dos exegetas atuais avalia que os diversos capítulos ou foram compostos mais ou menos simultaneamente – havendo que definir o momento em que tal obra veio a público - ou que os capítulos foram sendo compostos paulatinamente ao longo de décadas, entre a época subseqüente ao primeiro cerco (597 a.C.) ou à queda de Jerusalém (587 a.C.) e a destruição de Edom (entre 500 e 450 a.C.) que, aparentemente, ainda não ocorrera quando do encerramento de Lamentações.

---

[246] BERGES, Ulrich, *Klagelieder*, Freiburg etc.: Herder, 2002. 312p. (HThKAT)
[247] Cf. VEIJOLA, *Verheissung in der Krise*, 1982 p. 81.
[248] Cf. Hossfeld/Zenger *Psalmen 51-100*, 2000, p. 587.
[249] Cf. tb. BERGES, Ulrich. *Das Buch Jesaja. Komposition und Endgestalt*. Freiburg etc.: Herder, 1998.

No passado, alguns exegetas atribuíram ao menos parte de Lamentações a épocas bastante tardias, como no contexto da Revolta dos Macabeus ou no período de influência helenista. No entanto, especialmente as análises lingüísticas e da semelhança de expressões teológicas em outras obras, realizadas no início e ao longo do século XX, tornaram estas hipóteses de surgimento tardio curiosidades da história da pesquisa.

Em questões de datação, tão difíceis em se tratando de textos transmitidos, é sempre adequado orientar-se por elementos que permitem uma maior objetividade. Um destes parece ser a avaliação do estágio lingüístico em que um texto foi escrito. Löhr já havia iniciado uma avaliação nestes termos, mas ainda sem ter as ferramentas teóricas adequadas[250]. Recentemente vários pesquisadores, como Hurvitz, Polzin, Gervitz, Ehrensvärd e outros, têm buscado elementos para distinguir mais adequadamente as fases ou camadas relativas às transformações lingüísticas observáveis no hebraico bíblico. Dobbs-Allsopp fez uma análise detida da linguagem usada em Lamentações, enumerando e comparando cuidadosamente os traços do hebraico chamado "padrão", atribuído ao período pré-exílico, e do "tardio", situado em fase mais avançada do período de dominação persa. O exegeta também compara os índices de presença destes traços com os encontrados em outros livros bíblicos, especialmente em profetas, conforme resultados publicados por outros estudiosos. Embora, em sua análise, ele não chegue a fazer uma diferenciação dos índices para cada capítulo, o que aqui seria bastante significativo, ele chega a conclusões bastante importantes para a pesquisa:

> ...Lamentações exibe um misto de traços lingüísticos consistente com uma fase da linguagem que é de transição entre o Hebraico Bíblico Padrão e o Tardio. Como tal, o perfil tipológico da linguagem de Lamentações se configura de modo não dessemelhante àquele dos livros de Jonas e Ezequiel, sugerindo grande probabilidade a uma datação do sexto século para a composição destes poemas, ao mesmo tempo excluindo claramente a possibilidade de datações para os períodos pré-exílico, persa tardio ou macabaico. [251]

---

[250] LÖHR, Max. Der Sprachgebrauch des Buches der Klagelieder. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaf*. [s.l: s.n], 1894, vol. 14, p. 31-50.

[251] DOBBS-ALLSOPP, F. W. Linguistic Evidence for the Date of Lamentations. In: *The Journal of the Ancient Near Eastern Society,* New York: Jewish Theological Seminary, 1998, vol. 26, p. 2. No original: „...Lamentations exibits a mix of linguistic features consistent with a phase of the language that is transitional between Standard and Late Biblical Hebrew. As such, the typological profile of the language in Lamentations patterns in ways not dissimilar to that of the books of Jonah and Ezekiel, suggesting the strong likelihood of a

Mesmo sem diferenciar as observações para cada capítulo, suas anotações sobre as ocorrências permitem identificar uma maior concentração de indicativos de posterioridade lingüística em Lm 3. Este estudo corrobora, portanto, uma datação dos poemas conforme Berges, acima, concluindo-se na fase inicial do período pós-exílico.

4.3. A localização provável

Devido à sua questionável associação com Jeremias, a composição do livro de Lamentações havia sido suposta no contexto palestinense ou mesmo em parte no Egito, novamente devido à suposição de sua composição pelo legendário profeta. O fascínio gerado pela paulatina elucidação e divulgação dos tesouros culturais mesopotâmicos descobertos nas bibliotecas antiqüíssimas e outros sítios arqueológicos da região confluiu no que se chamou de "panorientalismo". Em relação ao livro de Lamentações, a descoberta dos chamados "lamentos sumérios pela destruição de cidades" e sua divulgação em meados do século XX foi importante para que vários exegetas ficassem mais atentos às afinidades do livro com Isaias e com Ezequiel, e supusessem que o surgimento de Lamentações poderia ter-se dado na Mesopotâmia. Também a noção de que as elites culturais de Israel haviam sido deportadas especialmente após 587aec, e que na Palestina não havia praticamente nada e ninguém que, neste período, contribuiu para esta perspectiva.

Enno Janssen[252] retoma a questão do tempo do exílio em solo palestinense, e é um dos exegetas que volta a examinar o conteúdo de Lamentações e a perceber a região de Judá como o mais provável local de sua composição. Seu trabalho chega a ser mesmo precursor de outras aproximações mais recentes, embasadas nos avanços da arqueologia: é cada vez mais evidente que o período exílico na Palestina foi de uma brusca redução de atividades e de perdas, mas que a maior parte da população permaneceu ali e, certamente, continuou se expressando e refletindo teologicamente, mesmo sem a deportada elite cultural. Percebe-se este novo conceito do exílio na Palestina em Albertz[253] e Seitz[254].

---

sixth-century date for the composition of these poems, while manifestly excluding the possibility of pre-Exilic, late Persian, or Maccabean period dates.".

[252] JANSSEN, Enno. *Juda in der Exilszeit. Ein Beitrag zur Frage der Entstehung des Judentums*. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1956.

[253] ALBERTZ, Rainer. *Die Exilszeit. 6. Jahrhundert v.Chr*. Stuttgart et.al.: Kohlhammer, 2001. 344p.

[254] SEITZ, Christoph. *Theology in Conflict. Reactions to the Exile in the Book of Jeremiah*. Berlin etc.: de Gruyter, 1989. xi + 329p. (BZAW, 176)

Middlemas[255] pensa que a visão dos que retornam é apenas a de uma minoria. Ele indica que a experiência dos demais deve ser melhor apreciada, e retoma a situação dos que ficaram na terra com o foco em Lamentações. O grupo que "retornou" após o exílio foi bastante menor do que antes se imaginou, e sua influência real, pensa-se, também não deve ser exacerbada. Cresce a idéia de que tenha havido uma depreciação intencional dos que ficaram na terra (e sua produção teológica), bem como uma valorização do papel dos retornantes[256].

Uma origem no exílio babilônico continua tendo seus defensores parciais (Westermann, Gerstenberger, etc.). Para tanto costuma pesar a grande afinidade formal com o Dêutero-Isaías. Mas a composição de Lamentações é hoje quase que unanimemente localizada na Palestina, entre os remanescentes na Terra.

[255] MIDDLEMAS, Jill. *The Troubles of Templeless Judah*. Oxford: Oxford University Press, 2005. 303p.
[256] BARSTAD, Hans M. On the History and Archaeology of Judah during the Exilic Period. A Reminder. In: *Orientalia Lovaniensia Periodica*, [s.l.: s.n.], 1988, vol. 19, p.25-36; CARROLL, Robert P. The Myth of the Empty Land. In: *Semeia*. [s.l.: s.n.], 1992, vol. 59, p.79-93.

5. ASPECTOS DA ESTRUTURA POÉTICA

5.1. O recurso ao Acrosticismo Alfabético e "Alfabetizante".

Basta olhar uma edição do texto massorético de Lamentações – ou mesmo muitas de suas traduções modernas – para perceber uma relação entre a seqüência das letras do alfabeto hebraico e as subseqüentes porções de seus capítulos (versos ou conjuntos de versos). O que hoje a apresentação gráfica destaca não passou despercebido na Antigüidade. Algumas questões ocuparam a pesquisa: Será que o recurso ao acrosticismo evidencia algo sobre seu contexto de surgimento, sobre seus compositores, sua finalidade ou sentido? Por que Lamentações estrutura-se desta forma? Muitas respostas já foram dadas a estas questões, e várias conclusões foram daí derivadas, mas cabe aqui apresentar apenas as linhas principais dessa discussão no quadro atual. O autor desta dissertação já abordou este tema, embora voltado à análise de Lm 2, em sua monografia de graduação[257], que também pode ser consultada para informação adicional sobre as correntes de interpretação deste recurso.

5.1.1. Definições de acrosticismo e características das ocorrências em Lamentações

A expressão *acróstico* vem do grego ακρος (extremidade) e στιχος (linha, verso), indicando um texto cujas letras ou sinais no início ou fim dos versos oferecem sentido próprio quando lidos em sequência. Tal sentido pode ser uma palavra, uma frase, ou o próprio alfabeto da língua hebraica, na qual os poemas foram compostos, chamando-se, neste caso, "acrosticismo alfabético".

---

[257] CALOVI, Marcos. Acrosticismo alfabético. In: Idem. *Lamentações Capítulo Dois: Clamor, memória e resistência se transformam em canção no Exílio Palestinense.* São Bernardo do Campo: Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. 1990, p. 71-77. (mimeografado)

Embora haja registro de acrosticismo já anteriormente na Mesopotâmia e no Egito, e haja recurso semelhante em ugarítico, é na língua hebraica que surgirão os primeiros textos acrósticos alfabéticos, e é mesmo provável que no livro de Lamentações se encontrem as mais antigas expressões desta espécie. Ainda assim cabe assinalar, com Brug[258], que pode ter havido, neste particular, uma influência egípcia. Há registro de textos em que cada nova unidade inicia-se com um indicador de seqüência. O que mais se destaca é um hino a Amon[259] onde cada novo capítulo tem como primeira e última palavras uma expressão de pronúncia similar ao número seqüencial correspondente.

Se há uma característica formal inegável de Lamentações, ao menos nos quatro primeiros capítulos, trata-se de sua divisão em estrofes ou grupos de linhas poéticas identificadas individualmente com as letras do alfabeto hebraico em sequência. Isto se expressa através da primeira letra do verso inicial de cada conjunto de dois (Lm 4) ou três versos (Lm 1-2) que compõem as estrofes, ou (no caso de Lm 3) através das iniciais idênticas de cada um dos (três) versos dessas estrofes. O quinto capítulo também é considerado em íntima relação com os demais poemas, por consistir de 22 versos - o mesmo número de versos que as letras do alfabeto hebraico - sendo, por isso, considerado "alfabetizante".

5.1.2. Correlação com outros textos acrósticos, alfabéticos e "alfabetizantes"

Löhr[260] analisou os poemas acrósticos alfabéticos no Antigo Testamento quanto ao tamanho dos versos e quanto à frequência das linhas poéticas iniciadas com essas letras em cada um dos grupos de versos, e constatou que esta forma vai se desenvolvendo em ambos os aspectos. Por um lado, diminuiu o número de linhas poéticas regidas por uma letra inicial do alfabeto, e, por outro, aumenta gradativamente o número de letras iniciais idênticas em cada grupo de versos. Mesmo considerando-se as dificuldades de confirmar plenamente a diacronia dos textos acrósticos do AT, as observações feitas permitem concluir provisoriamente que o recurso tende a ganhar importância por si mesmo, deixando

[258] BRUG, J. P. Biblical Acrostics and Their Relationship to Other Ancient Near Eastern Acrostics. In: W. W. Hallo, B. W. Jones e G. L. Mattingly (eds.), *The Bible in the Light of Cuneiform Literature: Scripture in Context*. Lewiston: Edwin Mellon Press, 1990, vol. III, p. 283-304. (Ancient Near Eastern Texts and Studies, 8) Disponível em <http://www.wls.wels.net.library/Essays /Authors/B/BrugAcrostics.pdf>. Acesso em 22.12.2004.

[259] ZANDEE, Jan. *De Hymnen Aan Amon van Papyrus Leiden 1350*, Leiden: Brill, 1948, esp. p. 127-130.

[260] LÖHR, Max. Alphabetische und alphabetisierende Lieder im Alten Testament. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Giessen: Alfred Töpelmann, 1905, p. 184s.

de ser *meio de expressão* para ser um *objetivo da expressão*, e, ao mesmo tempo, trata-se de mais um indício para uma cronologia dos diversos capítulos de Lamentações.

5.1.3. A razão e o sentido do acrsoticismo alfabético e "alfabetizante"

As funções e interesses imaginados como fundamentalmente ligados ao uso do acrosticismo estão ligados a explicações sobre sua origem (grosso modo didática, mágica ou sobrenatural, e estética) e natureza. Considerou-se os acrósticos como uma forma de promover o desenvolvimento cultural[261], de brincar com as letras e os sinais[262] (para demonstrar arte ou erudição, por exemplo) ou para alegrar os olhos[263].

A noção mais aceita atualmente é a proposta por Gottwald[264] (que diz-se precedido por De Wette[265]) de que este recurso teria a função de, ao lado de limitar a expressão e ordenar os versos, também conferir ao texto uma noção abstrata de completude quanto ao tema abordado. Seria uma lamentação "de A a Z", como muitos[266] preferem entender.

Vários pesquisadores pensam no acrosticismo alfabético primordialmente como elemento estruturador do texto, e como um modo de limitar sua extensão. Este recurso criaria um limite "natural" do texto, que, senão, avançaria ao sabor das fortes emoções que aglutina. Assim Dobbs-Allsopp compara o acrosticismo a outras formas poéticas como o soneto, "provendo uma delimitação estética à composição poética e constituindo-se num modelo formal de repetição, que pode ser manipulado para atingir vários efeitos, inclusive

---

[261] Especialmente MUNCH, P. A. Die Alphabetische Akrostichie in der jüdischen Psalmendichtung. In: *Zeitschrift der deutschen morgenländischen Gesellschaft*, Wiesbaden etc.: [s.n.], 1936, vol. 90, p. 703-710.
[262] Assim WIESMANN, H. *Die Klagelieder*, Frankfurt a.M.: Philosophisch-theologische Hochschule Sankt Georgen, 1954, p. 30; WEISER, A. Klagelieder, In: O. Ringgren e A. Weiser (eds.), *Das Hohe Lied, Klagelieder, Das Buch Esther.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1958, p. 39-111; HILLERS, D. R. *Lamentations: A New Translation with Introduction and Commentary*, 2. ed, New York: Doubleday, 1972, p. xxvi; e KAISER, Otto, Klagelieder. In: O. Kaiser et al. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester.* 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981, p. 298.
[263] Esta compreensão relacionada à anterior é defendida por JAHNOW, Hedwig, *Das hebräische Leichenlied im Rahmen der Völkerdichtung*, Giessen: Alfred Töpelmann, 1923, (BZAW) vol. 36, p.169, e, entre outros, GERSTENBERGER, E. S. *Psalms, Part 1, with na Introduction to Cultic Poetry*, Grand Rapids: Eerdmans, 1988, p. 20.
[264] GOTTWALD, N. K. *Studies in the Text of Lamentations*. London: S.C.M.Press, 1954, p.23-32, esp. p. 28.
[265] DE WETTE, W. M. *A Critical and Historical Introduction to the Canonical Scriptures of the Old Testament*, Boston: [s.n.], 1858, vol. 2, p. 532, apud GOTTWALD, Ibid., p.28. No original: "The elegiac humour of the sufferer has here expressed itself with a certain completeness".
[266] Mencionem-se, entre outros, SOLL, Will, Acrostic. In: D. N. Freedman, *The Anchor Bible Dictionary*, New York: Doubleday, 1992, vol. 1, p. 58-60; recentemente MINKOFF, Harvey. As Simple as ABC. What Acrostics in the Bible Can Demonstrate. In: *Bible Review*, [s.l.: s.n.], 1997, vol. 13, p. 27-31 e 46-47.

construir coerência e dinamismo e sinalizar inteireza"[267]. Em seu comentário[268], ele destaca entre as funções deste recurso a contenção e coesão de conteúdos, e avalia as variações (na estrutura estrófica, na intensidade do recurso e mesmo em sua irregularidade quanto à ordem de consoantes) como elemento de dinamismo que confere aos poemas uma trajetória. Por fim chega a ver no alfabeto e no recurso ao mesmo um simbolismo próprio, uma afirmação paradigmática da cultura e da civilização em meio à devastação e ao sofrimento desumanos. Também vê neste recurso a sutil afirmação de uma ordem cósmica além das turbulências da realidade histórica. De modo semelhante Berges considera: "O alfabeto, ... a metáfora básica da cultura para perfeição e totalidade..., serviu como medida e direção para expressar em palavras as amargas experiências do período exílico e pós-exílico..."[269].

Abordando o acrosticismo nos Salmos, Seybold chega a uma conclusão extremada:

> O sentido real do acrosticismo está, portanto, em sua função de delimitar versos, pois pela estruturação especial dos inícios de verso ele sinaliza onde se situam o início e o correspondente fim do verso (anterior) ou a sua metade. Poderia ser que sua função em muitos casos a isso se limita, e que outras relações de sentido são secundárias ou não são intencionadas. Então ele teria sido inserido como uma proteção contra a prosaização, que claramente ocorreu na maior parte dos textos poéticos.[270]

Outra posição polêmica é apresentada por Renkema de modo mais explícito em um artigo[271] sobre o tema. Considerando a composição de Lamentações como um todo, ele pensa em uma correlação entre expressões e conteúdos dos versos associados a cada uma

---

[267] DOBBS-ALLSOPP, F. W. Acrostic. In: D. N. Freedman (ed.), *Eerdmans Dictionary of the Bible*, Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 14. No original: "…providing an aesthetic constraint on the poet`s composition and presenting a formal pattern of repetition, which may be manipulated to achieve various effects, including to build in coherence and dynamism and to signal closure".

[268] Idem. *Lamentations*. Louisville: John Knox Press, 2002, p.17-18.

[269] BERGES, Ulrich. *Klagelieder*, Freiburg etc.: Herder, 2002, p. 76. No original: "Das Alphabet, … die kulturelle Grundmetapher für Vollkommenheit und Totalität …, diente als Massstab und Leitschnur, um die bitteren Erfahrungen der exilisch-nachexilischen Zeit in Worte zu fassen…".

[270] SEYBOLD, Klaus. Akrostichie im Psalter. In: *Theologische Zeitschrift*, Basel: Friedrich Reinhardt, 2001, vol. 57, p.181. No original: "Die eigentliche Bedeutung der Akrostichie liegt demnach in ihrer versabgrenzenden Funktion. Denn durch die besondere Gestalltung der Versanfänge signalisiert sie, wo der Anfang und entsprechend das Ende des (vorhergehenden) Verses oder der Vershälfte zu setzen ist. Es könnte sein, dass sich ihre Funktion in vielen Fällen darin erschöpft und andere Sinnbezüge gar nicht oder nur sekundär beabsichtigt sind. Dann wäre sie als ein Schutz gegen die Prosaisierung eingesetzt, welche offensichtlich den meisten poetischen Texten bei der Abschrift widerfahren ist".

[271] RENKEMA, Johan. The Meaning of Parallel Acrostics in Lamentations. In: *Vetus Testamentum*, Leiden: E.J.Brill, 1995, vol. 45, p. 379-383.

das letras do alfabeto hebraico entre os cinco capítulos do livro. Assim, além de uma estruturação concêntrica em cada capítulo, o sentido dos textos de cada capítulo estaria relacionado ao dos demais através destes relacionamentos "horizontais" ou inter-textuais, através do que ele chama de *song responsions*, e poderia ser traduzido como "correspondências" ou "correlações" entre as canções. Mas estas supostas conexões exigem muito da imaginação, e não alcançam reconhecimento no meio exegético em geral.

Gous[272] apresenta uma breve reflexão sobre o acrosticismo alfabético, concluindo que este recurso formal só expressa seu sentido numa análise que considere também o conteúdo do texto em que ocorre. Ele também constata, à luz das ciências cognitivas, que a presença visual do alfabeto "ordenando" os versos de um poema desencadeia na mente do leitor uma noção de ordem que se contrapõe ao caos descrito pelo conteúdo do texto:

> O acróstico é visto como comunicador de noções de uma ordem subjacente que não é aparente de imediato, mas uma ordem que está presente e, uma vez vista, sempre faz sentir sua presença estruturadora no poema assim como no mundo real. Isto tem o efeito adicional de [fazer] as pessoas sentirem-se orientadas em um mundo previsível para si – um [mundo] onde Deus está no controle, ao invés da adversidade.[273]

5.2. A métrica e sintaxe em Lamentações - "Quiná" e "Enjambement".

5.2.1. Karl Budde e a métrica em quiná

Em 1882 Karl Budde publicou um artigo que se tornou célebre[274]. Ele estabeleceu um parâmetro teórico razoável para definir as características da linha poética utilizada em lamentos fúnebres, que ganhou o nome de "métrica em Quiná" por sugestão de Robinson[275]. Esta expressão é associada ao lamento, mas também ao canto.

> ...o decisivo e característico deste tipo de verso não é uma determinada extensão dos membros quanto a palavras, acentos, sílabas contadas, mas

---

[272] GOUS, I. G. P. Reason to believe: Cognitive strategy in the acrostic Psalm 34. In: *Old Testament Essays*, Pretoria: OTSSA, 1999, vol. 12, p.455-467.
[273] Ibid., p.466. No original: "The acrostic is seen as communicative of notions of an underlying order that is not apparent at first, but an order that is present and once seen, always makes its structuring presence felt in the poem as in the real world. This has the added effect of people´s feeling orientated in a to them predictable world – one where God is in control in spite of adversity".
[274] BUDDE, Karl. Das hebräische Klagelied. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. [s.l.]: [s.n.], 1882, p. 1-52.
[275] ROBINSON, T. H. Anacrucis in Hebrew Poetry. In: *Werden und Wesen des Alten Testaments*, Giessen: Alfred von Töpelmann, 1934, p.37-40.

> a relação do primeiro membro para com o segundo, e a supremacia do primeiro, a constituição do segundo como um ressoar mais breve.[276]

Infelizmente Budde afastou-se desta formulação aberta para, mais adiante, destacar a relação 3:2 entre as metades das linhas poéticas, e colocar-se até a "restaurar" o Texto Massorético *metri causa*, conforme já descrito acima[277]. Esta postura, inicialmente acolhida, veio a ser questionada com seriedade e por fim colocou em questão sua tese. Embora já percebido pelo referido exegeta, por haver lamentos fúnebres sem esta métrica e por este mesmo padrão aparecer em textos de natureza bem diversa questionou-se este enquadramento e o nome escolhido. Segert e Jahnow, por exemplo, usaram a expressão *Fünfer* (ou seja, "[linha poética] de cinco [acentos]"). Outro ponto de ataque é a definição da cesura a partir do sentido da linha poética, o que é criticado como intuitivo (ou subjetivo)[278].

5.2.2. Avaliação mais recente da chamada métrica em quiná

Em 1972 Hillers dedicou em seu comentário oito páginas[279] a uma detida discussão e reformulação das proposições de Budde quanto à métrica em quiná. Ele retoma o tema em um artigo[280] em 1974, em que se pergunta também pela influência que tal busca de irregularidade entre as metades de uma linha poética teriam em sua sintaxe, concluindo que a ordem sintática em geral não sofre com essa métrica, mas que é por vezes alterada para alcançar o efeito de uma cesura desigual do estíquio. Mais recentemente, em um verbete[281] sobre Lamentações de 1992, Hillers retoma a questão da métrica em quiná, afirmando que "permanece verdadeiro que a linha desigual[mente dividida] predomina"[282] (em Lm 1-4), e reconhecendo que, no geral, a descoberta de Budde permanece válida, sendo confirmada por estudos minuciosos como os de Freedman[283]. Garr[284] pergunta pela relação entre

---

[276] BUDDE, Karl. op. cit., p. 19. No original: "…als Entscheindende und Characteristische an dieser Versart nicht eine bestimmte Länge der Glieder, nach Worten, Hebungen, Silben abgezählt, erschien, sondern das Verhältniss des ersten Gliedes zum zweiten, das Ueberwiegen desselben, die Geltung des zweiten als eines kürzeren Nachhals".

[277] Cf. acima com mais detalhe em 3.2.

[278] Assim, por exemplo, BERGES, U. *Klagelieder*, Freiburg etc.: Herder, 2002, p. 79.

[279] HILLERS, Delbert R. *Lamentations*, 2. ed. New York: Doubleday. 1972, p.xxx-xxxvii.

[280] Idem. Observations on Syntax and Meter in Lamentations. In: *A Light Unto My Path. Festschrift J. M. Myers*. [s.l.: s.n.], 1974, p. 265-270.

[281] Idem. Lamentations, Book of. In: D. N. Freedman (ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, New York etc.: Doubleday, 1992, vol. 4, p. 137-141.

[282] Ibid., p. 139. No original: "...but it remains true that the unbalanced line is dominant".

[283] Cf. Ibid., p. 139-140. Ele refere-se a FREEDMAN, D. N. Acrostics and Metrics in Hebrew Poetry. In: *Harvard Theological Review*, Harvard: [s.n.], 1972, vol. 65, p.367-392. O autor escreveu ainda: Idem. Acrostic Poems in the Hebrew Bible: Alphabetic and Otherwise. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, Washington: [s.n.], 1986, p. 408-431.

estilo, sintaxe e métrica dos versos em quiná, e conclui que ela é interna e hierárquica. Uma vez atendidos os requisitos da métrica, o verso depara-se em determinada situação sintática que, dentro do possível, é remodelada visando atingir determinadas características de estilo. A segunda metade da linha poética, ou "linha B", em geral tendo o verbo ao fim, ajudaria a criar o efeito comovente (*sobbing effect*[285]) do gênero. Ele afirma ainda:

> Em uma métrica presumida, o poeta compõe suas linhas de acordo com as regras sintáticas comumente aceitas. Ele se desvia do padrão somente para criar um efeito especial. Por necessidade, a linha B mostra o maior grau de variação sintática, uma vez que é completamente dependente do modo como o poeta deseja completar seu pensamento inicial. A quiná, então, exibe regras sintáticas observáveis que dependem da métrica. Estas regras, no entanto, são flexíveis dentro do parâmetro da licença poética[286].

Mais recentemente o já citado Freedman é mais enfático: "A hipótese de Budde é poderosa e notavelmente sustentada por meio de testes estatísticos convencionais"[287]. Este autor elenca várias e inesperadas regularidades em Lamentações 1-4, sugerindo que as relações entre os comprimentos das linhas poéticas atribuídas a cada letra do alfabeto hebraico mantenham-se numa relação definida por capítulo, e que, portanto, seja planejada, bem como indica que ainda se pode vir a descobrir regras métricas subjacentes a Lm 5 e a outros poemas de 22 versos. Apesar das reservas de alguns[288], estudiosos da poesia hebraica como Schökel[289] e Watson[290] apresentam e mencionam esta métrica como um padrão reconhecido. Outros detalhes sobre a discussão da chamada métrica em quiná

---

[284] GARR, W. Randall. The Qinah: A Study of Poetic Meter, Syntax and Style. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, Berlin: Walter de Gruyter, 1983, p. 54-75.

[285] Ibid., p. 74. A expressão *sobbing*, derivada do verbo inglês "to sob", soluçar, parece aqui ser melhor traduzida como "dramático", "tocante", "comovente", e seria uma referência ao efeito emocional eventualmente provocado por esta relação entre as partes da linha poética.

[286] Ibid., p. 74. Note-se que "linha B" refere-se à segunda metade de uma linha poética. No original: "Within a presumed meter, the poet fashions his lines according to generally accepted syntactic rules. He deviates from the standard only when he wishes to create a special effect. Of necessity, the B line shows the greatest degree of syntactic variety since it is wholly dependent upon the way the poet wishes to complete his initial thought. The *qînah*, then, exhibits generally observable syntactic rules dependent upon meter. These rules, however, are flexible within the parameter of poetic license".

[287] FREEDMANN, D. N. e FANGE, Erich A. von. Metrics in Hebrew Poetry: The Book of Lamentations Revisited. In: *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne: Concordia Theological Seminary, 1996, p. 279-305. Disponível em <http://www.ctsfw.edu/library/files/pb/1202>. Acesso em 22.12.2004. Texto citado à p. 289. No original: "Budde´s hypothesis is powerfully and remarkably supported by means of conventional statistical tests".

[288] Recentemente HOOP, R. de. Lamentations: The Qinah-Metre Questioned. In: M. Korpel e J. Oesch (eds.), *Delimitation Criticism. A New Tool in Biblical Scholarship*, Assen: Van Gorcum, 2000, p.80-104.

[289] SCHÖKEL, L. Alonso. *Manual de Poetica Hebrea*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987, p. 27, 55, 64.

[290] WATSON, W. G. E. *Classical Hebrew Poetry*, Sheffield: JSOT Press, 1986, p. 98, 107, 108, 176, 363.

encontram-se em uma exposição própria anterior[291]. Quanto à aplicação desta relação desigual entre as partes em Lamentações como um todo, veja-se acima em 3.2.

5.2.3. Enjambement e a métrica em quiná

A poesia hebraica é quase que identificada com o paralelismo e suas diferentes formas. Alguns estudiosos são bastante taxativos a esse respeito[292]. Mas os dísticos nem sempre corroboram as teorias poéticas. O conceito de "paralelismo sintético", embora nem sempre satisfatório, tentou explicar casos "irregulares" como os correntes em Lm 1-4. Decorrente da própria métrica em quiná, é comum que a segunda metade da linha poética não tenha fôlego para um paralelismo, reduzindo-se, por vezes, a apenas uma complementação do que é afirmado na primeira metade. O segundo estíquio, longe de ressoar ou contradizer o primeiro, (mal) o complementa, ou, outras vezes, guarda em si mesmo o único verbo de um dístico. O conceito de paralelismo sintético mostra-se assim inadequado, obscurecendo a percepção deste fenômeno na poesia hebraica e em Lamentações. Teóricos contemporâneos buscam descrever com maior pertinência a poesia hebraica[293]. Embora sem utilizar o termo enjambement, Gordis reconheceu este fenômeno bastante freqüente em Lamentações, e associou-o à metrica em quiná[294].

> Não raramente *a cesura poética diverge da cesura lógica*, ou seja, o pensamento continua além da pausa imposta pelo padrão métrico. (...) Em Lamentações esta divergência é tão comum que pode ser razoavelmente considerada como uma característica do poeta. É possível que isto seja inerente à metrica em *Quiná*, na qual a brevidade da linha poética compele o escritor a ir além da cesura métrica para completar seu pensamento.[295]

Watson[296] já aborda claramente o enjambement, incluindo-o no repertório da poesia hebraica. Ele lembra que há diferentes graus de intensidade do enjambement, considerando a maior ou menor tensão entre as partes, e conclui que este recurso tem o efeito de romper

---

[291] CALOVI, op. cit., p. 77-86.
[292] É o caso, por exemplo, de KUGEL, James L. *The Idea of Biblical Poetry - Parallelism and Its History*, New Haven et. al.: Yale University Press, 1981.
[293] É o caso, por exemplo, de ALTER, R. *The Art of Biblical Poetry*, New York: Basic Books, 1985, e PETERSON, D. L. e RICHARDS, H. R. *Interpreting Hebrew Poetry*, Fortress: Fortress Press, 1992.
[294] GORDIS, R. *The Song of Songs and Lamentations. A Study, Modern Translation and Commentary*. New York: Ktav, 1974, p. 120-121.
[295] Loc. cit. Grifo do autor citado. No original: "Not infrequently, *the poetic caesura will diverge from the logical caesura*, that is to say, the thought will continue beyond the pause imposed by the meter pattern. (…) In Lamentations this divergence is so common that it may fairly be regarded as a special characteristic of the poet. Conceivably, it may inhere the *Qinah* meter, where the brevity of the poetic line compels the writer to go beyond the metric caesura in order to complete his thought".
[296] WATSON, op. cit., p. 332-335.

a monotonia das linhas poéticas normais, nas quais as pausas sintáticas coincidem com as gramaticais. Em certo sentido estas percepções dão continuidade às acima mencionadas considerações quanto à sintaxe que Hillers fizera e que Garr retomou. Dobbs-Allsopp:

> O extensivo uso do enjambement … em Lamentações provê uma textura distintiva e unificadora a estes poemas, compensando a falta de dispositivos narrativos para gerar coerência. O impulso da sintaxe, da forma como estende a primeira linha de um dístico para a segunda, dá a estes poemas energia e um senso notável de movimento para frente. [297]

Em 2001 Dobbs-Allsopp[298] soma-se aos que defendem que a poética hebraica não restringe-se a diferentes formas de paralelismo, mas inclui também outras modalidades. O autor lança dois artigos que se completam, nos quais expõe e evidencia a presença do enjambement na poesia veterotestamentária e, de modo especial, em Lm 1-4 (é o conjunto de textos bíblicos com maior concentração deste recurso). Após um histórico do que Lowth (1778) denominou "paralelismo sintético", discorre sobre o desenrolar da discussão em torno dessa expressão para a poética hebraica e defende que se assuma, no tratamento teórico da poesia hebraica, as características próprias de sua prosódia, sem tentar reduzi-la sempre a uma variante do paralelismo, especialmente porque em muitos casos nem há como se falar seriamente de qualquer paralelismo. Advoga que, não havendo indícios claros de paralelismo, busque-se descrever a prosódia deste poema de outra forma[299]. Aborda então as diversas formas de enjambement e tenta relacioná-la com a intensidade com que acentua a cesura entre as metades da linha poética. Passa, por fim, no segundo artigo, a caracterizar de forma mais detida os efeitos – entre outros o rítmico - que o enjambement produz em Lm 1-4 e analisa algumas passagens em particular. Dobbs-Allsopp chega mesmo a considerar aspectos de conteúdo eventualmente associados a este recurso: as variações sintáticas se equipariariam à própria comunidade, que arrisca seu caminhar para o futuro sem muitas certezas[300]. É o tratamento mais detido deste tema

---

[297] DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Lamentations*, Louisville: John Knox Press, 2002, p. 19. No original: "The extensive use of enjambment … in Lamentations, provides a distinctive and unifying texture for these poems, compensating for the lack of more narrativizing devices for onstructing coherence. The tug of syntax as it carries over from the first line of a couplet to the second gives these poems energy and a palpable sense of forward movement."

[298] Especialmente em seus dois artigos complementares: DOBBS-ALLSOPP, F.W. The Enjambing Line in Lamentations: A Taxonomy (Part 1). In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, Berlin: W.de Gruyter, 2001, vol.113, p.219-239 e Idem.The Effects of Enjambment in Lamentations (Part 2). In: op.cit., p.370-385.

[299] Ibid., p. 221. No original: "when there are no overt signs of parallelism in the surface structure of a poem, or the presence of parallelism, although noticeable, is not perceptually salient, then other elements need to be considered in order to fully comprehend the poem´s prosody".

[300] DOBBS-ALLSOPP, op. cit., cf. p. 377.

relacionado a Lamentações. Berges[301] vê no reconhecimento atual deste recurso mais um argumento para, ao traduzir, manter a ordem das palavras hebraicas, a fim de não deixar de reproduzir este efeito poético.

5.3. As macroestruturas poéticas em Lamentações

Desconsiderando a referência ao alfabeto hebraico através do acrosticismo alfabético em Lm 1-4 ou pelo número de versos de Lm 5, não há consenso quanto a uma estruturação conjunta de Lamentações. A maior parte dos exegetas evade-se de considerar ou rejeita uma composição conjunta[302].

Dentre os que postulam a composição de Lamentações como um todo, mesmo que partindo de composições pré-existentes, o parâmetro tradicional é o baseado em uma relação entre os capítulos semelhante àquela entre os acentos da métrica em quiná[303].

Outros exegetas postulam, além disso, uma abordagem quiástica ou concêntrica dos vários capítulos de Lamentações internamente e/ou entre si[304]. Muitos corroboram, também, de modo tácito ou explícito, uma ruptura temática de cada um dos capítulos aproximadamente em sua metade (entre os versos 10 e 11 ou entre 11 e 12), excetuando-se ora Lm 3[305], ora Lm 5[306], ou ainda sendo válido apenas para Lm 1[307]. Johnson propôs que a primeira metade seria "factual" e a segunda "interpretativa", o que tem menor aceitação. Brandscheidt e Renkema, por exemplo, buscam estabelecer uma estrutura concêntrica para cada capítulo, ainda que a primeira tente fazê-lo relacionando tematicamente os versículos individuais[308], enquanto o último estabelece, nos capítulos individuais, estrofes que se

---

[301] BERGES, op. cit., p. 80. No original: "…wie wichtig es ist, in der Übersetzung die hebräische Wortfolge beizubehalten, um den poetischen Effekt nicht zu verpassen…".
[302] Quanto às hipóteses de autoria e de composição de Lamentações, veja-se em detalhe os caps. 2 e 4 acima.
[303] Cf. acima em 2.6. e SHEA, William H. The *qinah* Structure of the Book of Lamentations. In: *Biblica* 1979, vol. 60, p. 103-107.
[304] JOHNSON, B. Form and Message in Lamentations. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, Berlin: W. de Gruyter, 1985, vol. 97, p. 58-73.
[305] Assim por exemplo BERGES, op. cit., p. 80. Ele usa a expressão "das Phänomen der Mittellinie".
[306] ALBERTZ, R. *Die Exilszeit*, Stuttgart: Kohlhammer, 2001, p. 125. Fala em "tiefen Gliederungseinschnitt".
[307] SALTERS, R. B. Searching for Pattern in Lamentations. In: *Old Testament Essays*, Pretoria: OTSSA, 1998, vol. 11, p. 93-104 e Idem. Structure and Implications in Lamentations 1?. In: *Scandinavian Journal for the Old Testament*, Aahrus: Scandinavian University Press, 2000, vol.14, p. 293-300.
[308] BRANDSCHEIDT, R. *Gotteszorn und Menschenleid: Die Gerichtsklage des leidenden Gerechten in Klgl 3*, Trier: Paulinus-Verlag, 1983, p. 48, 84, 136, 167, 192-193. Note-se, no entanto, que Lm 1 contempla uma

correspondem internamente em quiasmo[309]. Semelhante a Brandscheidt, Moskowitz[310] estabelece, em Lm 1 e 2, uma correlação entre elementos das extremidades ao centro de cada um destes capítulos de maneira quiástica, em semelhança ao que em hebraico se costuma denominar *atbash*[311]. Brandscheidt pensou em uma reestruturação de Lm 1, 2 e 5 a partir da composição de Lm 4 (para corresponder a Lm 2) e, por fim, Lm 3 como "centro" da coletânea formada. Berges vê em Lm 3, de fato, uma ressonância em relação aos demais capítulos. Ele identifica associações temáticas com Lm 1 e 5, por um lado, e outras com Lm 2 e 4, por outro[312]. Esta identidade de Lm 3 seria, de fato, um esforço composicional visando integrar os demais capítulos e formar um "todo" coeso. Este exegeta aceita como valiosas as divisões de estrofes de Renkema, adotando-as amplamente[313] e renomeando-as, mas divergindo em parte quanto à estruturação de Lm 3. Berges rejeita claramente, no entanto, as relações entre os versículos correspondentes às mesmas letras nos diversos capítulos. Segundo esse autor, a unidade de Lamentações constituiu-se integrando diversas expressões teológicas relativamente autônomas.

Mesmo Dobbs-Allsopp[314], que considera Lamentações como uma composição integrada, recua ao tratar de indícios macroestruturais no livro, relativizando a possiblidade de dar visibilidade à composição do todo e referindo-se antes a semelhanças e temas comuns espalhados pelos diversos capítulos, preferindo tematizar, em referência a Grossberg[315], as tendências centrípetas e unificadoras dos poemas. Berlin, que também dá bastante valor aos aspectos sincrônicos e poéticos do livro, considera bastante improvável uma composição unificada. No entanto, "conceber os cinco capítulos como um todo coerente conferindo uma visão multifacetada da destruição é uma estratégia exegética útil"[316].

---

certa estrutura concêntrica, mas é dividido em três partes, cada uma delas concêntricas. E Lm 2 é dividido em três partes, cada uma delas apresentando uma estrutura concêntrica, e não o todo do capítulo.

[309] RENKEMA, J. The Literary Structure of Lamentations (I-IV). In: W. van der Meer e J. C. de Moor (eds.), *The Structural Analysis of Biblical and Canaanite Poetry*, Sheffield: Sheffield Acad. Press, 1988, pp. 294-396.

[310] MOSKOWITZ, Yehiel Zvi. Lamentations. In: *Five Megillot*, Jerusalem: Mosad Harav Kook, 1990 (hebraico), apud BERLIN, Adele. *Lamentations*, 2003, p. 6 n. 11.

[311] *Atbash* é um sistema de criptografia hebraica muito antigo, em que se substitui a última letra do alfabeto pela primeira, a penúltima pela segunda, e assim por diante.

[312] BERGES, op. cit., p. 176.

[313] Ibid., p. 81.

[314] DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Lamentations*, Louisville: John Knox Press, 2002. p. 20-23

[315] GROSSBERG, Daniel. Lamentations. In: *Centripetal and Centrifugal Structures in Biblical Poetry*, Atlanta: Scholars Press, 1989, p. 83-104.

[316] Ibid., p. 6. No original: "…to conceive of the five chapters as a coherent whole conveying a multifaceted picture of the destruction is a useful exegetical strategy".

Por fim, segundo M. O´Connor[317], Schramm[318] faz uma análise macroestrutural de Lamentações, concluindo que o livro se organizaria segundo as características formais de um soneto. Ele assinala que o número de linhas poéticas é decrescente nos cinco capítulos, e que não insere conjuntos menores entre outros maiores. Schramm argumenta com o uso do acrosticismo. M. O´Connor, no entanto, pensa que a proposta não se sustenta.

[317] O´CONNOR, M. *Hebrew Verb Structure*, Winona Lake: Eisenbrauns, 1980, p. 454.
[318] SCHRAMM, G. M. Poetic Patterning in Biblical Hebrew. In: L. L. Orlin et al. (eds.), *Michigan Oriental Studies in Honor of George G. Cameron*, Ann Arbor: The University of Michigan, 1976, p. 167-191.

6. A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO VÉTERO-ORIENTAL

6.1. Os gêneros mesopotâmicos relacionados ao lamento por uma cidade

6.1.1. Os lamentos sumérios por uma cidade destruída

6.1.1.1. Breve histórico da pesquisa vétero-oriental e de sua recepção na pesquisa bíblica

Em 1940 Samuel Noel Kramer publicou uma obra[319] que deixaria marcas tanto nos estudos vétero-orientais como na pesquisa veterotestamentária: a primeira edição crítica[320] de um texto que ele entendeu pertencer a um gênero até então desconhecido da pesquisa. Ao denominar o texto "Lamento pela Destruição de Ur", ele suscitou uma denominação de gênero, identificando aspectos relevantes para a caracterização de um tipo diferente de literatura. Ao serem paulatinamente descobertos outros textos (ou porções de textos) com afinidades estruturais e temáticas, não houve, entretanto, uma pronta publicação de edição crítica, o que contribuiu para manter esta primeira abordagem como paradigmática de um gênero esboçado a que se acrescentavam novos exemplos quase desconhecidos do público científico. Décadas se passaram até que porções significativas de outros textos similares fossem publicadas ou se fizesse referência mais detida ao seu conteúdo. A evolução das pesquisas no que tange à língua suméria e o trabalho de reconstituição dos textos a partir de porções encontradas, por vezes espalhadas por diversos museus do mundo, exigia uma publicação mais trabalhosa e crítica, que foi sendo gestada em alguns centros de estudo.

---

[319] KRAMER, Samuel Noel. *Lamentation over the Destruction of Ur*. Chicago: The University of Chicago Press, 1940. (Assyriological Studies 12).

[320] Por edição crítica entenda-se a reconstrução gráfica de um texto-base supostamente refletido nas cópias ou fragmentos disponíveis através de técnicas de crítica textual, possibilitando derivar o conteúdo de cada fragmento e caracterizando eventuais suposições.

Considerando a publicação do primeiro texto e de outro similar por Falkenstein e Von Soden[321], Hans-Joachim Kraus[322] estabeleceu em 1956 uma série de afinidades de expressão e inferiu similaridades mais amplas, a ponto de considerá-las de uma mesma tradição de gênero que perpassaria as duas culturas da Antigüidade, apesar do grande lapso temporal[323]. Kraus e seu comentário a Lamentações tornaram-se paradigmas de uma confluência de gênero e de suas expressões entre os lamentos sumérios por cidades e Lamentações. Destaque-se que Kraus irá designar este gênero "lamento por um santuário destruído", restrição esta que não foi amplamente aceita na pesquisa subseqüente.

Este estágio da pesquisa vétero-oriental foi, durante algumas décadas, o referencial efetivo para a pesquisa veterotestamentária no que tange aos lamentos sumérios por uma cidade como potenciais antecessores genéricos de Lamentações. É neste contexto da pesquisa que se dá a publicação do polêmico artigo de Thomas F. McDaniel em 1968[324], pondo em dúvida qualquer dependência literária de Lamentações em relação aos lamentos sumérios pela cidade e gerando grande cautela no meio bíblico quanto a inferências de influência vétero-oriental. McDaniel, numa forte reação a certos arroubos de "pan-orientalismo[325]" ainda em voga, demonstrou em seu artigo a fragilidade de algumas associações entre expressões de ambos os textos por Kraus e enfatizou o enorme lapso temporal (perto de um milênio e meio) para uma transmissão destes textos até Lamentações. Esta crítica contundente teve grande efeito na pesquisa bíblica, inibindo por muito tempo o interesse pelas pesquisas vétero-orientais respectivas e quaisquer tentativas de aproximação entre estas tradições. Este é o horizonte da pesquisa vétero-oriental que transparece na conhecida recensão da pesquisa sobre Lamentações de Claus Westermann, publicada em 1990[326]. Sem desistir de pleitear uma afinidade entre textos tão afastados pelo tempo, Westermann, como em outros casos, ancora esta proximidade nas experiências

---

[321] FALKENSTEIN, Adam e SODEN, Wolfran von, *Sumerische und Akkadische Hymnen und Gebete*. Stüttgart e Zürich: Artemis-Verlag. 1953, pp. 187ss e 192ss.

[322] KRAUS, Hans-Joachim, *Klagelieder*, Neukirchen: Neukirchen, 1956. (Biblischer Kommentar Altes Testament, 20) esp. p. 9.

[323] A queda de Ur e outras cidades, por volta de 2004ac e a composição dos referidos textos, entre 50 e 150 anos após essa data, deixa um intervalo de cerca de 1500 anos até o imaginado correspondente hebraico (Lm). Isto se agrava ao constatar-se que estes lamentos não parecem ter sido utilizados posteriormente senão como exercício da curiosidade e da escrita, não havendo uma cadeia significativa de utilização e transmissão dos mesmos.

[324] McDANIEL, Thomas F., The alleged Sumerian influence upon Lamentations. In: *Vetus Testamentum*, Leiden: Brill, 1968, vol. 18 pp. 198-209. Este artigo reproduz conteúdos de um capítulo de sua dissertação *Philological Studies in Lamentations* de 1966 na John Hopkins University.

[325] Quanto ao panorientalismo ver item 3.5 acima.

humanas ancestrais, que transpareceriam em ambas as tradições e em contextos culturais diversos no Antigo Oriente. Em 1975 Hardmeier[327] havia apresentado um estudo questionando a metodologia da Crítica da Forma à luz da lingüística contemporânea, tendo como referencial a utilização metafórica de expressões de pesar em textos proféticos. Neste contexto, a relação entre os lamentos sumérios e Lamentações é mencionada, mas tem apenas função de reforço à sua tese, sem aprofundar o tema. Tendo conhecimento de uma pesquisa de Krecher[328], ele menciona alguns textos relacionados a este gênero sumério[329], como a Maldição de Acade e os cantos *eršema*. Hardmeier tentou distinguir os "lamentos por uma catástrofe[330]" dos lamentos fúnebres, com a finalidade de interditar considerações sobre o âmbito atribuído a textos proféticos veterotestamentários que se valem de expressões consideradas típicas do pesar. Neste contexto, ele destaca dois elementos do lamento sobre a catástrofe sumério (relato sobre a destruição e lamento sobre a catástrofe), e salienta que os mesmos podem ocorrer em outros tipos de literatura no âmbito sumério[331], sugerindo que algo semelhante tenha se dado no contexto bíblico. Esta forma de abordar gêneros, com maior influência da lingüística, desenvolveu-se e recebe o nome de "pragmático-textual", conforme o subtítulo[332] de uma obra recente do autor.

Na pesquisa vétero-oriental, já a partir de meados dos anos 1970 o modo de ver os assim chamados lamentos sumérios por uma cidade ganhava contornos mais definidos. Em

---

[326] WESTERMANN, Claus, *Die Klagelieder. Forschungsgeschichte und Auslegung*. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1990.

[327] HARDMEIER, Christof. *Kritik der Formgeschichte auf texttheoretischer Basis am Beispiel der prophetischen Weheworte. Die prophetische Klagerufe als Stilform der Redeeröffnung im Rahmen einer unheilsprophetischen Trauermetaphorik.* Heidelberg. 1975. Tese doutoral. Cópia mimeografada de original datilografado (Publicado posteriormente com poucas alterações sob o nome de: Idem: *Texttheorie und biblische Exegese. Zur rhetorischen Funktion der Trauermetaphorik in der Prophetie*. Munique: Chr. Kaiser, 1978).

[328] KRECHER, Joachim. *Sumerische Kultlyrik*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1966. Nessa obra o autor analisa o que seja e a ocorrência do dialeto Emesal (considerado por alguns modo de expressão de divindades femininas e seus sacerdotes), elenca as ocorrências deste dialeto na literatura (eximindo-se de incluir os chamados lamentos por cidades, nos quais a ocorrência desse dialeto parece restringir-se à fala da deusa Inana), faz uma análise de gênero literário dessas ocorrências nas épocas da história, um elenco de litanias, dos temas destes hinos e finalmente analisa com cuidado uma canção característica (SK 25).

[329] O mais antigo texto sumério deste tipo, um fragmento publicado por Gad (posteriormente identificado como parte do Lamento pela Suméria e Ur), a Maldição de Acade e, da abordagem da hinologia em dialeto Emesal por Krecher, op. cit., especialmente os "cantos *eršema*".

[330] Trata-se aqui da expressão alemã "Untergangsklage", já adotada em um artigo de Gerstenberger (1971) que Hardmeier pretende rebater, em alguns aspectos.

[331] HARDMEIER, op. cit., p. 333: "...ambas as formas de apresentação ... são encontradas também em macro-contextos literários bem diversos, e portanto são passíveis de variação de contexto...". No original: "...beide Darstellungsformen ... auch in ganz anderen literarischen Makrokontexten (...) anzutreffen sind und darum kontextvariabel sind…".

[332] Idem. *Textwelten der Bibel entdecken: Grundlagen und Verfahren einer textpragmatischen Literaturwissenschaft der Bibel.* Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2003. 2 vols.

1972 Cohen[333] publicou sua tese, em que aborda os chamados "lamentos *balag*"[334], utilizados correntemente em rituais durante a restauração de santuários, por exemplo, estabelecendo entre os lamentos pela cidade e os lamentos *balag* certa continuidade genérica e expressiva, mesmo com várias adaptações. Com isto restabelecia-se a possibilidade de influência, ainda que indireta (através da mediação desta variação genérica), dos lamentos sumérios por cidades sobre Lamentações. Para a definição mais clara dos "lamentos por uma cidade" como gênero literário, o texto mais valioso e decisivo foi o capítulo 9, "Lamentações Sumérias", da tese de Margaret W. Green[335], publicada em 1975, infelizmente acessível apenas na forma de microfilme. Ambos os trabalhos sinalizaram uma nova fase da pesquisa a respeito destes textos particulares, seu gênero e sua temática própria. Ali a pesquisadora apresenta, pela primeira vez, uma relação de temas tipicamente abordados nos diversos textos deste gênero, apresentando ao público a primeira avaliação conjunta destes textos e de seus traços característicos.

Na década de 1980 a pesquisa vétero-oriental expande-se consideravelmente no que tange a este quadro, sendo publicados textos importantes. Surgiram edições e traduções críticas de mais quatro textos deste gênero e outras de textos comparáveis, incluindo tanto supostos predecessores como algumas derivações tardias. É o caso, por exemplo, da hinologia suméria no período imediatamente anterior à queda da III Dinastia de Ur, de algumas imprecações ou maldições, da lista de reis sumérios, mas também de vários textos *balag* e *eršema*[336]. Inicia-se, inclusive, uma abordagem evolutiva deste gênero, o que permitiu que se percebesse melhor o fenômeno como um todo. Destacam-se pesquisadores como Green[337], Michalowsky[338] e Vanstiphout[339]. Neste contexto observam-se as

---

[333] COHEN, M. E. *An Analysis of the Balag-Compositions to the God Enlil copied in Babylon during the Seleucid Period*, Ann Arbor: University of Pensylvania, 1972. Dissertação de Ph.D. em Microfilme.

[334] *Balag* é um instrumento musical que certos lamentos rituais para o apazigüamento de divindades por ocasião de alterações ou reformas em estruturas sagradas requeriam ou indicavam. Os lamentos *balag* são, portanto, os lamentos com tais características que requerem tal instrumento.

[335] GREEN, Margaret W. Sumerian Lamentations. In: *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago, 1975, p. 277-325, Dissertação de Ph.D. em Microfilme.

[336] *Er* significa "choro, lamento, clamor", e *šem* é um instrumento musical, possivelmente de percussão, que acompanharia tal lamento. Para mais detalhes veja p. 92.

[337] GREEN, Margaret W. The Uruk Lament. In: *Journal of the American Oriental Society*. New Haven: The American Oriental Society, 1984, vol. 104, p. 253-279. Também é esta pesquisadora que finalizará para publicação póstuma o texto do lamento por Nipur: KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Nippur. In: *Acta Sumerologica Japonica*. Hiroshima: The University of Hiroshima, 1991, vol. 13, p.1-26.

[338] MICHALOWSKI, Piotr. History as Charter: Some Observations on the Sumerian King List. In: *Journal of the American Oriental Society*. New Haven: The American Oriental Society, 1983, vol.103, p. 237-248.

[339] VANSTIPHOUT, H.L.J., Some Thoughts on Genre in Mesopotamian Literature. In: Karl Hecker e Walter Sommerfeld (eds.). *Keilschriftliche Literaturen*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1986, pp. 1-11. Cf.

primeiras reações a estes desenvolvimentos no contexto da pesquisa bíblica. Mencionem-se aqui especialmente Gwaltney[340], Durlesser[341] e Ferris[342], que iniciarão uma nova fase na abordagem das relações entre Lamentações e seus supostos antecessores sumérios.

A partir da década de 1990 aprimoram-se as abordagens historiográficas relacionadas à antiguidade[343], e surgem outras edições críticas de lamentos sumérios por cidades. Destaquem-se Tinney[344] e Römer[345]. Igualmente a pesquisa bíblica reage assimilando os novos horizontes e reconsiderando sua perspectiva de forma mais crítica e profunda. Dobbs-Allsopp[346] se torna referência da nova abordagem quanto ao gênero do lamento pela cidade nos profetas e em Lamentações. Emmendörfer[347] tenta construir um quadro teórico maior para o surgimento dos lamentos comunitários bíblicos, fazendo uso das novas informações da pesquisa vétero-oriental. Retomando com fôlego aspectos levantados por Dobbs-Allsopp, Wischnowsky[348] investiga, a partir do horizonte dos lamentos sumérios pela cidade, as origens da "personificação[349] de Sião" como ela ocorre especialmente na literatura profética, referindo o tema também em Lamentações 1, 2 e 4.

---

tb. Idem. The Death of an Era. The Great Mortality in the Sumerian City Laments. In: B. Alster (ed.), *Death in Mesopotamia*, Copenhagen: Akademisk Forlag, 1980, pp. 83-89.

[340] GWALTNEY Jr., W. C.. The Biblical Book of Lamentations in the Context of Near Eastern Lament Literature. In: W. W. Hallo et al. (eds.), *Scripture in Context II: More essays in the Comparative Method*, Winona Lake: Eisenbrauns, 1983, p. 191-211.

[341] DURLESSER, J. A. The Book of Lamentations and the Mesopotamian Laments: Experimental or Literary Ties. In: *Proceedings of the Eastern Great Lakes Bible Societies* [s.l: s.n], 1983, vol. 3, p. 69-84.

[342] FERRIS Jr., Paul Wayne. *The Genre of Communal Lament in the Bible and the Ancient Near East*. Atlanta: Scholars Press, 1992. Embora publicado apenas em 1992, o horizonte do texto é de 1984, quando a tese foi apresentada.

[343] O artigo de LIVERANI, Mário. Model and Actualization: The Kings of Akkade in the Historical Tradition. In: Idem (ed.), *Akad: The First World Empire - Structure - Ideology, Tradidions*. Padova: Sargon SRL, 1993, pp. 41-67 é apenas um exemplo de uma percepção mais apurada do passado e de suas tradições escritas, como outros artigos do mesmo livro.

[344] TINNEY, Steve. *The Nippur Lament.* Philadelphia: The University of Pennsylvania Museum. 1996. (Occasional Publications of the Samuel Noah Kramer Fund, 16).

[345] RÖMER, Willem H. Ph. *Die Klage über die Zerstörung von Ur*. Münster: Ugarit-Verlag, 2004.

[346] DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Weep, O Daughter of Zion: A Study of the City Lament Genre in the Hebrew Bible*. Roma: Pontificio Instituto Biblico, 1993. O autor se concentra em encontrar semelhanças de expressão e estilo, sem avaliar seu pano-de-fundo. Restringindo-se às considerações de Green, seu trabalho é importante por visualizar uma variante própria deste gênero no profetismo pré-exílico. Mais recentemente ele admite algumas falhas de expressão naquela obra e defende-se de críticas à mesma em um artigo que contribui para o avanço no tratamento do gênero das lamentações pela cidade: Idem, Darwinism, Genre Theory, and City Laments. In: *The Journal of the American Oriental Society*, New Haven: The American Oriental Society, 2000, vol. 120, p. 625-630

[347] EMMENDÖRFFER, Michael. *Der ferne Gott. Eine Untersuchung der alttestamentlichen Volksklagelieder vor dem Hintergrund der mesopotamischen Literatur*. Tübingen: Mohr Siebeck. 1998.

[348] WISCHNOWSKY, Marc, *Tochter Zion. Aufnahme und Überwindung der Stadtklage in den Prophetenschriften des Alten Testaments.* Neukirchen-Vluyn: Neukirchener. 2001.

[349] Trata-se da representação literária ou artística de uma cidade ou sua população como se fosse uma pessoa fictícia (p.ex.: Sião apresentada como mulher) ou uma deusa.

Berges[350] inclui em seu comentário os resultados deste novo patamar de conhecimentos, o que passa a ocorrer também em outros comentários mais recentes[351].

6.1.1.2. O elenco dos lamentos sumérios por uma cidade e suas edições críticas.

São conhecidos cinco textos (e um resqüício fragmentário) que nos últimos sessenta e cinco anos paulatinamente têm sido apreciados em conjunto como *lamentos sumérios pela destruição de uma cidade* ou simplesmente *lamento pela cidade*. Abaixo a denominação predominante com a abreviação geralmente adotada em língua inglesa:

Lamento por Ur – LU ou LUr
Lamento pela Suméria e Ur – LSU ou LSUr
Lamento por Nipur – LN
Lamento por Eridu – LE
Lamento por Uruk – LW
(Lamento por Ekimar)[352]

O primeiro destes textos foi identificado como "Lamento pela Destruição de Ur", e foi apresentado ao público em 1940 por Kramer[353]. Ao denominá-lo desta forma[354], ele instaurou uma identificação que trouxe uma caracterização particular e restritiva deste gênero. O primeiro texto foi sendo conhecido, na edição de Witzel, como "Lamento por Ur"[355], assim como na publicação já mencionada da coletânea de Falkenstein e Von Soden[356]. Segundo Green[357], Vanstiphout tencionava editar este texto, o que não se efetivou. Em 2004 Römer publicou uma nova edição crítica do Lamento por Ur à luz do quadro atual da pesquisa[358]. A divulgação dos dois textos que, na seqüência, foram incluídos nesta nova categoria, o "Lamento pela Suméria e por Ur" - inicialmente conhecido como "Lamento de Ibbi-Sin"[359] ou "Segundo Lamento por Ur"[360] - e o

[350] BERGES, Ulrich. *Klagelieder*. Freiburg im Breisgau et.al.: Herder. 2002.
[351] Especialmente DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Lamentations*. Louisville: John Knox. 2002, e BERLIN, Adele. *Lamentations*, Louisville: Westminster John Knox, 2002.
[352] Um texto bastante fragmentário e breve que tem sido desconsiderado pela pesquisa.
[353] KRAMER, Samuel Noel. *Lamentation over the Destruction of Ur*. Chicago: The University of Chicago Press,1940. (Assyriological Studies 12).
[354] A designação *lamento* para estes textos tem sido questionada nas últimas décadas, especialmente por MICHALOWSKI, Piotr. *The Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1989, p. 4. Cf. abaixo no ítem 6.1.1.5.
[355] Há dois artigos publicados ao fim da segunda grande guerra sobre o Lamento por Ur, de WITZEL, Marcus. Die Klage über Ur. In *Orientalia*, Roma: [s.n.], 1945, vol. 14, p. 185-234 e, sob o mesmo título, In: Idem, Idem: Idem, 1946, vol. 15, p. 46-63.
[356] FALKENSTEIN, A. e SODEN, W. von, op. cit., idem.
[357] Ibid., p. 278.
[358] RÖMER, Willem H. Ph. op. cit., idem.
[359] FALKENSTEIN, A. Die Ibbîsîn-Klage. In: *Die Welt des Orients*, Göttingen: [s.ed.], 1950, vol. 1, p. 377-384. Elaboração das primeiras 54 linhas.

"Lamento por Nipur", também foram responsabilidade de Kramer. Em 1969 ele ofereceu uma tradução inglesa do Lamento da Suméria e de Ur[361] e um sumário do conteúdo do Lamento por Nipur[362]. Green menciona o projeto de uma edição e tradução crítica e comentada do Lamento pela Suméria e por Ur por Åke W. Sjöberg, mas este trabalho foi repassado a Michalowski[363] e publicado em 1989. O Lamento por Nipur chegou ao público apenas postumamente sob a autoria de Kramer em 1991[364], com uma edição e tradução crítica amplamente baseada na elaboração crítica da base textual do póstumo autor e com tradução de Green. Vanstiphout havia publicado em 1983 uma sucinta introdução analítica com tradução de passagens selecionadas dentre as várias subunidades textuais e respectivo comentário do Lamento por Nipur ao holandes. Isto deveria ser um ensaio para uma esperada edição crítica[365], mas foi Tinney quem, em 1996, brindou o público com a reconstrução crítica deste texto[366] em inglês. Green publicou criticamente e traduziu os últimos dois lamentos por uma cidade identificados, que tratam centralmente de Eridu[367] e de Uruk[368]. O chamado Lamento pela destruição de Ekimar ainda não tem uma tradução conhecida, mas o desenho do tablete que está em um museu de Istambul foi reproduzido em 1944 por Kramer[369]. Recentemente um fragmento de texto acádico que parece ser deste gênero foi encontrado (identificado como UET 6/2, 403), tendo sido publicado, traduzido e comentado por Wasserman num artigo[370] em hebraico. Conforme o resumo de apresentação, percebe-se grande afinidade com o Lamento pela Destruição da Suméria e de Ur e com o Lamento pela Destruição de Ur. A afinidade de temas e algumas traduções

---

[360] GADD, C. J.. The Second Lamentation of Ur. In: THOMAS, D. W.; McHARDY, W. D. (ed.). *Hebrew and Semitic Studies Presented to Godfrey Rolles Driver*, Oxford: [s.ed.], 1963, p. 59-71.

[361] KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur. In: PRITCHARD, J. B. (org.). *Ancient Near East Texts Relating to the Old Testament*. 3ed. Princeton: [s.ed.], 1969, p. 611-619.

[362] KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Nippur - A Preliminary Report. In: *Eretz Israel*, Jerusalem: [s.ed.], 1969, vol. 9, p. 89-93.

[363] MICHALOWSKI, op. cit. Note-se que há disponibilização "online" da tradução ao inglês por ele oferecida no endereço <http://www.sumer.dk/AboutSumer/Lamentation.htm>, acesso em 8.9.2005.

[364] KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Nippur. In: M. Yoshikawa (ed.) *Acta Sumerologica Japonica*, Hiroshima: The University of Hiroshima, 1991, vol. 13, p.1-26.

[365] Cf. MICHALOWSKI, op. cit., p.5 n.26.

[366] TINNEY, op. cit., idem.

[367] GREEN, Margaret W. The Uruk Lament. In: *Journal of the American Oriental Society*. New Haven: The American Oriental Society, 1984, vol. 104, p. 253-279.

[368] GREEN, Margaret W. The Eridu Lament. In: *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago, 1975, p. 326-374, Dissertação de Ph.D. em Microfilme. Posteriormente também como GREEN, Margaret W. The Eridu Lament. In: *Journal of Cuneiform Studies*. New Haven: [s.ed.], 1978, p.127-167.

[369] KRAMER, S. N. *Sumerian Literary Texts from Nippur in the Museum of the Ancient Orient at Istanbul* (=SLTN). New Haven: ASOR, 1944, plate 66, nº 103. (AASOR 23)

[370] WASSERMAN, Nathan. A forgotten Old-Babylonian lament over a city´s destruction: UET 6/2, 403 and its possible literary context. In: *Eretz Israel*, Jerusalem: The Hebrew University of Jerusalem, 2003, vol. 27, p. 126-132. O conteúdo é apresentado de forma resumida em 13/10/2005 em <http://services.inist.fr/cgi-bin/public/views_doc>.

literais sugerem que o texto foi composto por um aprendiz, e seria uma adaptação destes textos ao acádico, ou uma amostra de uma tal tentativa.

Os recursos da informática começam a revolucionar o acesso a estas fontes da Antigüidade. Recentemente tem havido divulgação "online" tanto de uma tradução ao inglês destes lamentos – entre outros textos sumérios – quanto de uma edição crítica "lematizada"[371] dos textos sumérios reconstruídos, disponibilizados eletronicamente pela Universidade de Oxford, através do Projeto ETCSL[372], que na forma atual tem sido publicado e revisto a partir de 2003. Mencione-se também com destaque especial o Projeto CDLI, que integra muitos pesquisadores e instituições e está sendo realizado pela Universidade da Califórnia e pelo Instituto Max Planck. Na sua página da internet há acesso a coleções em vários países, algumas delas tanto com fotos dos objetos como com transcrições e traduções[373].

6.1.1.3. A época e o contexto das composições

A composição dos cinco textos "clássicos" acima mencionados pode ter-se dado em um período que varia de 50 a 150 anos, principalmente no início da Dinastia Isin (período mesopotâmico antigo). Trata-se de composições longas, em geral com mais de 400 linhas[374]. Seu objeto são as circunstâncias e as conseqüências das destruições que algumas cidades sumérias sofreram, aparentemente sob ação de forças estrangeiras, por volta de 2004 a.C. Os acontecimentos encerraram de maneira trágica o período neosumério ou a III dinastia de Ur, e resultaram numa nova organização do poder na Suméria. Quatro das cinco composições devem ter sido elaboradas nos primeiros 70 anos após as mencionadas

[371] No inglês: "lemmatised version", ou "versão lematizada". A expressão deriva-se de *lemma, -atos* (grego). Trata-se de recurso em textos eletrônicos que permite, a um movimento do cursor sobre uma palavra, revelar a raiz subjacente à mesma, facilitando o desenvolvimento dos conhecimentos da lingua em questão (no caso, sumério, mas há também semelhante recurso para textos hebraicos e gregos, por exemplo). Veja-se a descrição em <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/edition2/lemmatisation.php>.

[372] Este projeto, chamado "The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature", ou seja, "O Texto Eletrônico do Corpus da Literatura Suméria" inclui cerca de 350 obras originalmente compostas em sumério durante o terceiro e segundo milênios A.E.C., e pode ser acessado através da internet: <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk>, em página que esteve disponível em 12.5.2005. Trata-se de uma oferta cuja edição na forma atual iniciu-se em 2003, conforme as informações ali presentes.

[373] O projeto chama-se "Cuneiform Digital Library Initiative". A página foi acessada em 8.9.2005 no endereço <http://cdli.ucla.edu/digitlib.html>, e disponibiliza várias coleções importantes, bem como dicionário e outros recursos. O projeto integra digitalmente um conjunto de instituições desde o ano 2000, com recursos específicos de fundos educacionais solidários.

[374] O Lamento pela Suméria e Ur tem 519 linhas, o Lamento por Ur traz 436 versos e o Lamento por Nipur perfaz 326 linhas. As 251 linhas preservadas do Lamento por Uruk devem representar cerca de 60% de seu

destruições. Mas é possível que o Lamento pela destruição de Eridu tenha sido redigido apenas sob o senhorio de Nur Adad. Em favor desta tese conta a extensão significativamente menor do texto (há 182 linhas preservadas, de talvez 210).

Išbi-Erra (2017-1985 a.C), até então (ca. 2004 a.C.) administrador público de Isin sob o senhorio de Ibbi-Sin (2028-2004 a.C.), hesitou e deixou de cumprir suas funções, ou seja, de prestar o auxílio solicitado no contexto de ataques. Aparentemente ele contribuiu, desta forma, para a queda de seu soberano, e conseqüentemente para o encerramento da III dinastia de Ur. Sua atuação estratégica não é plenamente clara. É incerto se ele aguardou a retirada dos saqueadores ou se ele os expulsou. Possivelmente Išbi-Erra somente os perseguiu - se o fez - quando já não lhe apresentavam mais perigo e quando isto se mostrou oportuno para sua imagem posterior.

Išbi-Erra não possuía qualquer legitimação dinástica, e parece ter chegado ao poder de forma oportunista, por negligência intencional ou mesmo traição. Por isso foi-lhe importante demonstrar sua capacidade como soberano. Considerando-se a duração de seu reinado, ele alcançou e consolidou plenamente este objetivo. Para este fim, inicialmente ele fez uso de ampla e sutil justificação ideológica, o que é relevante para o contexto em que estas lamentações são escritas. Esta preocupação também ocupou seus sucessores, especialmente Iddin-Dagan.

A justificação ideológica da nova dinastia deu-se especialmente através do diálogo com as tradições neo-sumérias e de novas composições a partir de modelos reconhecidos. O interesse pela assim chamada Maldição de Acade, as atualizações da Lista de Reis Sumérios e composições como o chamado Hino B de Išbi-Erra são exemplos desse esforço. Também a grande quantidade de hinos compostos no novo período torna evidente este empenho, que se manifestava ainda no afã por reconstruir as antigas instalações civis e religiosas destruídas e de reconduzir as estátuas de deuses às câmaras para elas previstas.

6.1.1.4. Os lamentos por cidades e o contexto da reinstalação

As lamentações por cidades permitem concluir que foram compostas e executadas por ocasião das cerimônias de recondução das estátuas de deuses a santários. Green:

---

texto original, estimado entre 400 e 430 linhas. O texto conservado do Lamento por Eridu corresponderia a

> A necessidade para o deus de abandonar seu santuário e ser trazido de volta, um tema mais proeminente nos lamentos do que a restauração, pesa fortemente em favor de uma cerimônia de instalação como o lugar vivencial dos lamentos. (...) A remoção da estátua para reparos à mesma ou a uma parte do santuário pode ser considerada motivo apropriado para a celebração de uma cerimônia de instalação. Considere-se a remoção de estátuas divinas de santuários locais menores para protegê-los durante uma guerra...[375]

Os textos incluem pedidos das divindades para serem reconduzidas a suas cidades ou templos, na forma materializada de suas estátuas. Ao final do Lamento pela Suméria e Ur (linhas 475-477a) isto fica explícito:

> Pai Nana levantou-se na cidade de Ur com a cabeça erguida (mais uma vez),
> O bravo Su´em entra em seu Ekišnugal
> Ningal refrescou-se em seus recintos sagrados,
> Em Ur ela entrou em seu Ekišnugal.[376]

6.1.1.5. Características do gênero sumério do lamento por uma cidade

Inicialmente é preciso assinalar que a sumeriologia moderna não chegou a um pleno consenso quanto à delimitação dos lamentos sumérios por uma cidade. Cohen[377] chega a considerar que o Lamento por Uruk seja um hino. A útima parte deste texto, que anteriormente estava isolada, havia sido avaliada por Römer como um final de hino[378]. Com os novos conhecimentos, Römer retoma a colocação de Cohen e a formula como pergunta[379], sem apresentar novos argumentos. Por outro lado, Michalowski critica a designação similar de textos tão diferentes:

80% do todo, em pouco superando os 200 versos.

[375] GREEN, M. *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago: [s.n.], 1975, p. 312. No original: "The necessity for the god to abandon his shrine and be brought back, a more prominent theme in the laments than restoration, argues strongly for an installation ceremony as the cultic setting of the laments. (…) The removal of a statue for repairs to the statue or to part of the shrine, for construction of a new statue, or for construction of a new shrine can all be imagined as aprropriate reasons for celebration of an installation ceremony. Note the removal of divine statues from small, local shrines to protect them during war".

[376] Segundo a reconstrução textual e tradução de MICHALOWSKI, Piotr. *The Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur*. Winona Lake: [s.n.], 1989, p. 67. No original: "Father Nanna stood in his city of Ur with head raised high (once again), The hero Su´en entered into the Ekišnugal. Ningal refreshed herself in her sacred living quarters, In Ur she entered into her Ekišnugal".

[377] COHEN, M. E. *The Canonical Lamentations of Ancient Mesopotamia*, Potomac: [s.n.], 1988, vol. 1, p. 39.

[378] RÖMER, W.H.Ph. *Sumerische `Königshymne´ der Isin-Zeit*, Leiden: Brill, 1965, p. 268ss.

[379] Idem. *Sumerologie*, Neukirchen: Neukirchen-Vluyn, 1994, p. 182, nota 169.

> Do ponto de vista formal os textos que foram agrupados sob a etiqueta de "lamentos por uma cidade" não são homogêneos. Exceto pelo fato de que eles apresentam em grande detalhe a queda e destruição de cidades e estados, bem como a decisão dos deuses de restabelecer o desastre, eles têm pouco em comum.[380]

Na verdade, os lamentos por cidades de que dispomos não se deixam distinguir por traços poéticos dos demais textos literários da época. Wilcke afirma: "Uma determinação formal dos hinos não me é possível; o mesmo vale para o lamento"[381]. É verdade que a determinação das formas e gêneros na sumeriologia está ainda em seu começo, ao menos no âmbito dos textos literários e litúrgicos. O citado trabalho de Wilcke é, por sinal, um dos pontos altos desta busca. Vanstiphout é bem mais otimista: "Uma correlação é provável pela grande concordância no que tange a estilo, estrutura e motivos"[382]. Green considera de forma mais ponderada: "Estas cinco grandes composições constituem um gênero literário distinto, com um conteúdo temático característico, *mas considerável variedade estilística e estrutural*"[383]. Colocando-se os lamentos lado a lado há pouca margem para similaridades estruturais. Green, como Kramer, parte de uma correlação dos textos. A variedade percebida por Green se deixaria explicar por uma perda de distinção estilística observada por Vanstiphout no período mesopotâmico antigo[384]. Sua aproximação à questão do gênero é bastante própria: "As linhas divisórias entre gêneros, além de serem um tanto difusas em muitos casos, não são seu aspecto mais relevante. Mais

---

[380] MICHALOWSKI, Piotr, op. cit., p. 5s. No original: "From the formal point of view the texts that have been grouped together under the label of ´city-laments´ are not homogeneous. Except for the fact that they depict in great detail the fall and destruction of cities and states, as well as a decision by the gods to undo the desaster, they have little in common".

[381] WILCKE, Claus. Formale Gesichtspunkte in der sumerischen Literatur. In: *Sumeriological Studies in Honor of Thorkild Jacobsen*. Chicago e London: [s.n.], 1976, p. 251. (Assyriological Studies, 20). No original: "Eine formale Bestimmung der Hymne ist mir nicht möglich, dasselbe guilt von der Klage".

[382] VANSTIPHOUT, H. J. L. Een sumeriche stadsklacht uit de oudbabylonische periode: Turmenuna, of de Nippurklacht. In: K. R. Veenhof (ed.), *Schrijvend Verleden: Documenten uit het oude nabije Oosten vertaald en Toegelicht*, Leiden: Zutphen, 1983, p. 331. No original: "Een onderlinge saamhorigheid wordt wel waarschijnlijk gemaakt door de grote overeenkomsten op gebied van stijl, structuur en motieven".

[383] GREEN, M. W. The Eridu Lament. In: *Journal of Cuneiform Studies*, [s.l.: s.n.], 1978, vol. 30, p. 127. Grifo meu. No original: "These five major compositions constitute a distinctive literary genre with a characteristic thematic content, but considerable sylistic and structural variety".

[384] VANSTIPHOUT, H. J. L. Some thoughts on genre in Mesopotamian Literature. In: K. Hecker e W. Sommerfeld (eds.), *Keilschriftliche Literaturen – Ausgewählte Vorträge der XXXII. Rencontre Assyriologique Internationale – Münster, 8.-12.7.1985*, Berlin: [s.n.], 1986, p. 4s. (Berliner Beiträge zum Vorderen Orient, 6). O autor fala em "style blanket", uma falta de clareza estilística, gerando certa confusão entre os gêneros.

interessante e produtivo é sua estrutura individual e suas mútuas correlações em um sistema"[385].

Decisivo é que os sumérios parecem ter considerado estes textos como relacionados entre si. É o que se depreende da inscrição em conjunto de seis lamentos em três catálogos mesopotâmicos antigos de textos literários[386]. Nestes catálogos os textos são identificados por suas palavras iniciais (como os livros do AT hebraico). Das seis denominações três correspondem a lamentos por cidade conhecidos: O Lamento por Ur, o Lamento pela Suméria e Ur, e o Lamento por Nipur. Estes são também aqueles que nos foram preservados por inteiro. Uma vez que o início dos Lamentos por Uruk e por Eridu não foram preservados, não é possível identificar com segurança tais lamentos entre as expressões. Outros textos similares também podem ter sido agrupados nessas relações.

Referindo-se ao gênero dos chamados Lamentos sumérios por uma cidade destruída, Kramer chegou a dizer que "A lamentação suméria é um gênero oriundo e desenvolvido por poetas da Suméria e de Acade *em resposta melancólica* à periódica e recorrente destruição de sua terra e suas cidades e templos"[387]. Michalowski alertou para a dificuldade causada pelo uso corrente da expressão "lamento" ou "lamentação", que têm um significado e gera associações em nosso horizonte, o que contribui para encobrir o verdadeiro sentido destes textos[388].

Se é verdade que estes textos monumentais incluem expressões próprias e descrições de lamento coletivo, o conteúdo, tomado como um todo, parece indicar antes um ritual público de certa forma equiparável ao do lançamento de uma pedra fundamental, pois ou se está ritualmente preparando e acompanhando a destruição de instalações sagradas ou suas ruínas visando à construção de novas dependências sacras, ou se está já

---

[385] Ibid., p. 2. No original: "…the borderlines between genres, apart from being rather diffuse in many cases, are not their most relevant aspect. More interesting, and more productive, is their individual structure and their mutual correlations into a system".

[386] KRAMER, S. N. The Oldest Literary Catalogue: A Sumerian List of Literary Compositions Compiled about 2000. B.C. In: *BASOR*, [s.l.: s.n.], 1942, p. 10-19 (dois catálogos de Nipur), e Idem. New Literary Catalogue from Ur. In: *RA*, [s.l.: s.n.], 1961, vol. 55, p. 169-176.

[387] KRAMER, S. N. Lamentation over the destruction of Nippur – A preliminary report. In: *Eretz Israel*, [s.l.: s.d.], 1969, vol. 9, p. 89 (grifo meo). No original: "The Sumerian lamentation is a literary genre originated and developed by the poets of Sumer and Akkad in melancoly response to the periodic and recurrent ravaging of their land and its cities and temples".

inaugurando uma obra e instalando nela a estátua da divindade. De qualquer forma, o sofrimento pela destruição é aparentemente apenas ritual e não efetivo para as pessoas, pois o ensejo é antes festivo do que funesto: a restauração presente ou futura das dependências sacras e a reinstalação da estátua divina. A linguagem requintada, a encenação de sofrimento parecem antes ajudar a compor um quadro de apazigüamento divino e de justificação política da dinastia vigente, que se constituiu graças às destruições que adornam esta composição e ao "vento" divino e das forças inimigas que o manifestaram em sua inexorabilidade. A finalidade ideológica do Lamento por Nipur foi salientada por Tinney já no subtítulo da obra em que o edita e apresenta: "Retórica Real e Legitimação Divina no Reino de Isme-Dagan de Isin (1953-1935 a.C.)" [389].

A caracterização deste gênero baseia-se na profunda análise de Green[390], que distingue seis temas recorrentes nos lamentos sumérios por uma cidade: destruição, responsabilidade (das divindades), abandono da cidade (pelas divindades, suas estátuas), reconstrução, retorno das divindades e apresentação de súplicas. Estes textos estão divididos em unidades textuais menores denominadas *kirugu* e entre tais unidades ocorre um *gišgigal*, uma espécie de frase ou verso em que geralmente há referência ao conteúdo do *kirugu* precedente. Ela também considera detidamente a denominação suméria destes textos, e conclui que possivelmente não houve um termo específico para identificá-las.

Vanstiphout tenta fazer jus às semelhanças e diferenças entre os diversos lamentos estabelecendo um desenvolvimento do próprio gênero. Ele supõe que tenha havido três fases na evolução de gêneros mesopotâmicos. A primeira fase seria de "agregação", em que os elementos que irão compor o gênero se identificam em composições. A esta fase corresponderia o Lamento pela Suméria e por Ur, atualmente tido como o mais antigo dentre os conhecidos. Vanstiphout nomeia cinco tópicos que teriam se mantido nos diversos lamentos por uma cidade[391]: Litania (a cidade é referida por sua desgraça, em

---

[388] MICHALOWSKI, Piotr. op. cit., p. 4. Cf. o original: "By designatin it as a "lament" we have, automatically, assigned it to a textual genre, and thus have assured certain interpretations that follow from the expectations associated with modern Western notions of generic identity".

[389] TINNEY, Steve. op. cit. No original: "Royal Rethoric and Divine Legitimation in the Reign of Isme-Dagan of Isin (1953-1935 BC)".

[390] Cf. GREEN, Margaret W. Sumerian Lamentations. In: *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago, 1975, p. 295-310, Dissertação de Ph.D. em Microfilme.

[391] VANSTIPHOUT, op. cit., p. 8. Os termos no original: "Litany; Description of the Tragedy; Personal Lament by God or Goddess; Accusation of God or Goddess; Prayer for a better Future, sometimes fulfilled". Os termos entre parênteses são paráfrases de complementos do mesmo autor a estes tópicos, explicitando-os, em um artigo em que apresenta o Lamento por Nipur: Idem. Een sumerische stadsklacht uit de

estilo alocutivo e repetitivo), descrição da tragédia (comparando-se com sua grandeza anterior, em estilo delocutivo, contrastivo e concreto), lamento pessoal por um deus ou deusa (monólogo da cidade personificada ou da deusa da cidade, que se identifica com a população sofredora, em estilo locutivo, pessoal e emocional), acusação do deus ou deusa (especialmente pelo abandono, em estilo alocutivo e adversativo), súplica por um futuro melhor, por vezes alcançado (em estilo alocutivo e predicativo). O gênero teria alcançado no Lamento por Ur sua forma definitiva, clássica, estando portanto já em parte na segunda fase. Neste novo momento do gênero os textos seriam compostos com clareza dentro de um padrão alcançado, obedecendo a preceitos estabelecidos. Também os lamentos por Uruk e Eridu se colocariam aqui, apesar de incompletos. O Lamento por Nipur, completo, pertence, por um lado, a esta fase, mas, por outro, delineia-se já alguma liberdade formal e inovação, indicando o caminho para a terceira fase, em que a "morte" do gênero já se prenuncia. O último momento incluiria os lamentos literários, como ele chama, ou seja, os *balag* e outras composições.

Dobbs-Allsopp[392] estabelece uma relação de nove características desse gênero, e sustenta que a presença maior ou menor das mesmas definirá o grau de influência desse gênero. Através de sua metodologia, uma "modulação compreensiva" ou ampla é constatada pela presença de cinco a nove dessas características em uma passagem; com um pequeno número dessas características tem-se uma "modulação moderada", e com apenas algumas delas fala-se em "modulação localizada", tratando-se então apenas de uma "coloração" desse gênero. Dois destes itens são características gerais e formais e os sete seguintes são temas abordados[393]: O assunto e o "humor", a estrutura e a técnica poética, o abandono divino, a indicação de responsabilidade, o agente divino da destruição, a destruição, a divindade que pranteia, o lamento, e a restauração divina. Os itens temáticos de Green e Vanstiphout se encontram em geral contemplados ou caracterizados de forma específica, como é o caso da apresentação de súplicas, particularizada pela figura da divindade que pranteia e suplica. Ele se apercebe de algumas especificidades relacionando os lamentos sumérios por cidades com seus paralelos bíblicos. A função de lamento e

---

oudbabylonische periode: Turmenuna, of de Nippurklacht. In: K. R. Veenhof (ed.), *Schrijvend Verleden*, Leiden: Ex Oriente Lux, 1983, p. 330-341, em particular nas páginas 338 e 339.

[392] DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Weep, O Daughter of Zion: A Study of the City Lament Genre in the Hebrew Bible*. Roma: Pontificio Instituto Biblico, 1993.

[393] As expressões em inglês usadas por Dobbs-Allsopp são: Subjetc and mood, structure and poetic techniques, divine abandonment, assignment of responsibility, divine agent of destruction, destruction, weeping goddess, lamentation e divine restoration.

intercessão de uma divindade feminina tem como correspondente a personificação de Sião - ou da cidade - nos textos bíblicos. Embora sua abordagem seja prioritariamente sincrônica, ele considera desenvolvimentos temporais, seguindo, em certo sentido, Vanstiphout. Muito valiosa é sua reconsideração da própria abordagem de sua dissertação, que veio acrescida de uma importantíssima contribuição à reflexão sobre os desenvolvimentos de gêneros literários, especialmente aplicados ao gênero da lamentação por cidades. Sentindo-se desconfortável com interpretações de suas posições bastante divergentes do que ele mesmo quisera expressar (ele refere-se a Berlin e Bouzard), Dobbs-Allsopp escreve um artigo[394] em que, primeiramente, analisa o que ele próprio escrevera, e reconhece ter sido pouco feliz em alguns pontos, e ter deixado pouco evidentes algumas de suas convicções. Ele considerou um desenvolvimento particular deste gênero em ambiente hebraico, mas tomando-o como oriundo e ligado aos referenciais sumérios. Além disso, exprime com riqueza bastante maior sua visão do desenvolvimento de gêneros literários. Para tanto, inspira-se em Fishelov[395] e prefere a metáfora da teoria darwinista da evolução, contrapondo-a à analogia familiar para a derivação de gêneros. Um dos pontos altos de sua abordagem é entender que, semelhantemente ao que acontece com uma espécie, vão ocorrendo variações em alguns ramos, e em outros permanecem as características tradicionais, e isto simultaneamente. Os gêneros, da mesma forma, poderiam experimentar variações aqui e ali, mas continuar sendo produzidos segundo padrões anteriores paralelamente. O modelo darwinista supõe que vários desenvolvimentos diferenciados podem ocorrer e conviver simultaneamente. Desta forma, a reprodução de lamentos clássicos por cidades poderia conviver com o cultivo da Maldição de Acade, com a formulação e o início do emprego de adaptações do gênero para outros propósitos como, por exemplo, os cantos rituais *balag*, etc. Eventualmente a diferenciação de um tipo específico dentro do gênero pode ter obedecido antes a uma demanda histórico-cultural, sendo processo de "especialização" bem mais do que uma "degeneração" de gêneros "puros" e "originários". Valendo-se de expressões de Fishelov, Dobbs-Allsopp supõe que os lamentos clássicos pertençam a uma fase de "produtividade primária", em que os trabalhos de um gênero (os Lamentos sobre a Suméria e Ur e sobre Ur) servem de estímulo à produção de novos textos concebidos como pertencentes ao gênero (os Lamentos por Uruk, Eridu e Nipur). Já os *balag*, *eršema* e outras derivações, adaptações, pertenceriam a

[394] DOBBS-ALLSOPP, F. W. Darwinism, Genre Theory, and City Laments. In: *The Journal of the American Oriental Society*, Ann Arbor: American Oriental Society, 2000, vol. 120, p. 625-630.

um momento de "produtividade secundária", numa concepção geral de desenvolvimento do gênero não tão diferente da de Vanstiphout, mesmo que aquele suponha uma fase de desenvolvimento "prévio" e uma "extinção", sendo um sistema um pouco mais "linear".

Quanto à função dos lamentos sumérios clássicos como um todo, ao lado de constituírem propaganda ideológica em torno da restauração das estátuas a suas câmaras sagradas, elas também devem ter tido função ritual de apaziguamento divino pelo manejo dessas estátuas e dos locais sagrados. Sparks[396] enfatiza este último aspecto.

6.1.2. Gêneros precursores: maldições, etc.

Há especialmente dois textos que se podem tomar claramente como semelhantes na forma e precedentes aos lamentos por cidades sumérias. Chegaram mesmo a ser considerados como uma forma de "lamento" (a Ruína de Lagaš[397] e o Lamento sobre a Destruição de Acade[398]) até que se percebeu tratar-se de maldições (a Maldição de Uru´inimgina[399] e a Maldição sobre Acade[400]) que se valeram em parte desta linguagem. Estes exemplos anteriores denotam a existência de formas de expressão adeqüadas a este uso, bem como sugerem que tais formas de expressão tenham tido contextos próprios de utilização que não foram documentados senão nestas formas derivadas com aparente finalidade (subversiva) litúrgica. Ao apresentar o Lamento por Nipur, Kramer já percebe a afinidade destes textos com os lamentos por cidades, que surgirão alguns séculos adiante. Sobre a Maldição de Uru´iningima ele diz:

---

[395] FISHELOV, D. *Metaphors of Genre: The Role of Analogies in Genre Theory*, University Park: Pennsylvania State University Press, 1993.

[396] SPARKS, Kenton L. *Ancient Texts for the Study of the Hebrew Bible: A guide to the background literature*, Peabody: Hendrickson Publishers, 2005, p. 96.

[397] THUREAU-DANGIN, François. La ruine de Shirpourla (Lagash) sous le règne d´Ourou-kagina. In: *Revue Archélogique*, Paris, 1904, v. 6, p.26-32.

[398] FALKENSTEIN, A. e SODEN, W. von. Klage um die Zerstörung von Akkade. In: *Sumerische und Akkadische Hymnen und Gebete*, Zürich e Stuttgart: Artemis-Verlag, 1953, p. 187-189.

[399] HIRSCH, Hans E. Die "Sünde" Lugalzagesis. In: *Festschrift für Wilhelm Eilers. Ein Dokument der internationalen Forschung zum 27. September 1966*, Wiesbaden: [s.n.], 1967, p. 99-106. O autor não chegou a usar esta expressão, mas já o título do artigo sobre o texto em questão (O "pecado" de Lugalzagesi) deixa claro que o mesmo tenta incriminar o dominador com a finalidade de promover-lhe uma punição divina. Enterrado fundo nas proximidades do templo, o texto parece ter sido utilizado numa espécie de ritual de amaldiçoamento.

[400] FALKENSTEIN, A. Fluch über Akkade. In: *Zeitschrift für die Assyriologie*, 1965, vol. 23 (57), p. 44-124. Cf. tb. COOPER, Jerrold S. *The Curse of Agade*, Baltimore e London: The John Hopkins University Press, 1983.

> A forte especificação dos santuários destruidos, com suas implicações de amargura e pesar, seu tom de resignação à vontade divina e sua fé na retribuição ao culpado, tudo são resquícios, em grande parte, dos lamentos mais explícitos e demonstrativos que nos chegaram de tempos posteriores.[401]

A Maldição de Acade traz, nas linhas 196 a 206, o que talvez seja a mais antiga descrição de uma ritualidade relacionada ao lamento pela destruição de uma cidade ou santuário. Mesmo sendo uma ficção, certamente correspondeu a um tipo de ritual realmente celebrado, entendido como próprio para tal circunstância:

> As idosas que sobreviveram àqueles dias,
> Os idosos que sobreviveram àqueles dias,
> O cantor de lamentações que sobreviveu àqueles anos,
> Por sete dias e sete noites,
> Pôs no lugar os tambores *balag*, como se estivessem à base dos céus, e
> Tocaram *ub*, *meze* e tambores *lilis* para ele (Enlil) entre eles (os *balag*s).
> As idosas não reprimem (o clamor) "Ah, minha cidade!"
> Os idosos não reprimem (o clamor) "Ah, seu povo!"
> O cantor de lamentação não reprime (o clamor) "Ah, o Ekur!"
> Suas jovens não cessam de puxar seu cabelo,
> Seus jovens não param [de usar] suas facas afiadas.[402]

Ao apresentar o Lamento pela Suméria e Ur, Michalowski, que o considera o primeiro dos lamentos por cidades, o vê essencialmente relacionado à chamada Maldição de Acade, mesmo que esta tenha uma outra perspectiva[403]. Conforme esse texto de ficção Enlil, devido a lamentos entoados pela atuação ímpia de Acade, resolve castigar este império destruindo a ele e ao seu Ekur, ao que se seguem os lamentos pela cidade e santuário. O texto talvez foi escrito um ou dois séculos antes da queda da III Dinastia de Ur (os neo-sumérios que sucederam a Dinastia de Acade). Cooper ressalta as semelhanças de estilo: "O tom da composição move-se entre passagens narrativas reminiscentes de textos

---

401 KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Nippur - A Preliminary Report. In: *Eretz Israel*, Jerusalem: [s.n.], 1969, vol. 9, p. 89. No original: "The stark itemizing of the shrines destroyed, with its implication of bitterness and sorrow, its tone of resignation to the divine will and its faith in retribution for the culprit, are all reminiscent to no little extent of the emotionally more explicit and demonstrative laments that have come down to us from later times".

402 COOPER, J. S. *The Curse of Agade*, Baltimore e Londres: The John Hopkins University Press, 1983, cf. p. 58-61. O texto acima é uma versão ao português da tradução oferecida por Cooper das linhas 196 a 206. As expressões entre parênteses são complementações sugeridas por Cooper, as entre colchetes são de responsabilidade própria.

403 MICHALOWSKI, op. cit., p. 9. No original: "The new order results from a chage in perspective but this change can only be grasped against the evidence of the older text".

épicos e de certas composições histórico-literárias, e longas passagens descritivas do tipo característico dos lamentos por cidades"[404].

Também a Lista dos Reis Sumérios, com função ideológica e em forma de narrativa, parece estar relacionada ao gênero do lamento sumério por uma cidade por este seu viés de apresentação da realidade.

6.1.3. Gêneros contemporâneos: hinos reais, inscrições reais, etc.

Em termos de afinidade formal e estilística, destacam-se especialmente gêneros como hinos e inscrições reais, com seu aspecto ideológico. A hinologia a deuses e reis parece ter contribuído com sua forma para a composição dos lamentos. A súplica do rei ao final do Lamento por Uruk[405], tida por um final de hino, deixa bem evidente esta afinidade.

6.1.4. Gêneros derivados: cânticos rituais para restaurar templos e santuários

Os cantos *balag*[406] parecem derivar suas formas de expressão dos lamentos por cidades, e chegam a ser considerados parte do gênero do lamento por cidades para alguns estudiosos. Kutscher[407] fala de "Cânticos congregacionais sumérios pela destruição de cidades", diferenciando-os em dois grandes grupos: os mais oficiais e antigos, que usam predominantemente o dialeto oficial *Emesir*, valem-se de uma construção literária mais elaborada e usam a linguagem com criatividade, estilo vivo e atenção ao ritmo. Utilizados uma única vez, teriam então passado às escolas para fins de ensino. Tais seriam os chamados lamentos clássicos pela cidade. A um outro grupo pertenceriam os chamados lamentos *balag*, cantos ritualizados tematizando desastres públicos que foram utilizados para acompanhar reconstruções ou reparos a santuários. Este caráter cúltico se evidenciaria também pelo uso do dialeto *Emesal* e pela forma repetitiva com que são

---

[404] COOPER, op. cit., p. 37. No original: "The tone of the composition moves between narrative passages reminiscent of the epic texts and certain literary-historical compositions, and long descriptive passages of the type that characterize the city-laments".
[405] Cf. discussão acima, no início do ítem 6.1.1.5.
[406] Sobre este tema especialmente COHEN, Mark E. *"balag-compositions": sumerian lamentation liturgies of the second and first millennium b.c.* Malibu: Undena Publications, 1974. (SANE I/2) e Idem, *The canonical Lamentations of Ancient Mesopotamia*, Potomac: Capital Decisions, 1988, vols. 1 e 2. A expressão *balag* deriva do instrumento musical com o qual tais canções foram executadas. Não se sabe se se tratava de uma harpa ou de um instrumento de percussão, embora mais recentemente esta última idéia prevaleça.
[407] KUTSCHER, R. Sumerian Congregational Laments over the Destruction of Cities. In: *Oh Angry Sea (a-ab-ba hu-luh-ha): The History of a Sumerian Congregational Lament*, New Haven: Yale University Press, 1975, p. 1-7.

compostos, repletos de clichês pouco imaginativos e sem cuidado com o ritmo poético. Estes lamentos utilizam freqüentemente a primeira pessoa do plural e estão ocasionalmente identificados com os sacerdotes *kalû*. Ao descrever a violência, tais lamentos generalizam-na, valendo-se de expressões estereotipadas de destruição e lamento que, inclusive, se repetem muitas vezes. Kutscher vê neste grupo, freqüente nos períodos neoassírico e selêucida, uma derivação dos anteriores. Foram também traduzidos ao acádico ocasionalmente, mas, por não serem "boa literatura" não foram sempre incluídos nos catálogos. Em períodos tardios encontram-se tais textos ligeiramente adaptados para diversas situações, em geral ligadas à restaruação de santuários. Ele os considera "lamentos de múltiplo uso". Certamente o fato de que em períodos mais tardios a língua suméria deixou de ser falada contribuiu bastante para o desenvolvimento que este gênero experimentou. Some-se a isso o baixo status dos sacerdotes *kalû*, associados a estes lamentos, no período mesopotâmico antigo, diante de outras categorias sacerdotais[408].

Outro tipo de composição mais antiga que os lamentos *balag* são os lamentos *eršema*[409] (literalmente: choro com o tambor *šem*). Este gênero bastante curto, formulado em *Emesal*, veiculado pelos sacerdotes *kalû* e de conteúdo mitológico tem parentesco com os lamentos *balag* e foi sendo gradualmente associado a eles. A maior antigüidade tem sido postulada por ser este canto bastante breve, muito bem estruturado e focalizado em um tema. Sem uma clara indicação ritual, aparentemente sua utilização não diferiu muito dos lamentos *balag*, por fim vindo a ser utilizado na seqüência de algum lamento *balag* para trazer oferendas à divindade ou para apaziguá-la ao tombar um santuário condenado ou suas partes.

6.2. A influência no profetismo e em Lamentações

A influência cultural do Antigo Oriente sobre as concepções de mundo, linguagem, usos socias e religiosos, etc, do antigo Israel é bem maior do que transparece. Assinala-se

---

[408] Cf. RENGER, J. Untersuchungen zum Priestertum der altbabylonische Zeit. 2. Teil (Schluss). In: *Zeitschrift für Assyriologie*, Berlin: Walter de Gruyter, 1969, vol. 59, esp. p. 187-195 (quanto à descrição de seu superior hierárquico, vide p. 195-199). Muitos desses sacerdotes tinham outras profissões para seu sustento. Parece que eram liturgos mais "populares", menos ligados aos templos, mas relacionados às súplicas à divindade por necessidade ou por ocasião de perdas.

[409] Sobre este tema especialmente COHEN, Mark E. *Sumerian Hymnology: The Eršemma*, Cincinnati: KTAV, 1981. (HUCA Suppl., 2)

aqui apenas um aspecto relevante para a pesquisa em torno do livro de Lamentações: a influência do gênero do lamento pela cidade.

Qual o impacto deste gênero vétero-oriental, provavelmente oriundo da antiga Suméria? Através deste gênero ganhava expressão - talvez tendo como referencial originário a prática de lamentos fúnebres - o lamento por vilarejos, coletividades, cidades, por recintos sagrados e por estátuas religiosas na antiga Mesopotâmia, certamente já séculos antes da queda da III Dinastia de Ur (2004ac). É viável supor que a destruição de espaços coletivos de vida e de adoração pudesse ter despertado, como no caso de perdas humanas, expressões de dor, de pesar e rituais visando abrandar alguma divindade supostamente agindo de forma iracunda. Todavia não há senão indícios disso a partir de uma utilização derivada deste modo de expressão, em maldições de caráter subversivo. Mas a formulação de "lamentos por cidades destruídas" - provavelmente por ocasião da reinstalação de estátuas religiosas em recintos sacros após uma restauração - emprestou novo sentido ao linguajar e aos rituais mais cotidianos da dor das pessoas: tornou este falar, esta forma de organizar a expressão, em objetos de interesse de Estado, que os utilizou para seus propósitos, e estabeleceu um rito que passou a ser – ou já era? – empregado para o apazigüamento divino. Este o contexto suposto para os lamentos "clássicos" por cidades sumérias. Passadas as grandes cerimônias, desconsiderando-se os poucos estudantes que se aprimoravam copiando tais textos, começa a instaurar-se formas de acompanhamento ritual de movimentações e reformas, mesmo para reformas menores, no espaço sagrado. Estes rituais arremedavam e valiam-se do imaginário daquelas ocasiões importantes. Por fim, tais rituais com seus textos começam a povoar o calendário religioso, e alcançam por fim o antigo Israel, seja através da influência externa ainda durante a monarquia unida, seja mais adiante no processo crescente de influência mesopotâmica na Palestina. A queda de Samaria possivelmente apenas deu um tom mais realista às possibilidades de destruição de santuários e cidades recitados nesses rituais cotidianos "preventivos" oriundos do mundo mesopotâmico. O profetismo, ao adaptar este imaginário dos rituais que mencionavam a destruição de cidades pela ira divina, reformulou um aspecto bastante fundamental: inseriu a noção de responsabilidade humana pela ira divina. Desta forma, estabelecia-se para o profetismo um espaço de intervenção social e religiosa. Mesmo sem grande eco social, personagens reais como Jeremias chegaram a desafiar o estado e a formular alternativas à condução da coisa pública valendo-se da noção de juízo divino. Com a destruição de Jerusalém, estas imagens ritualizadas de destruição de cidades ganharam uma concretude

inesperada, e sua utilização em alguns dos capítulos de Lamentações reflete a importância deste imaginário naquele momento.

6.2.1. A personificação de Sião/Jerusalém no profetismo e em Lamentações

Referir-se a cidades como se fossem uma mulher não foi algo raro na Antigüidade. Alguns estudiosos pensam que foi no ambiente semítico-ocidental que surgiu esta tendência a personificar grandes cidades, pois nestas línguas o termo "cidade" também é feminino. Fitzgerald[410] pensa poder encontrar evidência de um processo de divinização de cidades importantes, apresentadas como cônjuges do deus patrono das mesmas, no contexto semítico-ocidental já em meados do segundo milênio ac. Parte de sua evidência viria de imagens de deusas de cidades fenícias em moedas, com coroas na forma de muros de cidades, representando-as e, de certa forma, personificando-as. Ele imagina que foram consideradas cônjuges dos deuses patronos das cidades: "uma vez a cidade (fem.) tornando-se uma deusa, a união matrimonial com o deus patrono da cidade surgerir-se-ia por si mesma"[411]. Nesta linha também Biddle[412] considera que a identificação entre as divindades e suas cidades era tamanha a ponto de, no contexto semítico-ocidental onde elas também eram femininas, a divinização poder ser suposta quase como uma simplificação lógica desta relação. Ele chama atenção à imagem de uma coroa de muralhas [da cidade], que aparece em muitos contextos, tanto iconográficos como textuais (inclusive bíblicos), sobre a cabeça da "cidade", como expressão de que trata-se de uma personificação da cidade ou de sua identificação com uma deusa. Ele tenta reforçar a noção de que a passagem da identificação à deificação poderia ter-se dado como um desenvolvimento.

Day[413] oferece uma crítica detida da tese de Fitzgerald, especialmente no que diz respeito à idéia de matrimônio entre as deusas das cidades e os seus deuses protetores. De

---

[410] FITZGERALD, Aloysius. The Mythological Background for the Presentation of Jerusalem as a Queen and false worship as adultery in the OT. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, Rome: [s.n.], 1972, vol. 34, p. 403-416.

[411] Ibid., p. 415. No original: "...once the city (fem.) becomes a goddess, the marriage connection with the patron god of the city would immediately suggest itself".

[412] BIDDLE, Mark E. The Figure of Lady Jerusalem: Identification, Deification and Personification of Cities in the Ancient Near East. In: K. L. Younger Jr. et al. (eds.) *The Biblical Canon in Comparative Perspective*, Lewiston et. al.: Edwin Mellen, 1991, p. 173-199. (Scripture in Context, 4)

[413] DAY, Peggy. The Personification of Cities as Females in the Hebrew Bible: The Thesis of Aloysius Fitzgerald, F.S.C.. In: F. Segovia e M. Tolbert (eds.), *Reading from this place vol. 2*, Minneapolis: Fortress, 1995, p. 282-302.

fato, cautela é recomendada também por Steck[414], Spieckermann[415] e Wischnowsky[416], pois, além de uma "proteção" da divindade à cidade ou sua personificação, não há qualquer evidência de uma relação matrimonial com um suposto fundo mitológico, como sugerido por Fitzgerald.

Na Mesopotâmia a referência feminina a cidades não decorreu da expressão, pois ela é neutra no sumério (URU) e masculina no acádico (alu). Ainda assim, é muito freqüente sua associação com a deusa da cidade. Nos lamentos pela cidade clássicos, em geral é a divindade feminina local que sofre com a destruição e intercede pela cidade. No Lamento pela destruição de Nipur, no entanto, é a própria cidade que clama por restauração, um indício de que também as deusas personificavam a cidade e de que havia uma relação de identidade entre a personificação de cidades e as divindades femininas das mesmas.

Gwaltney[417] salienta que Jerusalém desempenha em Lamentações uma função semelhante às deusas nos lamentos por cidades. Também Dobbs-Allsopp[418] identificou no prantear da divindade feminina uma característica do gênero do lamento por uma cidade, e entendeu que a personificação feminina de Sião nos textos pré-exílicos e em Lamentações é a maneira encontrada por Israel para dar expressão a esta característica do gênero. Ele evidenciou o recurso à personificação feminina neste gênero e o relacionou a suas origens mesopotâmicas.

Berges parece sugerir um *Sitz im Leben* para o recurso à personificação: "Como nos lamentos mesopotâmicos por cidades, também nos textos proféticos que apresentam Jerusalém/Sião como cidade e mulher são especialmente experiências-limite e de perdas que levam à personificação".[419] Ele percebe também a riqueza deste recurso para situações

---

[414] STECK, O. H. Zion als Gelände und Gestallt. Überlegungen zur Wahrnehmung Jerusalems als Stadt und Frau im Alten Testament. In: *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, Tübingen: J.C.B. Mohr, 1989, vol. 86, p.261-281.

[415] SPIECKERMANN, H. Stadtgott und Gottesstadt. Beobachtungen im Alten Orient und im Alten Testament. In: *Biblica*, Roma: [s.n.], 1992, vol. 73, p.9-17.

[416] WISCHNOWSKY, op. cit., esp. p. 42-45.

[417] GWALTNEY, Ibidem.

[418] DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Weep, O Daughter of Zion: A Study of the City Lament Genre in the Hebrew Bible*. Roma: Pontificio Instituto Biblico, 1993, esp. p. 75-90.

[419] BERGES, op. cit., p. 61. No original: "Wie in den mesopotamischen Stadtklagen sind es auch bei den prophetischen Texten, die Jerusalem/Zion als Stadt und Frau darstellen, gerade Grenz- und Verlusterfahrungen, die zur Personifikation führen".

relacionadas na comunidade: "Com o auxílio da personificação se pode expressar e vivenciar tanto as experiências coletivas de sofrimento (p.ex. lamentos comunitários) como o luto pessoal".[420]

Boase, investigando as relações entre Lamentações e o profetismo anterior e contemporâneo à destruição de Jerusalém, dedica um capítulo[421] à questão da personificação de Jerusalém. Ela assinala que este recurso relaciona-se a descrições do sofrimento que a cidade teve ou terá iminentemente. Também se faz presente uma mudança de forma gramatical e de voz: o feminino singular alterna-se ao plural, envidenciando o uso metafórico para referir-se à população da cidade. A menção de destruição militar é freqüente. Ela observa que, além de Lamentações, a personificação de cidades é encontrada quase que apenas nos livros proféticos[422], e contrasta as ocorrências deste recurso em textos proféticos pré-exílicos e exílicos com seu uso em Lamentações. Entre as semelhanças ela destaca em ambos o uso do título בת para nomear a cidade e conferir-lhe seu status diferenciado, e a descrição e referência à cidade como pessoa feminina, com a atribuição de vários papéis. Percebe também um movimento entre a figura personificada, a cidade e a comunidade que a habita. Em Lamentações até a dimensão física da cidade ganha expressão (esp. em Lm 2.1-8). A personificação é bastante complexa em Lm 1 e 2, e se faz presente com menor intensidade em Lm 4. Em Lm 3.48 há apenas uma alusão a este motivo, e em Lm 5 não há este recurso. Boase conclui que o motivo da personificação evolui, atingindo seu ápice no séc. VI ac, em alguns textos jeremiânicos e especialmente em Lamentações. Se os textos proféticos apresentam este motivo de forma isolada, pontual, restrita a alguns aspectos, em Lamentações há uma gama de papéis assumidos por esta personificação. Nos profetas o uso deste motivo visava alertar para a iminência do juízo divino anunciado e enfatizar a severidade da punição, enquanto em Lamentações "a intenção primária é dar voz à profundidade e complexidade do sofrimento subseqüente à queda de Jerusalém"[423], expressar a dor por este julgamento

---

[420] BERGES, op. cit., p. 61. No original: "Mit Hilfe der Personifikation können sowohl kollektive Erfahrungen der Not (s.o. Volksklagelieder) als auch die Schmerzen der individuellen Trauer dargestellt und verarbeitet werden."

[421] BOASE, Elisabeth. *The fulfilment of doom? The dialogic interaction between the Book of Lamentations and the pre-exilic/early exilic prophetic literature.* Murdoch: Murdoch University, 2003, esp. cap. 2, p. 74-154.

[422] Ibid., p. 149 n.173. Considerando os casos do uso da expressão בת para referir-se a cidades, ela encontra apenas Sl 9,4; 45,3 e 137,8 que não estão na literatura profética ou em Lamentações.

[423] Ibid., p. 152. No original: "...the primary intent is to give voice to the depht and complexity of the suffering following the fall of Jerusalem".

efetivado e dar vazão aos sentimentos que esta situação faz surgir: "Uma variedade de emoções e atitudes são atribuídas a Sião, conferindo-lhe qualidades semelhantes às humanas. Sião tem sua própria voz e fala com comoção sobre seu fardo"[424]. Com isso, evoca identificação, empatia, simpatia e compaixão, enquanto nos relatos proféticos mencionados a imagem quer induzir à noção de uma merecida condenação, ao arrependimento dos envolvidos ou com ela identificados. Note-se que em Lamentações a imagem negativa de Sião é subvertida, gerando uma figura à qual se continua atribuindo culpa, mas da qual se tem pena.

Além do desejo de extravasar a dor por essa situação, Lamentações também parece incluir, na complexidade de sua personificação de Sião, um desejo de promover reflexão sobre o sofrimento vivenciado e sobre suas raízes, colocando-se, portanto, em certo sentido, na continuidade de uma tradição profética que contraria a mera e danosa acomodação às situações vividas; o texto quer manter viva a memória e mantendo irresoluto o problema por ela explicitado, quer chamar a atenção e oportunizar a retomada reflexiva das questões envolvidas nessa dor. Em Lamentações, Sião é uma figura cuja tragédia comove, envolve e faz refletir.

Mas a personificação de Sião não se restringiu ao lamento e à dor, especialmente a partir do exílio. Se Boase observara uma intensificação da personificação em Lamentações, este recurso ganha novas características no profetismo tardio. Berges observa: "...chama a atenção no livro de Isaias que a personificação de Jerusalém/Sião (fora em Is 1,8.21-26 e 22,4), não se dirige ao contexto da destruição, mas ao da reconstrução".[425] Ele menciona nesta nova perspectiva Is 54-55, mas também e especialmente Is 60-62. Desvencilhada do contexto da lamentação, a personificação desliga-se, no profetismo posterior, de suas origens no gênero da lamentação pela cidade, e transforma-se em auto-imagem catalizadora de uma comunidade espalhada pelo mundo que busca reconstruir sua unidade em torno de Sião.

---

[424] Ibid., p. 151. No original: "A variety of emotions and actions are attributed to Zion, giving her human-like qualities. Zion is given her own voice and speaks passionately of her plight".

[425] BERGES, op. cit., p. 62. No original: "…fällt beim Buch Jesaja auf, dass die Personifikation Jerusalems/Zions, ausser in Jes 1,8.21-26; 22,4, nicht im Kontext der Zerstörung geht, sondern in dem der Wiederherstellung".

7. O GÊNERO DE LAMENTAÇÕES

Como sabiamente formulou Berges, "a pergunta pelo gênero definitivamente pertence aos problemas mais difíceis de Lamentações"[426]. Com o nascimento da Crítica das Formas, Lamentações é inicialmente considerado uma simples mistura de gêneros[427], mas logo ganha outras denominações. Gunkel, influenciado pelas pesquisas sobre o lamento fúnebre de Jahnow[428], considera o livro uma espécie de *politisches Leichenlied*[429], ou seja, um "lamento fúnebre da coisa pública". A expressão, sempre retomada e reconsiderada[430], combina elementos importantes para a compreensão do conjunto. Kraus destacou-se por considerar Lamentações expressão de um gênero do "lamento pelo templo destruído", inspirado nos lamentos sumérios por cidades destruídas[431]. Na atualidade esta afinidade tem sido novamente discutida e considerada[432], mas, mesmo supondo-se Lamentações parte de um gênero comum ao Antigo Oriente Próximo do lamento por uma cidade[433], não houve uma "clonagem" de gênero, antes um desenvolvimento próprio desta forma no contexto israelita, a partir de seus outros referenciais de gênero. Desta maneira, não se exime a exegese bíblica de dar suas próprias respostas e de classificar Lamentações no interior de seu universo formal.

---

[426] BERGES, Ulrich. *Klagelieder*, Freiburg i.B.: Herder, 2002, p.92. No original: "Die Frage nach der Gattung gehört zu den schwierigsten Problemen der Klgl überhaupt…".
[427] Lamentações apresenta traços do lamento fúnebre e de lamentos por sofrimento individual e coletivo.
[428] JAHNOW, op. cit., p. 168-190. Ela considera Lm 1, 2 e 4 lamentos fúnebres modificados para incluir elementos do lamento comunitário.
[429] GUNKEL, Hermann. Klagelieder Jeremiae. In: *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*, 2. ed., Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1929, vol. 3, p. 1051-1052.
[430] Recentemente ALBERTZ, Rainer, *Die Exilszeit*, Stuttgart: Kohlhammer, p. 127.
[431] KRAUS, Hans-Joachim. *Klagelieder (Threni)*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 4. ed. 1984.[1. ed. 1956]. (BKAT, 20). 98p.
[432] A discussão sobre a influência mesopotâmica é analisada no cap. 6 acima com maior propriedade.
[433] Assim DOBBS-ALLSOP, F. W. *Weep, O Daughter of Zion*, Roma: PIB, 1993 e Idem. Darwinism, Genre Theory, and City Laments. In: *JAOS*, Ann Arbor: AOS, 2000, vol. 120, p. 625-630.

As dificuldades para encontrar um denominador comum às formas levaram a maioria dos exegetas a considerar Lamentações uma mistura de gêneros de natureza literária, ou então a caracterizá-lo, na expressão penúltima de Kaiser, como *sui generis*[434]. Brandscheidt, como Kaiser, supõe um contexto sapiencial, sendo bastante criativa ao caracterizar o todo como uma "conscientização lamentante do juízo divino"[435]. Mais recentemente, Kaiser vale-se de uma expressão nova para o todo: *nachkultische Psalmendichtung*[436], ou seja, "poesia de salmos pós-cúltica". Em afinidade à leitura de Kaiser, Berges prefere supor uma obra literária composta que se vale com certa liberdade de elementos e figuras úteis ao seu propósito, e afirma: "Uma classificação inequívoca é difícil de se obter devido à complexa mistura de gêneros, e torna muito improvável um contexto vivencial cúltico para o presente produto final literário"[437]. Ele chama a atenção aos traços proféticos que Lamentações exibe através do recurso à personificação de Sião[438], e lembra a ligação que há com um gênero de grandeza própria: o lamento pela cidade de origem mesopotâmica.

Ferris[439] investiga os lamentos comunitários, incluindo os lamentos por cidades sumérios, e chega à conclusão de que a via formal é inadeqüada para caracterizar um texto como "lamento comunitário", advogando uma maior consideração ao conteúdo, aos temas e à forma como são tratados para definir uma afinidade de gênero. Também Renkema[440], Dobbs-Allsopp[441], Berlin[442] e Boase[443] preferem considerar Lamentações como literatura, abordando as temáticas envolvidas. Emmendörfer[444] pensa que Lm 2, expressão do lamento por uma cidade, teria se diferenciado e dado origem a Lm 5 e após ao gênero do lamento comunitário. Ele supõe que não havia lamento comunitário antes do exílio

---

[434] Na penúltima edição de seu comentário, KAISER, Otto. Klagelieder. In: O. Kaiser et al.. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester.* 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981 (ATD, 16/2), p. 291-386.
[435] BRANDSCHEIDT, Renate. *Gotteszorn und Menschenleid. Die Gerichtsklage des leidenden Gerechten in Klgl 3.* Trier: Paulinus-Verlag. 1983, p. 100.
[436] KAISER, Otto. Klagelieder. In: H.-P. Müller et.al. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester.* 4. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992 (ATD, 16/2), p. 101.
[437] Berges No original: "Eine eindeutige Zuweisung will ob der komplexen Gattungsmischung nicht gelingen und macht für das vorliegende literarische Endprodukt einen Sitz im kultischen Leben sehr unwahrscheinlich".
[438] BERGES, op. cit., p. 45.
[439] FERRIS Jr., Paul Wayne. *The Genre of Communal Lament in the Bible and the Ancient Near East*. Atlanta: Scholars Press, 1992. Note-se que este texto foi entregue como dissertação já em 1984.
[440] RENKEMA, Johan. *Lamentations*. Leuven: Peeters. 1998. 641p.
[441] DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Lamentations*. Louisville: John Knox. 2002.
[442] BERLIN, op. cit., idem.
[443] BOASE, op. cit., p. 53-57.
[444] EMMENDÖRFFER, Michael. *Der ferne Gott. Eine Untersuchung der alttestamentlichen Volksklagelieder vor dem Hintergrund der mesopotamischen Literatur*. Tübingen: Mohr Siebeck. 1998.

babilônico, o que é pouco consistente[445]. Albertz[446] considera os capítulos quase individualmente, relacionando-os a outras expressões de gênero semelhante, mas parece situar o conjunto de Lamentações em torno do conceito de um lamento hebraico pela cidade destruída, aparentado ao lamento comunitário. Considera Lm 2 como uma preparação[447] a um lamento comunitário.

Boase destaca Westermann[448] e Gerstenberger[449] no esforço por analisar este livro considerando-o a partir de sua forma, apesar de ter reservas. Ela entende que o primeiro deixa de perceber a particularidade de Lamentações, tentando assimilar este livro ao universo do Saltério e às suas formas; já Gerstenberger identifica formas próprias no livro, vislumbrando sua complexidade, mas ela desejaria que o autor empregasse uma terminologia mais padronizada. Westermann imagina que Lamentações derivou de cerimônias públicas de lamento memorial comunitário pela destruição, e supõe que as semelhanças com os lamentos mesopotâmicos sejam parte de um imaginário quase arquetípico comum ao Antigo Oriente Próximo, que emergiria em situações semelhantes. Ele pensa que os capítulos de Lamentações foram elaborados a partir de um substrato com características litúrgicas relacionadas ao lamento comunitário, enriquecidas com elementos do lamento fúnebre, mas que estas foram abaladas por ocasião de sua adaptação aos limites e exigências do acrosticismo alfabético. Em Lm 5, ainda não "subjugado" por este artifício, o lamento comunitário ainda seria perceptível. Gerstenberger aborda Lamentações de forma bastante inovadora e consistente, criando novas denominações formais para atribuir ao todo. Ele forja as expressões *Communal Mourning Agenda* (programa/recursos para o pesar comunitário), para referir-se ao todo e a Lm 1 e 2, e *Agenda of Communal Lament* (programa para o lamento comunitário), para Lm 3. Ele tem dificuldades em situar Lm 4, considerando-o um texto truncado, mas pensa que pode ter sido um lamento comunitário memorial, enquanto Lm 5 ocupa-se de superar o presente dirigindo-se em súplica comunitária a Javé. Note-se que este exegeta vê em Lm 2.13-16 a voz divina dirigindo-se à comunidade, uma leitura também viável, mas talvez seja preferível supor o questionamento de Sião personificada com tom profético. Ele pensa em um contexto cúltico subjacente do

---

[445] Assim, p.ex., ALBERTZ, R. *Die Exilszeit. 6. Jahrhundert v.Chr*. Stuttgart: Kohlhammer, 2001, p. 127.
[446] Ibid., p. 117-135.
[447] Ibid., p. 129.
[448] WESTERMANN, Claus. *Die Klagelieder. Forschungsgeschichte und Auslegung*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 1990, esp. p. 89-90.
[449] GERSTENBERGER, E. S. *Psalms, Part 2 and Lamentations*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001. (FOTL, 15).

qual emergiriam expressões tradicionais de lamento, mas também em influência de ritos fúnebres, reflexão teológica e sapiencial[450]. Gerstenberger parece sugerir um contexto pré-sinagogal para o surgimento de Lamentações.

[450] Ibid., cf. p. 480.

8. OUTROS ASPECTOS DA PESQUISA RECENTE

Muitas indicações e considerações já foram feitas quanto à presença, perspectiva e participação de mulheres no processo composicional de Lamentações (cf. 2.10 acima). Um dos aspectos relevantes à pesquisa atual em Lamentações é o envolvimento direto de mulheres nos âmbitos da vida que concernem o horizonte deste livro. Pyper[451] faz ácida crítica a Lamentações, considerando-o repleto de imagens de mães abandonadas e abandonadoras muito revelador da violência do pai, justificada às expensas da mãe. Mostra assim a cumplicidade humana com a própria destruição, que deveria escandalizar o leitor, revelando aspectos humanos, mas especialmente masculinos de

> ... medo, ambição, insegurança, seu modo viciado de falar da divindade, num processo psicológico constante de engendrar personificações através das quais tais emoções possam ter vazão. O Deus silencioso e vingativo de Lamentações, bem como a figura da mãe violentada e do filho que se auto-justifica, são uma tal personificação.[452]

Se Guest[453] desejaria expurgar Lamentações com sua imagem opressora da mulher do Cânon, Pyper vê na exposição dessa opressão no Cânon um modo de gerar, pelo escândalo que pode desencadear, uma consciência dessa postura autodestrutiva. Já Sandie

---

[451] PYPER, Hugh S. Reading Lamentations. In: *Journal for the Study of the Old Testament*. [s.l: s.n], 2001, vol. 95, p. 55-69.

[452] Ibid., p. 68. Adaptado do original: "...it is a revelation ... of the involvement of human – mostly, but not exclusively, male – fear, greed, insecurity and viciousness in all the speaks of the divine, and of the constant psychological process of engendering of personifications on whom these emotions can be vented. The silent and vengefull God of Lamentations, as much as the abused mother and the self-justifying son, is such a personification".

[453] GUEST, Deryn. Hiding Behind the Naked Women in Lamentations: A Recriminative Response. In: *Biblical Interpretation*. Leiden: Brill, 1999, vol. 7, p. 413-448.

Gravett[454] advoga que traduzir expressões como estupro, corretamente ou como interpretação consciente, pode permitir uma abordagem crítica à ideologia que transparece no contexto bíblico, mas pode também meramente replicá-la em nosso contexto. Em 2004 Flesher[455] apresentou um ensaio em um encontro da Society of Biblical Literature em que defende um contraste entre as imagens proféticas de mulheres e as de Lamentações, argumentando que nos livros proféticos a imagem feminina é de adúltera, depreciativa, enquanto em Lamentações a imagem feminina seria de vítima, buscando demover Javé a reverter a situação exílica. Recentemente também Silvia Schroer[456] publicou um considerável trabalho sobre as competências de mulheres israelitas tematizando especialmente o lamento fúnebre e a necromancia, aspectos importantes para a pesquisa sobre o contexto vivencial de Lamentações e dos gêneros relacionados.

A perspectiva de sobreviventes de catástrofes envolvendo a composição de Lamentações já foi mencionada (cf. 2.11 acima). Além disso, Bail[457] faz considerações complementares a Linafelt[458], vendo neste livro um "lugar" para expressar uma atual "falta de lugar no mundo" para pessoas em aflição. Também nesta linha, relacionando com atenção e imaginação estratégias de sobrevivência na releitura de Lamentações em livros proféticos está outro trabalho da autora[459].

Alguns artigos e comentários têm retomado a questão da teodicéia – ou tragédia - em relação a Lamentações. Destaquem-se Dobbs-Allsopp[460] e Renkema[461] nesta

---

[454] GRAVETT, Sandie. Reading "Rape" in the Hebrew Bible: A Consideration of Language. In: *Journal for the Study of the Old Testament*, London e New York: Continuum, 2004, vol. 28, p. 279-299.

[455] FLESHER, LeAnn Snow. Zion: Disciplined Adulterous Wife or Endangered Virgin Daughter? Ensaio apresentado à *Annual Meeting of the Society of Biblical Literature* em novembro de 2004, citado em <http://www.absw.edu/perspectives/winter05/seminaryinthecity-winter05.php3> com acesso em 10.11.2005.

[456] SCHROER, Silvia. *Häusliche und außerhäusliche religiöse Kompetenzen israelitischer Frauen – am Beispiel von Totenklage und Totenbefragung.* Disponível em: <http://www.lectio.unibe.ch/02_1/schroer.htm> e em <http://216.12.134.73/Congresses/Congresses_Abstracts.aspx?MeetingId=3>. Acesso em: 11.8.2005.

[457] BAIL, Ulrike. Spelling out No-Where. Lamentations as a textual space of survival. In: *Lectio Difficilior*. [s.l.: s.n.] 2003. 9p. Disponível em: <http://www.lectio.unibe.ch/03_1/bail.pdf> Acesso em 17.9.2003.

[458] LINAFELT, Tod. *Surviving Lamentations. Catastrophe, Lament and Protest in the Afterlife of a Biblical Book.* Chicago e Londres: The University of Chicago Press. 2000.

[459] BAIL, Ulrike. *"Die verzogene Sehnsucht hinkt an ihren Ort". Literarische Überlebensstrategien nach der Zerstörung Jerusalems im Alten Testament.* Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2004.

[460] DOBBS-ALLSOPP, F. W. Tragedy, Tradition and Theology in the Book of Lamentations. In: *Journal for the Study of the Old Testament*. [s.l.]: [s.n.], 1997, vol. 74, p. 29-60.

[461] RENKEMA, J. Theodicy in Lamentations? In: A. Laato e J. C. De Moor (eds.), *Theodicy in the world of the Bible*, Leiden: Brill, 2003, p. 410-428.

discussão. Geiser[462] oferece uma análise estrutural de Lamentações relacionando-o ao amadurecimento espiritual dos leitores.

[462] GEISER, Joël E. Une école de la prière. Le Livre des Lamentations. In: *Hokhma*, [s.l.: s.n.], 1995, p. 27-40.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESAFIOS DA PESQUISA ATUAL

Do acima exposto fica claro que muitas das complexas questões de Lamentações permanecem sem uma resposa clara e definitiva, mas há avanços importantes em relação à formulação dos problemas e à percepção de um quadro geral provável.

Quanto à autoria, há uma tendência a perceber uma diversidade de influências no texto de Lamentações, um diálogo entre posturas teológicas variadas, com uma certa predominância da pregação profética e uma participação das mulheres e de vítimas da catástrofe. Neste sentido, a idéia de uma composição diacrônica parece bastante adequada; a ela corresponderiam as perspectivas variadas e as diferentes preocupações. Apenas Lm 3 poderia ser algo posterior, de meados do século 5 a.C.

A influência do Oriente Antigo é hoje tratada com maior clareza. Percebe-se, p. ex., que traços de um gênero de lamento perpassou várias culturas do Antigo Oriente, havendo fases de maior e menor interação. Um gênero hebraico do lamento pela cidade certamente surgiu a partir de influências mesopotâmicas, ainda no período pré-exílico. Lamentações apenas representou uma expressão particular dessa absorção e adaptação criativa. Já a concepção da personificação de Sião deu novos contornos à pesquisa sobre o livro e continuará a influenciá-la nos próximos anos.

A riqueza poética e textual de Lamentações ainda carece de respostas, embora nem sempre se as possa obter. O mesmo se dá com a questão do gênero literário de Lamentações, que, apesar das atraentes propostas contemporâneas, ainda abriga incertezas.

A proposta de um programa temático-litúrgico para o lamento comunitário ganha maior força de persuasão.

Considerando a pesquisa atual sobre Lamentações, percebe-se um avanço significativo em termos de questões fundamentais, mas ainda persistem diversas lacunas a serem preenchidas. Hoje a investigação científica lança-se com maior acuidade sobre a questão da participação do ideário profético pré-exílico em Lamentações e sobre a influência de Lamentações no profetismo posterior. Busca-se precisar a concepção da Sião personificada; neste processo se retomam questões importantes como o contexto do Dêutero-Isaías. A pesquisa bíblica também é chamada a integrar melhor os métodos de análise sincrônica à metodologia histórico-crítica, permitindo ganhos de percepção para a exegese bíblica tradicional e estimulando um diálogo mais ágil com as diversas tradições bíblicas. Há grandes desafios a serem vencidos no entendimento do profetismo tardio e de como usa tradições. O papel da mulher no judaísmo exílico e pós-exílico também merece ser melhor estudado. Lamentações oferece muitas possibilidades de avanço no conhecimento dos grupos e pessoas envolvidas na produção de cantos, poesia e rituais no período exílico e pós-exílico.

OBRAS CITADAS E OBRAS CONSULTADAS

AEJMELAEUS, Anneli. Der Prophet als Klageliedsänger. Zur Funktion des Psalms Jes 63,7-64,11 in Tritojesaja. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlim e Nova Yorque: Walter de Gruyter, 1995, vol. 107, p. 31-50.

ALBERTZ, Rainer. *Die Exilszeit. 6. Jahrhundert v.Chr*. Stuttgart et.al.: Kohlhammer, 2001. (Biblische Enzyklopädie, 7). 344p.

ALBREKTSON, Bertil. *Studies in the Text and Theology of the Book of Lamentations. With a critical edition of the Peshitta Text*. Lund: C.W.K.Gieerup, 1963. (STL, 21). 258p.

ALTER, R. *The Art of Biblical Poetry*, New York: Basic Books, 1985

BAK, Dong Hyun. *Klagender Gott – Klagende Menschen*: Studien zur Klage im Jeremiabuch. Berlim e Nova Yorque: Walter de Gruyter. 1990, xiv + 273p. (BZAW, 193)

BAIL, Ulrike. Spelling out No-Where. Lamentations as a textual space of survival. In: *Lectio Difficilior*. [s.l.: s.n.] 2003. 9p. Disponível em: <http://www.lectio.unibe.ch/03_1/bail.pdf> Acesso em 17.9.2003.

____, "*Die verzogene Sehnsucht hinkt an ihren Ort"*: Literarische Überlebensstrategien nach der Zerstörung Jerusalems im Alten Testament. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2004.

BARSTAD, Hans M. On the History and Archaeology of Judah during the Exilic Period. A Reminder. In: *Orientalia Lovaniensia Periodica*, [s.l.: s.n.], 1988, vol. 19, p. 25-36.

BARTHÉLEMY, Dominique. *Critique Textuelle de L´Ancient Testament. 2. Isaïe, Jérémie, Lamentations.* Friburg Suisse e Göttingen: Éditions Universitaires e Vandenhoeck & Ruprecht. 1986. 394p. (Orbis Biblicus et Orientalis, 50/2)

BEER, G. Klagelieder. In: *Kurzes Bibelwörterbuch*, Tübingen: [s.n.], 1903, p. 365-366.

BERGES, Ulrich. Personifications and Prophetic Voices of Zion in Isaiah and Beyond. In: Johannes C. de Moor (ed.), *The Elusive Prophet*: The Prophet as a Historical Person, Literary Character and Anonymous Artist. Leiden et. al.: Brill, 2001, p. 54-82.
(OTS, 45)

____. *Klagelieder*. Freiburg im Breisgau et.al.: Herder. 2002. (HThKAT). 312p.

____. Gottesgarten und Tempel: Die neue Schöpfung im Jesajabuch. In: KEEL, Othmar; ZENGER, Erich (eds.), *Gottesstadt und Gottesgarten*: Zu Geschichte und Theologie des Jerusalemer Tempels. Freiburg i.Br.: Herder, 2002, p. 69-97.

BERGLER, S. Threni V – nur ein alphabetisierendes Lied? Versuch einer Deutung. In: *Vetus Testamentum*, 1977, vol. 27, p. 304-320.

BERLIN, Adele. *Lamentations*, Louisville: Westminster John Knox, 2002. xxvi + 135p. (Old Testament Library)

BICKELL, G. Kritische Bearbeitung der Klagelieder. In: *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*, Wien: [s.n.], 1894, vol. 8, p.101-121.

BIDDLE, Mark E. The Figure of Lady Jerusalem: Identification, Deification and Personification of Cities in the Ancient Near East. In: K. L. Younger Jr. et al. (eds.), *The Biblical Canon in Comparative Perspective*, Lewiston et. al.: Edwin Mellen, 1991, p. 173-199. (Scripture in Context, 4)

BOASE, Elisabeth. *The fulfilment of doom?*: The dialogic interaction between the Book of Lamentations and the pre-exilic/early exilic prophetic literature. Murdoch: Murdoch University, 2003. (Dissertação de PhD) viii+372p. Disponível em 20/9/2005 em <http://wwwlib.murdoch.edu.au/adt/browse/view/adt-MU20041102.124257>.

BOECKER, Hans-Jochen. *Klagelieder*. Zürich: Theologischer Verlag, 1985. 103p. (ZBK: AT, 21)

BOEHMER, Julius. Ein alphabetisch-akrostisches Rätzel und ein Versuch es zu lösen. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, [s.l.: s.n.], 1908, vol.[?], p. 53-57.

BOSMAN, H. Two Proposals for a Structural Analysis of Lamentations 3 and 5. In: *Proceedings of the Third International Coloquium*: Bible and Computer: Interpretation, Hermeneutics, Expertise; Tübingen, 26-30 August, 1991. Paris: Champion – Geneva: Sklatkine, 1992, p. 77-98.

BOYCE, Richard Nelson. *The Cry to God in the Old Testament*. Atlanta: Scholars Press, 1988. x + 93p. (SBL-Dissertation Series, 103)

BOWERS, P. Acquainted with Grief: The Special Contribution of the Book of Lamentations. In: *AJET*, [s.l: s.n.], 1990, vol. 9, p. 33-39.

BRACKE, J. M. *Jeremiah 30-52 and Lamentations*. Louisville e Westminster: John Knox Press, 2000. (WBC)

BRANDSCHEIDT, Renate. *Gotteszorn und Menschenleid*: Die Gerichtsklage des leidenden Gerechten in Klgl 3. Trier: Paulinus-Verlag. 1983. (TThS, 41). 371p.

____. *Das Buch der Klagelieder*. Leipzig: St.Benno-Verlag, 1989. (Geistige Schriftlesung, 13/3). Impressão autorizada de Patmos-Verlag: Düsseldorf 1988. 168p.

BRUEGGEMANN, W. Trajectories in Old Testament Literature and the Sociology of Ancient Israel. In: *Journal of Biblical Literature* vol. 98, 1979, p. 161-185.

BRUG, J. P. Biblical Acrostics and Their Relationship to Other Ancient Near Eastern Acrostics. In: W. W. Hallo, B. W. Jones e G. L. Mattingly (eds.), *The Bible in the Light of Cuneiform Literature: Scripture in Context*. Lewiston: Edwin Mellon Press, 1990, vol. III, p. 283-304. (Ancient Near Eastern Texts and Studies, 8) Disponível em <http://www.wls.wels.net.library/Essays /Authors/B/BrugAcrostics.pdf>. Acesso em 22.12.2004.

BRUNET, Gilbert. *Les Lamentations contre Jérémie*: Réinterprétation des quartre premiéres Lamentations. Paris: Presses Universitaires de France. 1968.

____. La cinquième Lamentation. In: *Vetus Testamentum*. Leiden: Brill, 1983. vol. 33, p. 149-170.

____. Jérémie et les Qînôt de son adversaire. In: P.-M. Bogaert (ed.), *Le livre de Jérémie*: Le prophète et son milieu. Les oracles et leur transmision. Leuven: Univ. Pr., 2. ed. 1997 (BETL, 54).

BUDDE, Karl. Das hebräische Klagelied. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. [s.l.]: Walter de Gruyter, 1882, p. 1-52.

____. Die Klagelieder. In: *Das Hohelied und die Klagelieder.* Freiburg i.B. et.al.: J.C.B.Mohr, 1898, pp. 70-108 (Kurzer Hand-Commentar zum Alten Testament. Abteilung XVII).

CALOVI, Marcos. *Lamentações Capítulo Dois*: Clamor, memória e resistência se transformam em canção no Exílio Palestinense. São Bernardo do Campo: Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. 1990. 120p. (monografia de graduação)

CANNON, W. W. The Authorship of Lamentations. In: *Bibliotheca Sacra.* 1924. Washington: [s.n.], vol. 81, pp. 42-58.

CLIFFORD, Richard J. LAMENTATIONS AND THE TEARS OF GOD. By Kathleen M. O´Connor. Maryknoll: Orbis, 2002. Pp. xvi + 156. $14. In: *Theological Studies*, [s.l.: s.n.], 2003, vol. 64, p. 875-876.

COHEN, M. E. *An Analysis of the Balag-Compositions to the God Enlil copied in Babylon during the Seleucid Period*, Ann Arbor: University of Pensylvania, 1972. 373p. (Dissertação de Ph.D. em Microfilme)

COHEN, Mark E. *"balag-compositions"*: sumerian lamentation liturgies of the second and first millennium b.c. Malibu: Undena Publications, 1974. (SANE I/2)

____. *Sumerian Hymnology: The Eršemma*, Cincinnati: KTAV, 1981. (HUCA Suppl., 2)

____. *The Canonical Lamentations of Ancient Mesopotamia*, Potomac: Capital Decisions, 1988, 2 vols.

COHEN, Shaye J. D.. The Destruction: From Scripture to Midrash. In: *Prooftexts*. Bloomington: The John Hopkins University Press, 1982, vol. 2, p. 18-39.

COOPER, J. S. *The Curse of Agade*, Baltimore e Londres: John Hopkins University Press, 1983. xii+292p.

CORNILL, C. H. *Jeremia und seine Zeit*, Heidelberg: [s.n.], 1880.

CROATTO, José Severino. *Ugarit*. Buenos Aires: ISEDET, [s.d.]. 136p. (texto mimeografado)

____. *Mesopotamia*. Buenos Aires: Departamento de Estudios Biblicos – ISEDET, 1961. 177p. (texto mimeografado)

____. *Las migraciones de amorreos, arameos y hebreos em el 2.milenio a.C.* Buenos Aires: Departamento de Estudios Biblicos – ISEDET, 1962. 142p. (texto mimeografado).

____. L´article hébreu et les particules emphatiques dans le sémitique de l´ouest. In: *Archiv Orientální*. Praga: [s.n.], 1971, vol. 39, p. 389-400.

CROSS, F. M. Studies in the Structure of Hebrew Verse: The Prosody of Lamentations 1.1-22. In: C. L. Meyers e M. O´Connor (eds.), *The Word of the Lord Shall Go Forth*: Essays in Honour of David Freedman in Celebration of His Sixtieth Birthday, Winona Lake: Eisenbrauns, 1983, p. 129-155.

DAHOOD, Mitchell. New Readings in Lamentations. In: *Biblica*. Roma: [s.n.], 1978, vol. 59, p. 174-197.

DAY, Peggy. The Personification of Cities as Females in the Hebrew Bible: The Thesis of Aloysius Fitzgerald, F.S.C.. In: F. Segovia e M. Tolbert (eds.), *Reading from this place vol. 2*, Minneapolis: Fortress, 1995, p. 282-302.

DENNISON Jr., James T. The Lament and the Lamenter: Lamentations 3.1-23. In: *Kerux.* Lynnwood: Kerux, 1997, vol.12, p.30-34. Disponível em: <http://www.kerux.com/documents/keruxv12n3a2.asp> Acesso em 10.09.2004.

DE WETTE, W. M. *A Critical and Historical Introduction to the Canonical Scriptures of the Old Testament*, Boston: [s.n.], 1858.

DOBBS-ALLSOP, F. W. *Weep, O Daughter of Zion*: A Study of the City-Lament Genre in the Hebrew Bible. Roma: Editrice Pontificio Instituto Biblico, 1993. (BiOr, 44).

____. The Syntagma of *bat* Followed by a Geographical Name in the Hebrew Bible: A Reconsideration of Its Meaning and Grammar. In: *The Catholic Biblical Quarterly*. [s.l.]: [s.n.], 1995, vol. 57, p. 451-470.

____. Tragedy, Tradition and Theology in the Book of Lamentations. In: *Journal for the Study of the Old Testament*. [s.l.]: [s.n.], 1997, vol. 74, p. 29-60.

____. Linguistic Evidence for the Date of Lamentations. In: *The Journal of the Ancient Near Eastern Society,* New York: Jewish Theological Seminary, 1998, vol. 26, p. 1-36.

____. Lamentations, Book of. In: D. N. Freedman, A. C. Myers e A. B. Beck (eds.), *Eerdmans Dictionary of the Bible*, Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 785-787.

____. Darwinism, Genre Theory, and City Laments. In: *The Journal of the American Oriental Society*, Ann Arbor: American Oriental Society, 2000, vol. 120:4, p. 625-630. Disponível em <http://faculty.gvsu.edu/royerd/courses/495/city_lament.htm> Acesso online em 3.11.2005.

____. Acrostic. In: D. N. Freedman (ed.), *Eerdmanns Dictionary of the Bible*, Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 14

____. The Enjambing Line in Lamentations: A Taxonomy (Part 1). In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlim e Nova Yorque: Walter de Gruyter, 2001, vol. 113, p. 219-239.

____. The Effects of Enjambment in Lamentations (Part 2). In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlim e Nova Yorque: Walter de Gruyter, 2001, vol. 113, p. 370-385.

____. *Lamentations*. Louisville: John Knox. 2002. (Interpretation) xiv+159p.

DOBBS-ALLSOP, F. W. e LINAFELT, Tod. The Rape of Zion in Thr 1,10. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlim e Nova Yorque: Walter de Gruyter, 2001, vol. 113, p. 77-81.

DORSEY, D. A. Lamentations: Communicating Meaning through Structure. In: *EvJ*, [s.l: s.n], 1988, vol. 6, p. 83-90.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. São Leopoldo e Petrópolis: Sinodal e Vozes, 1997. Volume 2. 2. edição.

DROIN, J.-M. *Le Livre des Lamentations*: ´Comment?´ Une traduction et un commentaire. Genebra: Labor et Fides, 1995.

DURLESSER, J. A. The Book of Lamentations and the Mesopotamian Laments: Experimental or Literary Ties. In: *Proceedings of the Eastern Great Lakes Bible Societies* [s.l: s.n], 1983, vol. 3, p. 69-84.

EMMENDÖRFFER, Michael. *Der ferne Gott*: Eine Untersuchung der alttestamentlichen Volksklagelieder vor dem Hintergrund der mesopotamischen Literatur. Tübingen: Mohr Siebeck. 1998. (Forschung zum Alten Testament, 21). 328p.

FALKENSTEIN, Adam. Die Ibbîsîn-Klage. In: *Die Welt des Orients*, Göttingen: [s.ed.], 1950, vol. 1, p. 377-384.

____. Fluch über Akkade. In: *Zeitschrift für die Assyriologie*, 1965, vol. 23 (57), p. 44-124.

FALKENSTEIN, Adam e SODEN, Wolfran von, *Sumerische und Akkadische Hymnen und Gebete*. Stüttgart e Zürich: Artemis-Verlag. 1953.

FERRIS Jr., Paul Wayne. *The Genre of Communal Lament in the Bible and the Ancient Near East*. Atlanta: Scholars Press, 1992. xviii + 190p. (SBL-Diss. Series, 127)

FISHELOV, D. *Metaphors of Genre*: The Role of Analogies in Genre Theory, University Park: Pennsylvania State University Press, 1993.

FITZGERALD, Aloysius. The Mythological Background for the Presentation of Jerusalem as Queen and False Worship as Adultery in the OT. In: *The Catholic Biblical Quarterly*. [s.l: s.n], 1972, vol. 34, p. 403-416.

FLÖCKNER, C. Über den Verfasser der Klagelieder. In: *Theologische Quartalschrift*. Tübingen, 1877, vol. 59, p. 187-280.

FRANCISCO, Edson de Faria, *Manual da Bíblia Hebraica*: Introdução ao Texto Massorético. São Paulo: Vida Nova, 2003. 172p.

FREEDMAN, D. N. Acrostics and Metrics in Hebrew Poetry. In: *Harvard Theological Review*, Harvard: [s.n.], 1972, vol. 65, p.367-392.

____. Acrostic Poems in the Hebrew Bible: Alphabetic and Otherwise. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, Washington: [s.n.], 1986, p.408-431.

FREEDMAN, D. N. e FANGE, Erich A. von. Metrics in Hebrew Poetry: The Book of Lamentations Revisited. In: *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne: Concordia Theological Seminary, 1996, p. 279-305. Disponível em <http://www.ctsfw.edu/library/files/pb/1202>. Acesso em 22.12.2004.

FREVEL, Christian. Zerbrochene Zier. Tempel und Telmpelzerstörung in den Klageliedern (Threni). In: KEEL, Othmar; ZENGER, Erich (eds.), *Gottesstadt und*

Gottesgarten. Zu Geschichte und Theologie des Jerusalemer Tempels. Freiburg i.Br.: Herder, 2002, p. 99-153. (Quaestiones Disputatae, 191)

FRIES, S. A. Parallele zwischen den Klageliedern Cap. IV, V und der Maccabäerzeit. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, [s.l.: s.n.], 1893, vol. 13, p. 110-124.

GADD, C. J.. The Second Lamentation of Ur. In: THOMAS, D. W.; McHARDY, W. D. (ed.). *Hebrew and Semitic Studies Presented to Godfrey Rolles Driver*, Oxford: [s.ed.], 1963, p. 59-71.

GARR, W. Randall. The Qinah: A Study of Poetic Meter, Syntax and Style. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, Berlin: Walter de Gruyter, 1983, p. 54-75.

GEISER, Joël E. Une école de la prière. Le Livre des Lamentations. In: *Hokhma*, [s.l.: s.n.], 1995, p. 27-40.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Der bittende Mensch*: Bittritual und Klagelied des Einzelnen im Alten Testament. Neukirchen: Neukirchener Verl., 1980. x + 195p. (WMANT, 51)

____. *Psalms, Part 1, with na Introduction to Cultic Poetry*. Grand Rapids: Eerdmans, 1988. (FOTL, 14)

____. *Psalms, Part 2 and Lamentations*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001. (FOTL, 15).

GESENIUS, Wilhelm. *Hebräische Grammatik.* 28. edição amplamente revista por E. Kautzsch. Leipzig: [s.n.]. 1909.

GLATT-GILAD, D. A. Lamentations of Jeremiah. In: P. J. Achtemeier et al. (eds.), *Harper Collins Bible Dictionary*. San Francisco: Harper San Francisco, 1996, p. 587-588.

GORDIS, Robert. Commentary on the text of Lamentations (Part Two). In: *Jewish Quarterly Review*. Philadelphia: [s.n.] 1967-1968. vol. 58, p. 14-33.

____. *The Song of Songs and Lamentations.* Revised edition. New York: Ktav. 1974.

GORDON, Cyrus. Ugarit in Retrospect and Prospect. In: G. D. Young (ed.), *Ugarit in Retrospect*: Fifty Years of Ugarit and Ugaritic. Winona Lake: Eisenbrauns, 1981.

GOTTLIEB, Hans. *A Study on the Text of Lamentations*. Arhus: [s.n.]. 1978. (Acta Jutlandica XLVIII, Theology Series, 12). 80p.

GOTTWALD, Norman K. *Studies in the Text of Lamentations*. London: S.C.M.Press. 1954. (Studies in Biblical Theology). 122p.

____. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas. 1988 [original inglês 1985], p. 501-506.

____. Lamentations, Book of. In: Interpreter´s Dictionary of the Bible, New York: Abingdon Press, [s.d.], p. 61-63.

____. Faces of a lamenting city: The development and coherence of the Book of Lamentations, by Jannie Hunter. Beiträge zur Erforschung des Alten Testaments und des antiken Judentums, 39. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1996. 155pp. $35.95. In: *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*. Nebraska?: University of Nebraska Press, 2000, vol. 18, p. 136-137.

GOUS, I. G. P. A Survey of Research on the Book of Lamentations. In: *Old Testament Essays*. Pretoria: [s.n.], 1992, vol. 5, p. 184-205.

____. Exiles and the dynamics of experiences of loss: the reaction of Lamentations 2 on the loss of land. In: *Old Testament Essays*. Pretoria: [s.n.], 1993, vol. 6, p. 351-363.

____. Reason to believe: Cognitive strategy in the acrostic Psalm 34. In: *Old Testament Essays*, Pretoria: OTSSA, 1999, vol. 12, p.455-467.

GRAY, G. Buchanan. The Forms of Hebrew Poetry. III. Parallelism and Rhythm in the Book of Lamentations. In: W. Robertson Nicoll (ed.), *The Expositor*. London: Hodder and Stoughton, 1913, vol. 6, p. 117-140.

GREEN, Margaret W. *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago: The University of Chicago, 1975 (Dissertação de Ph.D. em Microfilme)

____. The Eridu Lament. In: *Journal of Cuneiform Studies*. New Haven: [s.ed.], 1978, p.127-167.

____. The Uruk Lament. In: *Journal of the American Oriental Society*. New Haven: The American Oriental Society, 1984, vol. 104, p. 253-279.

GROSS, Heinrich. *Klagelieder*. Würzburg: Echter Verlag, 1986, 42p. (NEB-KAT, 14)

GROSSBERG, Daniel. Lamentations. In: *Centripetal and Centrifugal Structures in Biblical Poetry*, Atlanta: Scholars Press, 1989, p. 83-104.

GUEST, Deryn. *Jeremiah, Lamentations*.Waco:Word Books,1988. (ComC,17)

____. Hiding Behind the Naked Women in Lamentations: A Recriminative Response. In: *Biblical Interpretation*. Leiden: Brill, 1999, vol. 7, p. 413-448.

GUINAN, M. D. Lamentations. In: R. E. Murphy, J. A. Fitzmyer e R. E. Brown (eds.), *New Jerome Biblical Commentary*. London: Geoffrey Chapman, 1990, p. 558-562.

GUNKEL, Hermann. Klagelieder Jeremiae. In: *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*, 2. ed., Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1929, vol. 3, p. 1051-1052.

GWALTNEY Jr., W. C.. The Biblical Book of Lamentations in the Context of Near Eastern Lament Literature. In: W. W. Hallo et al. (eds.), *Scripture in Context II: More essays in the Comparative Method*, Winona Lake: Eisenbrauns, 1983, p. 191-211.

HALLER, Max. Die Klagelieder. In: M. Haller e K. Galling, *Die fünf Megilloth*, Tübingen: J.C.B.Mohr (Paul Siebeck), 1940, p. 91-113. (HAT, 18,3)

HARDMEIER, Christof. *Kritik der Formgeschichte auf texttheoretischer Basis am Beispiel der prophetischen Weheworte*: Die prophetische Klagerufe als Stilform der Redeeröffnung im Rahmen einer unheilsprophetischen Trauermetaphorik. Heidelberg. 1975. Tese doutoral. Cópia mimeografada de original datilografado.

____. *Texttheorie und biblische Exegese*: Zur rhetorischen Funktion der Trauermetaphorik in der Prophetie. Munique: Chr. Kaiser, 1978.

____. *Textwelten der Bibel entdecken*: Grundlagen und Verfahren einer textpragmatischen Literaturwissenschaft der Bibel. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2003. 2 vols.

HARRISON, R. K. Lamentações. In: *Jeremias e Lamentações*: Introdução e Comentário. Trad. Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, [1973] 1980, p. 153-189.

HÄUSL, Maria. Die Klagelieder – Zions Stimme in der Not. In: Luise Schottrff e Marie-Theres Wacker (eds.), *Kompendium Feministische Bibelauslegung*. 2. ed. corrigida. Gütersloh: Kaiser, Gütersloher Verlagshaus, 1999, p. 270-277.

HEIKENS, Henk. The Alphabet in Lamentations. A ´Dagmaat´ Contribution. In: VV.AA., *Give Ears to My Words*: Psalm and other poetry in and arround the Hebrew Bible. Essays in honour of Professor N. A. van Uchelen. Amsterdam: Societas Hebraica Amstelodamensis, 1996, p. 189-196.

HELBERG, J. H. Land in the Book of Lamentations. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlim e Nova Yorque: Walter de Gruyter, 1990, vol. 102, p. 372-385.

HILLERS, Delbert R. *Lamentations: A New Translation with Introduction and Commentary*, 2. ed. New York: Doubleday. 1972 (Anchor Bible, 7a)

____. Observations on Syntax and Meter in Lamentations. In: *A Light Unto My Path*: Festschrift J. M. Myers. [s.l.: s.n.], 1974, p. 265-270. (Gettysburg Theol. Studies, 4)

____. *Hôy* and *Hôy*-Oracles: A Neglected Syntactic Aspect. In: *The Wold of the Lord Shall Go Forth*: Essays in honour of David Noel Freedmann. Winona Lake: [s.n.], 1983, p. 185-188.

____. *Lamentations*: A New Translation with Introduction and Commentary. 2. ed. rev., New York etc.: Doubleday, 1992. (Anchor Bible, 7a)

____. Lamentations, Book of. In: D. N. Freedman (ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, New York etc.: Doubleday, 1992, vol. 4, p. 137-141.

HIRSCH, Hans E. Die "Sünde" Lugalzagesis. In: *Festschrift für Wilhelm Eilers*: Ein Dokument der internationalen Forschung zum 27. September 1966, Wiesbaden: [s.n.], 1967, p. 99-106.

HÖLSCHER, Gustav. *Das Buch Hiob*, 2. ed., Tübingen: J. C. B. Mohr, 1952. (HAT, 17)

HOOP, R. de. Lamentations: The Qinah-Metre Questioned. In: M. Korpel e J. Oesch (eds.), *Delimitation Criticism. A New Tool in Biblical Scholarship*, Assen: Van Gorcum, 2000, p.80-104.

HORGAN, Maurya P. A Lament over Jerusalem (`4Q179´). In: *Journal of the Semitic Studies*, [s.l: s.n], 1973, vol. 18, p. 222-234.

HUEY Jr., F. B. *Jeremiah, Lamentations*. 1993. Nashville: Broadman. (NAC, 16)

HUNTER, Jannie. *Faces of a Lamenting City*: The Development and Coherence of the Book of Lamentations. Frankfurt am Main: Peter Lang. 1996, 155p. (BEATAJ, 39)

JAHNOW, Hedwig. *Das hebräische Leichenlied im Rahmen der Völkerdichtung*. Giessen: Alfred fon Töppelmann, 1923. 272p. (BZAW, 36)

JANSSEN, Enno. *Juda in der Exilszeit*. Ein Beitrag zur Frage der Entstehung des Judentums. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1956.

JANZEN, Waldemar. *Mourning Cry and Woe Oracle.* Berlim e Nova Yorque: Walter de Gruyter. 1972, 91p. (BZAW, 125).

JOHNSON, Bo. Form and Message in Lamentations. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlim e New York: Walter de Gruyter, 1985, vol. 97, p. 58-73.

JOYCE, Paul. Lamentations and the Grief Process: A Psychological Reading. In: *Biblical Interpretation*. [s.l: s.n], 1993, vol. 1, p. 304-320.

KAISER, Barbara Bakke. Poet as "Female Impersonator": The Image of Daughter Zion as Speaker in Biblical Poems of Suffering. In: *The Journal of Religion*. [s.l: s.n], 1987, vol. 67, p. 164-183.

KAISER, Otto. Klagelieder. In: O. Kaiser etc.. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester.* 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981 (ATD, 16/2), p. 291-386.

____. Klagelieder Jeremias (Threni). In: E. Fahlbusch et al. (eds.), *Evangelisches Kirchenlexikon. Internationale theologische Enzyklopädie*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, (1986-1996) 1989, vol. 2, cols. 1295-1297.

____. Klagelieder. In: H.-P. Müller et.al. *Das Hohelied. Klagelieder. Das Buch Ester.* 4. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992 (ATD, 16/2), p. 91-198.

____. Literary Criticism and *Tendenz*-Criticism: Methodological Reflections on the Exegesis of Isaiah. In: Robert P. Gordon (ed.), *"The Place Is Too Small for Us"*: The Israelite Prophets in Recent Scholarship, Winona Lake: Eisenbrauns, 1995 (Sources for Biblical and Theological Study, 5), p. 495 - 512.

KAUTZSCH, E. *Die Poesie und die poetischen Bücher des Alten Testaments*. Tübingen e Leipzig: [s.n.], 1902.

KEIL, C. F. *Biblischer Commentar über den Propheten Jeremia und die Klagelieder*. Leipzig: [s.n.], 1872.

____. The Lamentations of Jeremiah. In: idem, *The Prophecies of Jeremiah.* Eerdmans: Grand Rapids, 1950, vol.2, p.333-455. Traduzido para o inglês por J. Kennedy do original editado em Leipzig, em 1872. (BCOT).

KILPP, Nelson. Eine frühe Interpretation der Katastrophe von 587. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlin: W. de Gruyter, 1985, vol. 97, p. 210-220.

KRAUS, Hans-Joachim. *Klagelieder (Threni)*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 4. ed. 1984.[1. ed. 1956]. (Biblischer Kommentar: Altes Testament, 20). 98p.

____. *Geschichte der historisch-kritischen Erforschung des Alten Testaments*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1988. 620p. (4. ed., idêntica à 3. ed. ampl. de 1982)

KRAMER, Samuel N. *Lamentation over the Destruction of Ur*. Chicago: The University of Chicago Press, 1940. xii+97+6p. (Assyriological Studies, 12)

____. The Oldest Literary Catalogue: A Sumerian List of Literary Compositions Compiled about 2000. B.C. In: *BASOR*, [s.l.: s.n.], 1942, p. 10-19

____. *Sumerian Literary Texts from Nippur in the Museum of the Ancient Orient at Istanbul*. New Haven: ASOR, 1944. (AASOR 23)

____. New Literary Catalogue from Ur. In: *Revue d´assiologie et d´archéologie orientale*, Paris: [s.n.], 1961, vol. 55, p. 169-176.

____. Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur. In: J. B. Pritchard (org.). *Ancient Near East Texts Relating to the Old Testament*. 3ed. Princeton: [s.ed.], 1969, p. 611-619.

____. Lamentation over the Destruction of Nippur - A Preliminary Report. In: *Eretz Israel*, Jerusalem: [s.ed.], 1969, vol. 9, p. 89-93.

____. Lamentation over the Destruction of Nippur. In: M. Yoshikawa (ed.), *Acta Sumerologica Japonica*. Hiroshima: The Univ. of Hiroshima, 1991, vol. 13, p.1-26.

KRECHER, Joachim. *Sumerische Kultlyrik*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1966.

KUGEL, James L. *The Idea of Biblical Poetry*: Parallelism and Its History. New Haven et. al.: Yale University Press, 1981.

KUTSCHER, R. *Oh Angry Sea (a-ab-ba hu-luh-ha)*: The History of a Sumerian Congregational Lament, New Haven: Yale University Press, 1975.

LABAHN, Antje. Trauern als Bewältigung der Vergangenheit zur Gestalltung der Zukunft. Bemerkungen zur Anthopologischen Theologie der Klagelieder. In: *Vetus Testamentum*. Leiden: Brill, 2002, p. 513-527.

LACHS, Samuel Tobias. The Date of Lamentations. In: *The Jewish Quarterly Review*, [s.l.: s.n.], 1966, vol. 57, p. 46-56.

LEE, N. C. *The Singers of Lamentations*: Cities under Siege, from Ur to Jerusalem to Sarajevo. Richmond: Presbyterian School of Christian Education, 2000 (tese doutoral)

____. *The Singers of Lamentations*. Cities under Siege, from Ur to Jerusalem to Sarajevo… Leiden: Brill, 2002. (BIS, 60).

LEVINE, Étan. *The Aramaic Version of Lamentations*. Nova Yorque: Hermon Press. 1976. 203p.

LINAFELT, Tod. *Surviving Lamentations*: Catastrophe, Lament and Protest in the Afterlife of a Biblical Book. Chicago e Londres: The University of Chicago Press. 2000.
x + 180p.

LIVERANI, Mário. Model and Actualization: The Kings of Akkade in the Historical Tradition. In: Idem (ed.), *Akad*: The First World Empire - Structure - Ideology, Tradidions. Padova: Sargon SRL, 1993, p. 41-67.

LÖHR, Max. Der Sprachgebrauch des Buches der Klagelieder. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. [s.l: s.n], 1894, vol. 14, p. 31-50.

____. Sind Thr. IV und V makkabäisch? In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. [s.l: s.n], 1894, vol. 14, p. 51-59.

____. Alphabetische und alphabetisierende Lieder im Alten Testament. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Giessen: Alfred Töpelmann, 1905, p. 173-198.

____. Die Klagelieder des Jeremias. In: W. Nowack (ed.), *Handkommentar zum Alten Testament*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1906, xvi + 32p.

MANDOLFO, Carleen. F. W. DOBBS-ALLSOPP, Lamentations (IBC; Louisville: Westminster John Knox, 2002). Pp. xiv + 159. $21.95. In: *The Catholic Biblical Quarterly*. [s.l: s.n.], 2003, vol. 65, p. 255-256.

MARCUS, David. Non-Recurring Doublets in the Book of Lamentations. In: *Hebrew Annual Review*. [s.l: s.n], 1986, p. 177-195.

McDANIEL, Thomas F. *Philological Studies in Lamentations*, [s.l.]: John Hopkins University, 1966. (tese doutoral não publicada)

____. Philological Studies in Lamentations I e II In: *Biblica*, Roma: [s.n.], 1968, vol. 49, pp. 27-53 e 199-220.

____. The Alleged Sumerian Influence Upon Lamentations. In: *Vetus Testamentum*. Leiden: E.J.Brill, 1968, vol. 18, p. 198-209.

McENTIRE, Mark. Berlin, Adele. Lamentations. Old Testament Library. Louisville: Westminster John Knox, 2002. Pp. xxvi + 135. Hardcover. $39.95. ISBN 0664218490. In: *Review of Biblical Literature*, [s.l.: s.n.], 2003.

MEINHOLD, J. *Einführung in das Alte Testament*, 3. ed., Giessen: [s.n.], 1932.

MESQUITA, Antônio Neves de. Lamentações de Jeremias. In: *Estudos nos livros de Jeremias e Lamentações de Jeremias*, Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979, p. 231-262.

MICHALOWSKI, Piotr. History as Charter: Some Observations on the Sumerian King List. In: *Journal of the American Oriental Society*. New Haven: The American Oriental Society, 1983, vol.103, p. 237-248.

____. *The Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1989. xvi+219+24p. (Mesopotamian Civilizations, 1)

MICHEL, Andreas. *Theologie aus der Peripherie*: Die gespaltene Koordination im Biblischen Hebräisch. Walter de Gruyter: Berlin e New York. 1997. (BZAW, 257).

MILLER, Charles William. *Poetry and Personae*: The Use and Function of the Changing Speaking Voices in the Book of Lamentations, Denver: Univ. of Denver, 1996. (unpublished doctoral dissertation)

____. Reading Voices: Personification, Dialogism, and the Reader of Lamentations 1. In: *Biblical Interpretation*, Leiden: Brill, 2001, vol. 9, p. 393-408.

____. Renkema, Johan. Lamentations. Historical Commentary on the Old Testament. Leuven: Peeters, 1998. Pp. 641, Cloth, No Price Available, ISBN 9042906774. RENKEMA. Johan. Lamentations. Leuven: Peeters, 1998. 641p. (Historical Commentary on the Old Testament). In: *RBL* 07.10.2000. Disponível em: <http://www.bookreviews.org/pdf/2807_1265.pdf> Acesso em 9.9.2003. Texto idêntico em: *Journal of Biblical Literature*, [s.l.: s.n.], 2001, vol. 120, p. 155-157.

____. The Book of Lamentations in Recent Research. In: *Currents in Biblical Research*. London e New York: Continuum, 2002, vol. 1, p. 9-29.

MINKOFF, Harvey. As Simple as ABC. What Acrostics in the Bible Can Demonstrate. In: *Bible Review*, [s.l.: s.n.], 1997, vol. 13, p. 27-31 e 46-47.

MONET, F. *Étude littéraire et critique sur le livre des Lamentations*. Genève: [s.n.], 1875.

MOORE, Johannes C. de e LUGT, Pieter van der. The Spectre of Pan-Ugaritism. In: *Biblica et Orientalia*, Roma: [s.n.], 1974, vol. 3, p. 6-23.

MOORE, Michael S. Human Suffering in Lamentations. In: *Revue Biblique*. Paris: [s.n.], 1983, vol. 90, p. 534-555.

____. F. W. Dobbs-Allsopp, Lamentations (Interpretation; Louisville: John Knox, 2002), Pp. xiv + 159. $21.95. ISBN: 0-8042-3141-9. In: *Journal of Hebrew Scriptures*, 2002 - 2003, vol. 4. Disponível em <http://www.arts.ualberta.ca/JHS/reviews/review037.htm> Acesso em 28.8.2004.

MINTZ, Alan. The Rhetoric of Lamentations and the Representation of Catastrophe. In: *Prooftexts*. [s.l.]: The John Hopkins University Press, 1982, vol. 2, p. 1-17.

MOSKOWITZ, Yehiel Zvi. Lamentations. In: *Five Megillot*, Jerusalem: Mosad Harav Kook, 1990. (hebraico)

MUNCH, P. A. Die Alphabetische Akrostichie in der jüdischen Psalmendichtung. In: *Zeitschrift der deutschen morgenländischen Gesellschaft*, Wiesbaden etc.: [s.n.], 1936, vol. 90, p. 703-710.

NAEGELSBACH, C. W. E. *Die Klagelieder*. Bielefeld e Leipzig: [s.n.], 1868.

NEARY, Michael. The Importance of Lament in the God/Man Relationship in Ancient Israel. In: *IThQ*, 1986, vol. 52, p. 180-192.

O´CONNOR, Kathleen M. Lamentations. In: *The Women`s Bible Commentary*, London e Louisville: SPCK e John Knox Press, 1992, p.178-182.

____. "Speak Tenderly to Jerusalem": Second Isaiah´s Reception and Use of Daughter Zion. In: *The Princeton Seminary Bulletin*. [s.l: s.n], 1999, vol. 20, p. 281-294.

____. Lamentations. Johan Renkema (trans. Brian Doyle; Historical Commentary on the Old Testament; Leuven: Peeters, 1998). Pp. 641. Paper 2100 FB. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, Rome: [s.n.], 2000, vol. 62, p. 334-335.

____. *Lamentations na the Tears of God*, Maryknoll: Orbis, 2002, xvi+156p.

____. Lamentations, by F. W. Dobbs-Allsopp. Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching. John Knox, Louisville, 2002. 159pp. $21.95 (cloth). ISBN 0-8042-3141-9. In: *Interpretation*, 2003, vol. 57.

O´CONNOR, M. *Hebrew Verb Structure*, Winona Lake: Eisenbrauns, 1980.

OETTLI, Sam. *Das Hohelied und die Klagelieder*, Nördlingen: [s.n.], 1889. (Kurzgef. Kommentar zu den Schriften des Alten und Neuen Testaments, 7)

____. Das Hohelied und die Klagelieder. In: W. Volck e S. Oettli (eds.) *Die poetischen Hagiographen (Buch Hiob, Prediger Salomo, Hohelied und Klagelieder)*, Nördlingen: [s.n.], 1889, p. 153ss. (SZ, A.7)

PETERSON, D. L. e RICHARDS, H. R. *Interpreting Hebrew Poetry*. Fortress: Fortress Press, 1992.

PICK, S. *Das dritte Capitel der Klagelieder in seinem sprachlichen Verhältnis zu den Weissagungen Jeremias. Inaugural-Diss. (phil. Fac. Leipzig).* Breslau: [s.n.]. 1888.

PLÖGER, Otto. Die Klagelieder. In: *Handbuch zum Alten Testament.* Tübingen: J.C.B.Mohr, 1969, vol. 18 - Die Fünf Megilloth, p. 127-164.

PROVAN, Iain W. *Lamentations*. Collins: Marshall Pickering. 1990. xviii + 134p. (New Century Bible Commentary)

PYPER, Hugh S. Reading Lamentations. In: *Journal for the Study of the Old Testament*. 2001, vol. 95, p. 55-69.

RADDAY, Y. T. Über Worthäufigkeiten in den Klageliedern. In: *Trumah.* 1992, vol. 3, p. 15-38.

REDDITT, Paul L. Johan Renkema, Lamentations (Historical Commentary on the Old Testament). Leuven, Peeters, 1998. 641 p. 16 x 24. BF 2.100. In: *Biblica.* 2000, vol. 81, p. 282-285.

REIMER, David J. Good Grief? A Psychological Reading of Lamentations. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. Berlim e Nova Yorque: Walter de Gruyter, 2002, vol. 114, p. 542-559.

RENGER, J. Untersuchungen zum Pristentum der altbabylonische Zeit. 2. Teil (Schluss). In: *Zeitschrift für Assyriologie*, Berlin: Walter de Gruyter, 1969, vol. 59, 104-230

RENKEMA, Johan. *"Misschien is er hoop..."*: De theologische vooronderstellingen van het boek Klaagliederen. Franeker: [s.n.]. 1983.

____. The Literary Structure of Lamentations (I-IV). In: W. van der Meer e J. C. de Moor (eds.), *The Structural Analysis of Biblical and Canaanite Poetry*, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1988, pp. 294-396. (JSOT Sup. Series, 74).

____. Klaagliederen. Kampen: [s.n.]. 1993. (COT).

____. Does hebrew *ytwn* really means "fatherless"? In: *Vetus Testamentum*, Leiden: Brill, 1995, vol. 45, p. 119-122

____. The Meaning of Parallel Acrostics in Lamentations. In: *Vetus Testamentum*, Leiden: E.J.Brill, 1995, vol. 45, p. 379-383.

____. *Lamentations*. Leuven: Peeters. 1998. 641p. (HCOT). Tradução ao inglês de: RENKEMA, Johan. Klaagliederen. Kampen: [s.n.]. 1993. (COT).

RE´EMI, S. P., The Theology of Hope: A Commentary on the Book of Lamentations. In: R. Martin-Achard e S. P. Re´emi (eds.) *A Commentary on the Book of Amos and a Commentary on the Book of Lamentations*. Edinburgh: [s.n.], 1984, p. 73-134.

ROBINSON, T. H. Notes on the text of Lamentations. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, Giessen: Alfred von Töpelmann, 1933, vol. 51, p. 255-259.

____. Once more notes on the text of Lamentations. In: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, Giessen: Alfred von Töpelmann, 1934, vol. 51, p. 309-310.

____. Anacrucis in Hebrew Poetry. In: P.Volz, F.Stummer e J.Hempel (eds.) *Wesen und Werden des Alten Testaments*, Giessen: Alfred von Töpelmann, 1936, p. 37-40. (BZAW, 66)

____. Lamentations. In: *The Poetry of the Old Testament*, [s.l.: s.n.], 1947, p. 205-216.

RÖMER, Willem H. Ph. *Sumerische `Königshymne´ der Isin-Zeit*, Leiden: Brill, 1965.

____. *Sumerologie*, Neukirchen: Neukirchen-Vluyn, 1994.

____. *Die Klage über die Zerstörung von Ur*. Münster: Ugarit-Verlag, 2004.

RUDOLPH, Wilhelm. Die Klagelieder. In: *Das Buch Ruth. Das Hohe Lied. Die Klagelieder*. Leipzig: [s.n.], 1939. (KAT,17,3).

____. Die Klagelieder. In: *Das Buch Ruth. Das Hohe Lied. Die Klagelieder.* Gütersloh: Gütersloher, 1962, p. 187-263. (KAT,17,3).

RÜSEN, Jörn. Historisch trauern – Skizze einer Zumutung. In: B. Liebsch e J. Rüsen (eds.), *Trauer und Geschichte.* Köln et.al.: [s.n.], 2001, p. 63-84. (Beiträge zur Geschichtskultur, 22)

SALTERS, Robert B. Lamentations. In: *Jonah & Lamentations*, Sheffield: JSOT Press, 1994, pp. 63-120. (Old Testament Guides).

____. Searching for pattern in Lamentations. In: *Old Testament Essays*, Pretoria: OTSSA, 1998, vol. 11, p. 97-98.

____. The unity of Lamentations. In: *Irish Biblical Studies*, [s.l.: s.n.], 2001, vol. 23, p. 102-110.

SAWYER, John F. A. Daughter of Zion and Servant of the Lord in Isaiah: A Comparison. In: *Jornal for the Study of the Old Testament*. [s.l: s.n], 1989, vol. 44, p. 89-107.

SCHMITT, John J. The Motherhood of God and Zion as Mother. In: *RB*. [s.l: s.n], 1985, vol. 92, p. 557-569.

____. The Virgin of Israel: Referent and Use of the Phrase in Amos and Jeremiah. In: *The Catholic Biblical Quarterly*. [s.l: s.n], 1991, vol. 53, p. 365-387.

SCHÖKEL, Luis Alonso. El ritmo en las traducciones poeticas: Lamentaciones. In: *Daniel. Baruc. Carta de Jeremias. Lamentaciones.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1976,
p. 221-235.

____. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus. 1997. SCHÖKEL, Luis Alonso e OJEDA, José Luz. Lamentaciones. In: *Daniel. Baruc. Carta de Jeremias. Lamentaciones.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1976, p. 179-220.

____. *Manual de Poetica Hebrea*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987. 251p.

SCHÖKEL, Luis Alonso e OJEDA, José Luz. Lamentaciones. In: *Daniel. Baruc. Carta de Jeremias. Lamentaciones.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1976, p. 179-220.

SCHRAMM, G. M. Poetic Patterning in Biblical Hebrew. In: L. L. Orlin et al. (eds.), *Michigan Oriental Studies in Honor of George G. Cameron*, Ann Arbor: The University of Michigan, 1976, p. 167-191.

SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e Esperança no Exílio*: História e Teologia do povo de Deus no Século VI A.C.. São Paulo e São Leopoldo: Paulinas e Sinodal, 1987. 134p. (Coleção Temas Bíblicos)

SHEA, William H. The *qinah* Structure of the Book of Lamentations. In: *Biblica* [s.l: s.n], 1979, vol. 60, p. 103-107.

SCHENKER, Adrian et al. (Org.). *Biblia Hebraica Quinta, Fascicle 18*: General Introduction and Megilloth (Ruth, Canticles, Qoheleth, Lamentations, Esther). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2004. 368 p.

SEYBOLD, Klaus. Akrostichie im Psalter. In: *Theologische Zeitschrift*, Basel: Friedrich Reinhardt, 2001, vol. 57, p.172-183.

SEITZ, Christoph. *Theology in Conflict. Reactions to the Exile in the Book of Jeremiah*. Berlin etc.: de Gruyter, 1989. xi + 329p. (BZAW, 176)

SMITH, Mark S. *Untold Stories*: The Bible and Ugaritic Studies in the Twentieth Century. Peabody: Hendrickson Publishers, Inc., 2001. 252p.

SOLL, Will, Acrostic. In: D. N. Freedman, *The Anchor Bible Dictionary*, New York: Doubleday, 1992, vol. 1, p. 58-60.

SPARKS, Kenton L. *Ancient Texts for the Study of the Hebrew Bible*: A guide to the background literature, Peabody: Hendrickson Publ., 2005, xxxi+482p. Disponível em: <http://eu-stud.eastern.edu/ksparks/sparks%20012705%203galleys.pdf>. Acesso em 26.1.2005.

SPIECKERMANN, H. Stadtgott und Gottesstadt. Beobachtungen im Alten Orient und im Alten Testament. In: *Biblica*, Roma: [s.n.], 1992, vol. 73, p.1-31.

STADELMANN, Luís I. J. Fidelidade em época de crise. A importância dos remanescentes em Judá para a preservação da fé javista. In: *Perspectiva Teológica*. [s.l: s.n], 1987, vol. 19, p. 181-202.

STECK, O. H. Zion als Gelände und Gestallt. Überlegungen zur Wahrnehmung Jerusalems als Stadt und Frau im Alten Testament. In: *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, Tübingen: J.C.B. Mohr, 1989, vol. 86, p.261-281.

STEUERNAGEL, C. *Einleitung in das Alte Testament*, [s.l.: s.n.], 1912.

THENIUS, O. *Die Klagelieder*. Leipzig: Hirzel, 1855. (Kurzgef. exeget. Handbuch zum Altes Testament, 16-17)

THUREAU-DANGIN, François. La ruine de Shirpourla (Lagash) sous le règne d´Ouroukagina. In: *Revue Archélogique*, Paris: [s.n.] 1904, vol. 6, p.26-32.

TINNEY, Steve. *The Nippur Lament.* Philadelphia: The University of Pennsylvania Museum. 1996. (Occasional Publications of the Samuel Noah Kramer Fund, 16).

TREVES, Marco. Conjectures sur les dates & les sujets des Lamentations. In: *Bulletin du Cercle Ern. Renan*, Paris: s.n., 1963, vol. 95, p. 1-4.

VAN DIJK-HEMMES, Fokkelien. Traces of Women`s Texts in the Hebrew Bible. In: A. Brenner e F. van Dijk-Hemmes (eds.), *On Gendering Texts*: Female & Male Voices in the Hebrew Bible. Leiden etcl.: Brill, 1996, p. 17-109.

VANSTIPHOUT, Herman L. J. The Death of an Era. The Great Mortality in the Sumerian City Laments. In: B. Alster (ed.), *Death in Mesopotamia*, Copenhagen: Akademisk Forlag, 1980, pp. 83-89.

____. Een sumeriche stadsklacht uit de oudbabylonische periode: Turmenuna, of de Nippurklacht. In: K. R. Veenhof (ed.), *Schrijvend Verleden*: Documenten uit het oude nabije Oosten vertaald en Toegelicht, Leiden: Zutphen, 1983, p. 330-341.

____. Some Thoughts on Genre in Mesopotamian Literature. In: Karl Hecker e Walter Sommerfeld (eds.). *Keilschriftliche Literaturen*: Ausgewählte Vorträge der XXXII. Rencontre Assyriologique Internationale – Münster, 8.-12.7.1985, Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1986, pp. 1-11. (Berliner Beiträge zum Vorderen Orient, 6)

VON DER HARDT, Hermann. *Threnos, quos vulgus Jeremiae tribuit, in academia Julia in gemini jubilaei celebritate in utriusque honorem et memoriam publice recensendos inicit a. MDCCXII pridie calend. Novembris*. Helmstad: [s.n.], 1712.

WASSERMAN, Nathan. A forgotten Old-Babylonian lament over a city´s destruction: UET 6/2, 403 and its possible literary context. In: *Eretz Israel*, Jerusalem: The Hebrew University of Jerusalem, 2003, vol. 27, p. 126-132.

WATSON, W. G. E. *Classical Hebrew Poetry*, Sheffield: JSOT Press, 1986. 460p.

WEIPPERT, Manfred. Edom und Israel. In: *Theologische Realenzyklopädie*, Berlin etc.: Walter de Gruyer, 1982, vol. 9, p. 291-299.

WEISER, Arthur. Klagelieder. In: O. Ringgren e A. Weiser (eds.), *Das Hohe Lied, Klagelieder, Das Buch Esther.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1958. p. 39-111.

WEST, James E. ADELE BERLIN, Lamentations: A Commentary (OTL; Louisville: Westminster John Knox, 2002). Pp. xxvi + 135. $39.95. In: *The Catholical Biblical Quarterly*, [s.l.: s.n.], 2003, vol. 65, p. 597-599.

WESTERMANN, Claus. *Die Klagelieder*: Forschungsgeschichte und Auslegung. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 1990. 192p.

WIESMANN, Hermann Der Planmaessige Aufbau der Klagelieder Jeremias. In: *Biblica*, [s.l.: s.n.], 1926, vol. 7, p.146-161.

____. Der Verfasser des Büchleins der Klagelieder – ein Augenzeuge der behandelten Ereignisse? In: *Biblica*, [s.l: s.n], 1936, vol. 17, p. 71-84.

____. *Die Klagelieder übersetzt und erklärt*. Frankfurt: Philosophisch-theologische Hochschule Sankt Georgen. 1954. (datilografado)

WILCKE, Claus. Formale Gesichtspunkte in der sumerischen Literatur. In: *Sumeriological Studies in Honor of Thorkild Jacobsen*. Chicago e London: The University of ChicagoPress, 1976, p.205-316. (Assyriological Studies, 20)

WILLIAMSON, H. G. M. Reading the Lament Psalms Backwards. In: Brent A. Strawn e Nancy R. Bowen (eds.), *A God so near*: Essays on Old Testament theology in honour of Patrick D. Miller. Winona Lake: Eisenbrauns, 2003, p. 3-15.

WISCHNOWSKY, Marc, *Tochter Zion*: Aufnahme und Überwindung der Stadtklage in den Prophetenschriften des Alten Testaments. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 2001. 323p. (WMANT, 89)

WISEMAN, D. J. *Chronicles of Chaldean Kings (626-556 BC) in the British Museum*, London: British Museum, 1956.

WITZEL, Marcus. Die Klage über Ur. In *Orientalia*, Roma, 1945, vol. 14, p. 185-234

____. Die Klage über Ur. In *Orientalia*, Roma: [s.n.], 1946, vol. 15, p. 46-63.

ZANDEE, Jan. *De Hymnen Aan Amon van Papyrus Leiden 1350*, Leiden: Brill, 1948.

ZENNER, J. K. Threni 5. In: *Biblische Zeitschrift*, Freiburg i.B., 1904, v.2,p.370-372.